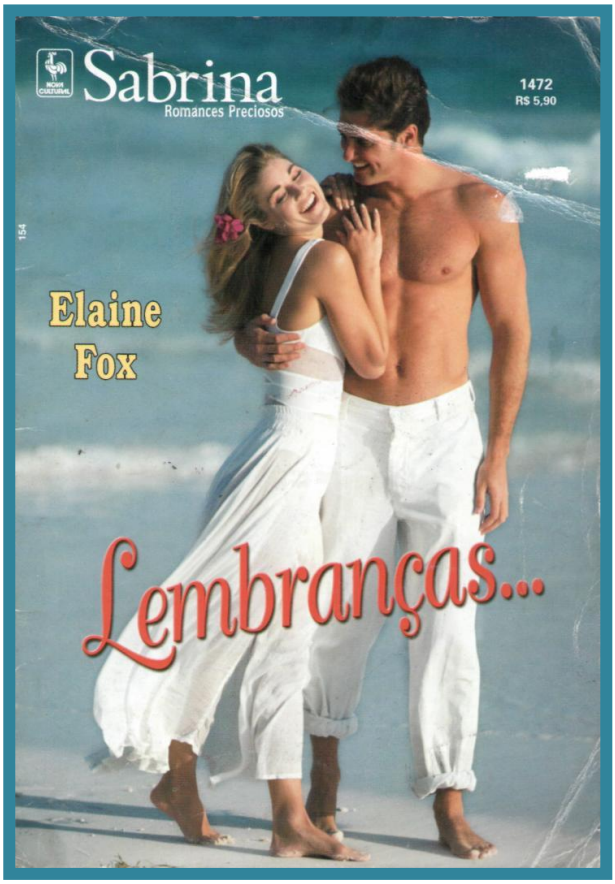
Sabrina 1472

Elaine Fox

Lembranças...

If the Slipper Fits



Se desta vez o sapatinho de cristal servir...

Há muito tempo Anne descobriu que a vida real é bem diferente dos contos-de-fadas.

Ela teve seu príncipe encantado, um rapaz rico e aristocrático, enquanto ela era uma moça simples, que trabalhava na casa de veraneio da família. Havia até uma madrasta má, mas ao contrário das madrastas dos contos-de-fadas, esta embargou o "felizes para sempre" de Anne.

Connor nunca entendeu por que Anne o abandonou. Herdeiro da fortuna do pai, ele retorna à ilha onde passava as férias na juventude, com a intenção de vender a casa e, assim, livrar-se para sempre das recordações dolorosas da jovem que um dia partiu seu coração.

Mas ao encontrar uma mulher deslumbrante e segura de si, diferente da Anne de suas lembranças, Connor se pergunta se valerá a pena correr novamente o risco de se apaixonar...

TÍTULO ORIGINAL: If the Slipper Fits

Digitalização e Revisão: ***Marina***

Formatação: ***Morgana***

ARE
ADORO ROMANCES EM EBOOK

Prólogo

Seja honesta e diga que lamenta não ter escrito essa nota há dez anos atrás. Delores Sayer se apoiou na pia da cozinha e encarou a neta com firmeza. Embora possuísse constituição frágil, e os ombros estreitos estivessem encurvados com o peso dos anos, a voz de timbre modulado não enfraquecera.

Anne Sayer olhou para a folha sobre a mesa da cozinha e tamborilou a caneta no tampo de madeira.

— É uma nota de condolências, vovó. Não creio que seja delicado dizer algo desse tipo.

Fixou o olhar na folha diante de si, buscando inspiração para prosseguir.

Caro Connor...

As duas palavras que conseguira escrever dançavam diante de seus olhos por mais de uma hora. Aquele era o texto mais difícil que já tivera de elaborar, e sua avó não estava ajudando.

— Achei que você fosse preparar o almoço — ouviu-a resmungar ao caminhar com dificuldade para a sala.

— São apenas dez e meia, vovó — ela retrucou, olhando para o relógio.

Fechou os olhos, e o rosto de Connor dançou em seu pensamento.

Ficaria surpreso ao receber a correspondência, ou rasgaria o envelope sem demonstrar o menor interesse pelo conteúdo?

A segunda hipótese parecia ser a mais plausível, refletiu para si. Afinal, fazia onze anos que falara com ele pela última vez... Mas, e se ainda se lembrasse?

Tinha de enviar a correspondência! Aquela seria a ocasião perfeita. Apoiou a caneta sobre o papel, com mãos trêmulas.

Lamento pela morte de seu pai.

Ela hesitou. Não estava sendo sincera. Como sua avó dissera, Bradford Emory deveria ter deixado este planeta muitos anos antes!

Passou os dedos pelos cabelos, tentando afastar os pensamentos negativos. Afinal, ele se fora, e havia levado o passado consigo.

Respirou fundo e prosseguiu:

Sei o quanto você tentou se aproximar dele. Espero que tenha conseguido. Era óbvio para todos que o conheciam que seu pai o amava.

Mesmo questionando a verdade das palavras gentis, decidiu manter a sentença. Afinal, era uma nota de condolências. Não tinha de ser rigorosamente verdadeira.

Apoiou a cabeça com a mão, hesitante. O que mais deveria dizer? Como ele reagiria se dissesse a verdade: "Por favor, volte para mim!?"

Colocou a caneta sobre o papel, absorta em suas reflexões.

Fora há muito tempo... Era de se esperar que Connor já tivesse se casado, ou, no mínimo, assumido compromisso sério. Na certa, já a esquecera.

Mesmo assim, o que tinha a perder?

Connor, espero que volte em breve para Sea Bluff. Faz muito tempo, e...

E... o quê?

Anne suspirou. Gostaria de poder revelar o segredo que oprimia seu coração. Queria que ele soubesse que ainda o desejava... Mas era impossível. Por fim concluiu:

...estou com saudade. Senti sua falta. Com amor, Anne

Fechou o envelope e preencheu com caligrafia precisa o endereço do destinatário.

— Vovó, estarei de volta em um minuto! — avisou, saindo pela porta

dos fundos sem esperar a resposta.

Caminhou com passadas rápidas até a caixa de correio, dois quarteirões à frente, e depositou o envelope antes que se arrependesse.

Ao voltar para casa, flagrou-se calculando quanto tempo deveria esperar pela resposta. Porém, quando fechou a porta atrás de si, a realidade se abateu sobre ela.

Onze anos haviam se passado desde que fora forçada a romper com Connor, fazendo-o acreditar que não o amava. Por onze anos, guardara o segredo que mantinha selado em seu coração, evitando que seu único e verdadeiro amor sofresse ainda mais...

Por que ele deveria se lembrar da paixão avassaladora que haviam vivido tanto tempo atrás?

As reflexões extinguiram a tênue chama da esperança que ainda ardia em algum lugar secreto dentro de si. Seria tolice esperar que Connor respondesse. Seria tolice acreditar que ainda havia alguma chance, por menor que fosse, de rever o homem da sua vida...

Capítulo I

Sea Bluff, Ilha Candlewick, Maine, Seis meses mais tarde

Franklin, tenha cuidado! — Anne censurou o jardineiro em tom mais áspero do que pretendia.

— Não quero que acabe com o canteiro de petúnias.

Apanhou o ramalhete de flores das mãos dele e seguiu pelo caminho de seixos até a varanda. Deteve-se nos degraus e se voltou para avaliar o extenso jardim.

Um sorriso de aprovação curvou-lhe os lábios enquanto percorria com o olhar os exuberantes canteiros em meio à relva aveludada. Arvores

frondosas contrastavam com as folhagens viçosas e as flores coloridas, em completa harmonia.

Perfeito!, disse para si, admirando a touceira de primaveras que caía graciosamente sobre o tanque de carpas.

Mas, se tudo estava na mais primorosa ordem, por que estava tão irritada?, questionou em segredo.

Na certa, a razão de seu mal-estar era a sensação de que havia algum segredo no ar, e todos pareciam saber à exceção de ela própria. Os empregados calavam-se quando se aproximava, e voltavam a discutir animadamente o assunto misterioso logo que se afastava.

Conhecia Franklin, Lois, Prim e Dill desde que era criança, e passara a supervisionar o trabalho deles quando assumiu o posto de governanta de Sea Bluff. Não era justo que conspirassem sobre algum plano secreto que a excluía! Até mesmo Trudy, a nova governanta que começara a trinar, fazia parte da conspiração.

Deu as costas para Franklin, e o gesto abrupto fez com que os cabelos loiro-dourados caíssem sobre seu rosto. Retirou a mecha rebelde com um gesto nervoso, tentando adivinhar a razão dos comentários sussurrados às suas costas.

Descobriria mais cedo ou mais tarde, decidiu ao entrar. Ademais, tinha muito trabalho a fazer, e não pretendia perder tempo com futilidades.

Parou no hall de entrada e colocou as flores no vaso de cristal sobre o aparador. Dedicou alguns minutos para que ficassem exatamente como queria, e caminhou para a sala de estar.

Passeou a olhar pelo piso de mármore bizantino, e fez uma nota mental para pedir a Dill que cuidasse da limpeza dos vitrais que ocupavam toda a extensão da parede lateral.

Com um suspiro, seguiu para a cozinha, disposta a discutir o

cardápio com Prim.

Embora se auto designasse governanta, suas atribuições iam muito além. Anne cuidava de todos os detalhes para que a mansão estivesse sempre impecável e pronta para receber ilustres celebridades, membros da realeza e artistas famosos.

Cuidava daquela mansão havia doze anos, e orgulhava-se de seu trabalho, mas chegara o momento de pensar em seu futuro. Começara a treinar uma nova governanta para substituí-la, e assim que Trudy estivesse pronta, poderia dedicar mais tempo para a si apenas. A vasta experiência em receber convidados e elaborar recepções e jantares na mansão histórica de Sea Bluff a transformara na mais completa especialista em planejar festas. A excelência das recepções que coordenava passou a atrair trabalho fora da mansão, estimulando-a a ter seu próprio negócio, a pequena empresa de eventos *Castelo dos Sonhos,* cujo nome escolhera numa evidente referência à mansão. Além disso, decidira que não havia saído da ilha por quatro longos anos para cursar a Universidade de Turismo e depois guardar o diploma na gaveta.

Muitos hóspedes haviam passado pela mansão desde que os Emory deixaram de freqüentar a ilha, onze anos atrás. E esperava convidados que deveriam chegar dentro de...

Anne olhou para o relógio e levou um sobressalto.

Os convidados!, lembrou-se de súbito, censurando-se por perder tempo com divagações. Tinha de cuidar de todos os preparativos para a chegada dos novos hóspedes que haviam alugado a mansão.

A magnífica construção do século XVIII atraía visitantes de todo o planeta. Além da riqueza histórica, a vasta área à beira-mar na região mais privilegiada da ilha possuía beleza exuberante, conservando bosques de vegetação nativa em perfeita harmonia com todas as facilidades da vida moderna. Sea Bluff era envolvido pela aura de magia selvagem que

encantava a todos que visitavam o local.

Segundo a lenda, o imenso casarão fora erigido por um notório capitão inglês conhecido por suas explorações mercenárias. Durante mais de um ano, ele escravizara os nativos para que construíssem o palacete de três andares, com dezoito quartos, incontáveis nichos e salas e um exótico jardim de inverno, para uma noiva que nunca veria. A jovem espanhola prometida ao capitão morrera no mar, a caminho da ilha, assassinada por piratas que cometeram o crime para se vingar da vilania do capitão.

Solitário e recluso, ele morrera sem nunca ter se casado, e deixara seu legado para o sobrinho, Cornelius Edison Emory, cujos descendentes herdaram a propriedade desde então.

Sim, era uma bela história, Anne pensou enquanto apreciava o polimento dos candelabros de prata sobre a lareira. Deteve-se no centro do secular salão principal, que dera lugar a grandiosos bailes, e girou o corpo, satisfeita com os arranjos de flores colhidas do jardim que distribuíra pelo ambiente.

— Bem, de volta ao trabalho! — disse com firmeza, mas para ninguém em particular.

Seguiu com passadas firmes para a cozinha, relembrando a lista de mantimentos que deveria comprar no vilarejo. Ao atravessar a saleta íntima de refeições, acompanhou o desenho geométrico do piso de mármore que, apesar de contar a história de séculos, ainda brilhava em todo o seu esplendor.

Antes que abrisse as portas duplas da vasta cozinha, ouviu passadas e uma voz familiar atrás de si.

— Aí está você!

Voltou-se para se deparar com Sean Crawford.

— Oh... Bom dia, Sean.

Ela suspirou. Não estava disposta a perder seu valioso tempo com

conversas fúteis.

Não havia como negar que ele era um jovem atraente. Alto, cabelos claros e olhos negros, além do corpo atlético e do sorriso que fazia muitas jovens da ilha suspirarem. No entanto, ao contrário do que todos diziam, ela não estava interessada nas atenções do rapaz, embora somente ele parecesse não notar.

O corretor de imóveis responsável pela locação do castelo a cortejava abertamente, mesmo com as evidentes recusas para jantar e a óbvia intenção de limitar seu contato ao plano exclusivamente profissional.

— Veio conversar sobre os novos hóspedes?

— Sim. Vamos nos acomodar na mesa da saleta de refeições.

Enviou-lhe um longo olhar. Sean não costumava exigir privacidade. Ao contrário, fazia questão de declarar seu interesse para a maior audiência possível.

Anne deu meia-volta, consciente do olhar cravado em suas costas. Puxou uma cadeira e se sentou, fazendo um gesto para que a imitasse.

— Sou toda ouvidos, Sean.

O rapaz se sentou à frente dela e sorriu, tentando deixá-la à vontade.

— Como está? — indagou em tom amigável.

— Estou bem, obrigada — Anne respondeu hesitante, estranhando a atitude condescendente. — Por que não vai direto ao assunto? Está me deixando nervosa!

— Perguntei como está, e isso a deixou nervosa?

— Desculpe-me, Sean, mas você sempre vai direto ao assunto. Aposto que está tentando me preparar para dizer algo terrível! — Apertou as mãos, nervosa. — E sobre minha avó?

Talvez Sean tivesse ouvido alguma notícia no vilarejo. Uma semana atrás, Anne tivera de levar a avó para o hospital. O estado debilitado e os

problemas decorrentes da idade exigiam cuidados específicos, e, mesmo sob uma explosão de protestos, Delores estava internada na enfermaria desde então.

—Não — ouviu-o responder, para seu alívio.—Delores viverá mais do que todos nós. É a respeito dos hóspedes. Eles não são... Ah... Bem, não são exatamente *hóspedes.*

— Meu Deus, e o que são? Seres de outro planeta dispostos a invadir a Terra? — De súbito, o receio que sempre a aterrorizara lhe ocorreu, e ela arregalou os olhos. — Não me diga que os Emory vão...

Sean apertou os lábios e meneou a cabeça em afirmativa, fazendo seu estômago se contrair.

— Eles vão vender Sea Bluff? — Anne ecoou, com a respiração suspensa. — Oh, não! Não podem fazer isso!

— É claro que podem, Anne.

— Mas não querem vender, não é? A propriedade pertence à família há mais de dois séculos!

E aquele lugar era mais do que um lar para ela, pensou com apreensão. Crescera em Sea Bluff, e assumira o posto que fora da avó quando ela se aposentou.

— A verdade é que eles estão de volta — Sean prosseguiu, penalizado ao ver a tristeza evidente no rosto bonito.—Ou melhor, *ele* vai voltar com alguns convidados...

— *Ele?* — Anne repetiu, usando a mesma entonação pronunciada de Sean. — Mas você me disse que os hóspedes eram um homem italiano, Sr. Tucci, e suas filhas Gabrielle e Nicolle...

— Estou falando de Connor. — Suspirou, exasperado. — Por Deus, Anne, eu estava tentando ser delicado!

Ele estava de volta! Repetiu para si. Ele, Connor Emory, seu primeiro e único amor!

Todos os verões, desde que eram crianças até quando completou dezenove anos, Connor vinha com a família passar a temporada em Sea Bluff. A cada verão, o relacionamento entre eles crescia, até que todos foram embora e nunca mais retornaram, onze anos atrás.

Não ouvia falar de Connor desde então, e se lembrava de cada palavra da última vez em que estiveram juntos...

Recostou-se na cadeira e observou Sean. Além de corretor de imóveis, ele também escrevia para o periódico local, especificamente para a seção de fofocas que recusava a denominá-la como tal, preferindo que fosse chamada de coluna social. O *Observador Anônimo* publicava matérias sobre a vida na ilha, segundo ele.

Anne evitou demonstrar qualquer reação ao comentário, consciente de que estava diante do principal responsável por alimentar os boatos locais.

— Por que está tentando ser delicado? — perguntou cautelosa.

— Corrija-me se eu estiver enganado, mas tenho a impressão de que somente deveria mencionar a volta do filho pródigo na sua presença se fosse absolutamente necessário.

Anne sentiu a ponta dos dedos congelarem, e uma súbita onda de frio percorreu seu corpo.

Aquele deveria ser o assunto que todos estavam comentando às suas costas! Connor Emory estava de volta e, na certa, deveriam estar imaginando o que ela faria a respeito.

— E por que eu deveria me importar? — Tentou imprimir tom neutro à voz, consciente de que havia fracassado.

— Bem...

— Espero que pare de fazer suposições desnecessárias e me diga o que realmente interessa. Quanto tempo ele deverá ficar? Devo cuidar de algum detalhe especial para receber o Sr. Tucci?

Será necessário contratar mais funcionários?

— Vocês dois não estavam... envolvidos? — Sean ignorou as perguntas e a fitou com gravidade.

— Envolvidos? — Anne cruzou os braços, com expressão de falsa inocência. — O que quer dizer?

— Está bem, não é preciso confessar, mas sabe que descobrirei mais cedo ou mais tarde. Ninguém consegue manter segredo nesta ilha por muito tempo, e, no momento em que Connor puser os pés aqui, os boatos correrão como o vento. Ficarei sabendo de tudo antes mesmo que ele desfaça as malas.

— Nesse caso, deixarei que os mexeriqueiros de plantão se encarreguem de informá-lo.

Sean apoiou os cotovelos no tampo da mesa e cruzou as mãos.

— *Ele* virá para passar o verão. Deverá ficar cerca de dois meses.

— Está bem — Anne comentou com a maior naturalidade que pôde.

— Há mais alguma coisa que eu deva saber?

— Sim. *Ele* virá acompanhado de três hóspedes, o italiano e suas duas filhas.

— Sim, eu já sabia disso. E poderia, por favor, parar de usar essa entonação ao se referir a Connor?

— Que entonação? — o rapaz arregalou os olhos, expressando falsa surpresa.

— Você sabe muito bem a que me refiro, Sean. — Franziu o cenho, pensativa.

— Creio que há alguns brinquedos no sótão, para as crianças...

— Não se preocupe, Mary Poppins. Elas são adultas.

— Oh... entendo.

A imagem espontânea de uma jovem Sophia Loren, esfuziante e irresistível, preencheu sua imaginação. È se Connor estivesse envolvido

com uma das irmãs italianas?

— Algo errado?

— Claro que não! — mentiu, disfarçando a apreensão. — Vou cuidar da arrumação dos quartos dos hóspedes. Provavelmente, Connor ficará na suíte principal.

— Você não terá com que se preocupar. A mansão está melhor do que nunca. Não sei como consegue manter tudo tão... perfeito

— Sean concluiu, olhando ao redor. — Você trabalhou rápido depois do feriado de Quatro de Julho, e teve apenas uma semana para arrumar toda a bagunça que os últimos hóspedes deixaram!

— Eles necessitarão de algo especial para quando chegarem?

— Abaixou o rosto, corando com o elogio.

— Connor não mencionou. Disse apenas que quer tratamento de primeira classe para seus convidados.

— Todos os convidados que vêm para cá têm tratamento de primeira classe! — ela retrucou, indignada, antes de perceber o sentido do que Sean dissera. — Você... Você falou com ele?

— Claro. Sempre falo com ele quando alguém vem se hospedar em Sea Bluff.

— Sempre?

— Sim, sempre, desde que seu pai morreu. Por quê?

— Por nada... — Anne olhou para as mãos, tentando parecer casual.

— Achei que as irmãs Emory também participassem da negociação.

— Não. Julie e Deborah nunca gostaram daqui. Além disso, ambas estão casadas com homens bem-sucedidos, e têm muitas propriedades pelo mundo.

Ela meneou a cabeça sem dizer nada. As meias-irmãs paternas de Connor eram tão pretensiosas quanto a madrasta. Anne ficara aliviada quando entregaram à propriedade aos cuidados da imobiliária de Sean,

anos atrás. Não ter de tratar dos aluguéis da propriedade com Patsy Emory tornou o trabalho infinitamente mais agradável.

— A esposa de Connor também virá? — Usou o tom mais neutro possível, tentando não demonstrar o nervosismo.

— Não. A esposa de Connor não virá.

Ela o fitou, exasperada. Percebeu o brilho de provocação nos olhos do rapaz e conteve a irritação.

— Você sabe a que estou me referindo, Sean. Connor tem esposa?

— Não — ele respondeu com um sorriso. — Não perca as esperanças, Cinderela. O Príncipe Encantado ainda está disponível.

— Que pena — comentou, sem conseguir reprimir o sorriso de alívio.

— Connor merece encontrar alguém. Talvez ele se sinta muito solitário.

— Eu sei o que isso significa. Às vezes, eu também me sinto solitário.

— Fitou-a com um sorriso provocante. — E você?

Anne ficou em silêncio por um momento. Era óbvio que se sentia oprimida pela solidão, mas não pretendia dar a Sean a versão completa da sua vida.

— Sei que também compartilha desse sentimento, Anne. Você é uma mulher bonita e inteligente, em uma ilha pequena cuja população é constituída por idosos e crianças. Por que não deixa que o único solteiro disponível a leve para jantar? — Ergueu a mão, impedindo-a de protestar. — Sim, você já me disse que não está interessada, mas continuo a acreditar no destino e a acreditar que temos um futuro pela frente. Nós dois formamos o casal mais bonito deste povoado.

— Sean, você fica mais romântico a cada dia que passa.

— Está bem, não quero pressioná-la. Mas pense nisso... Você quer estar sozinha quando Connor chegar à ilha, acompanhado por duas jovens

beldades italianas?

Connor saltou do helicóptero e respirou a brisa marinha, sentindo-se revigorado.

Havia se esquecido de como era reconfortante estar ali. O perfume das flores confundia-se com a maresia, brindando-o com a deliciosa sensação de liberdade e paz.

Por um momento, esqueceu-se de que era o anfitrião, desejando deixar, Marcello sob os cuidados da criadagem para caminhar sozinho pela trilha do bosque que levava à praia.

Ouviu o ruído do motor romper o silêncio e sequer olhou para trás quando o helicóptero levantou vôo no céu azul.

Cumprimentou Dill com um sorriso amigável e indicou as bagagens que deveria levar para o interior da mansão. Apanhou a valise e seguiu em frente, diminuindo o passo ao avistar duas mulheres esperando-o na varanda.

Reconheceu Lois, a jovem camareira que trabalhara para a família no último verão em que estivera lá, e a outra...

Anne... Soube que era ela no momento em que a viu.

Seu sangue congelou quando seus olhos pousaram na exuberante loira, cujo sorriso nunca saíra de seu pensamento. Os olhos azuis da cor do céu eram os mesmos, mas as formas juvenis haviam dado lugar a curvas femininas e voluptuosas. Usava vestido florido em tons de amarelo e lilás, que realçava a pele bronzeada, e parecia mais alta, embora soubesse que não poderia ter aumentado de estatura.

Mas a verdade era que, de alguma forma, ela crescera e se transformara em mulher.

Voltou-se para Marcello e suas duas filhas, Nicolle e Gabrielle, tentando disfarçar o impacto provocado pela mulher que destruíra seu coração.

— E então, qual foi sua primeira impressão?

— Magnífico, *caro mio.*

O elegante senhor se aproximou e pousou a mão nos ombros de Connor, enquanto suas filhas exploravam os arredores, extasiadas.

Marcello Tucci, antigo amigo da família, era um dos mais preeminentes executivos da Europa, e aceitara seu convite para passar férias em Sea Bluff com intenção de comprar a propriedade.

Esperou pacientemente enquanto ele admirava a paisagem ao redor, tentando ganhar tempo para o confronto com Anne.

Com o pretexto de mostrar a trilha do bosque para seu convidado, girou o corpo apenas para que ela se situasse em seu campo de visão. A figura esguia e graciosa o atraiu como um ímã, e teve de se esforçar para desviar os olhos. Ela mantinha as mãos na cintura, num gesto familiar e estranhamente reconfortante.

Anne não perdera o brilho, concluiu quando se aproximou, embora não fosse mais a jovem pálida e tímida que esperava encontrar. Observou que os cabelos estavam mais curtos, à altura dos ombros, num estilo que combinava com o rosto ovalado. Não podia negar que estava ainda mais bonita...

Connor reprimiu o pensamento. Não deveria se importar com a aparência de Anne.

Forçou as pernas a se moverem, e, antes que tivesse tempo de pensar em algo para dizer, ela se aproximou com um sorriso nos lábios e lhe estendeu a mão.

— Gonnor, é um prazer revê-lo.

A voz era a mesma, macia e aveludada, mas percebeu um ligeiro tremor de hesitação. Os olhos conservavam o tom azul brilhante, mas eram mais diretos do que se lembrava. Sua memória o estaria traindo, ou ela realmente havia mudado?

Por apenas um segundo, imaginou o que Anne veria ao olhar para ele... Notaria que também sofrerá o efeito do tempo e das experiências da vida?

Colocou a valise no chão e tomou a mão delicada entre a sua, sentindo o sangue se aquecer ao contato. Em um impulso incontido, aproximou-se e beijou-a na testa.

Percebeu tarde demais que aquele fora seu maior erro.

Uma nuvem de fragrância suave e feminina o envolveu, transportando-o no tempo. Sem notar, aumentou a pressão sobre a mão pequenina enquanto experimentava um intenso e momentâneo *flash-back,* conduzindo-o para o tempo em que a teria puxado para seus braços e beijado a boca sensual com toda a paixão.

Descer do helicóptero e vê-la era sempre o primeiro momento do verão. Os olhares se encontraram e ela alargou o sorriso com o calor da intimidade.

Somente então Connor percebeu que havia se esquecido de respirar. Inalou profundamente e soltou a mão, recuando um passo.

— Anne Sayer... — Forçou um sorriso, o mesmo que usava em encontros de negócios.

— Também é um prazer revê-la. Estou feliz que esteja aqui.

— Eu estou sempre aqui. — Ela riu, desviando os olhos com um relance de timidez.

Connor não notou seu desconforto. Estava concentrado demais em suas próprias reações.

Que loucura estava fazendo? A última coisa que queria era que Anne pensasse que estava disposto a relembrar o passado. Não tinha de beijá-la! Agira como um idiota. Aquela mulher trabalhava para ele. Deveria beijar o jardineiro também?

Anne indicou-lhe Lois, a camareira que estava do seu lado, e fez um

gesto discreto para o rapaz que carregava as bagagens.

— Vou pedir a Dill que leve as malas para os respectivos quartos. Posso ajudá-los em alguma coisa?

— Quem é Dill?

— Oh, é o caseiro. Você deve me lembrar se deparar com alguém que ainda não conhece. Eu me esqueço de que não vem para cá há muito tempo.

— Onze anos, para ser mais exato — Connor disse, arrependendo-se no mesmo instante.

Não a culparia se pensasse que estivera contando os dias desde a última vez que se encontraram!

Um momento de silêncio embaraçoso se interpôs entre eles, e percebeu que Anne o fitava em expectativa.

Forçando-se a se concentrar no presente, Connor notou a presença de alguém atrás de si e só então tomou consciência de que era seu convidado.

— Marcello, sinto muito! Vocês dois não foram apresentados. Anne, este é Marcello Tucci.

Marcello caminhou na direção dela e sorriu.

— Ainda não tive o prazer de conhecer esta bela *signorina!* — Tomou-lhe a mão num gesto galante.

— Você é mais bonita do que imaginei.

Connor fechou os olhos. Agora, ela ficaria sabendo que falara a seu respeito! Como conseguira transformar seu regresso em tamanho desastre?

Anne simplesmente riu, e o som pareceu mais livre e espontâneo do que se lembrava.

— E ninguém me disse que o cavalheiro que acompanharia Connor era tão encantador.

Ao ouvir o comentário desembaraçado, ele soube que já não a conhecia mais.

— Por favor, Lois, mostre as acomodações do Sr. Tucci — ouviu-a dizer. — Dentro de alguns minutos, irei pessoalmente me certificar de que tudo está a contento.

Observaram Marcello, Dill e Lois se afastarem, e Connor fez um gesto indicando o banco de ferro sob o pergolado de primavera.

— Importa-se de dedicar alguns minutos da sua atenção? — pediu em tom formal. — Temos de conversar sobre a casa.

Ela o acompanhou e sentou-se ao lado dele, fitando-o em expectativa.

— Como você sabe, minhas irmãs não se interessam pela propriedade. Quando meu pai morreu, deixou-a sob meus cuidados.

— Sim, eu sei. Eu lhe enviei um bilhete de condolências logo depois que seu pai morreu. Você o recebeu?

— Sim.

— Oh! É mesmo? E por que não... — Interrompeu-se, refreando a curiosidade. — Não que esperasse uma resposta. Queria apenas ter certeza de que recebeu.

— Sim, recebi. Obrigado.

—Estou feliz que esteja de volta. Quando soube que você viria, comecei a pensar em coisas de que não me lembrava há anos...

— Não voltei para relembrar o passado. — Ele se recostou no banco e fixou o olhar no horizonte, receando ouvir o som das próprias palavras. — Anne, vou vender Sea Bluff.

Ela o fitou com a boca aberta, sem saber o que dizer. Embora suspeitasse da intenção dos Emory, ouvir a verdade causou um impacto devastador.

— Vou vender a propriedade — Connor repetiu com mais firmeza,

como se quisesse ter certeza de que ela entendera. — E quero que você me ajude com os empregados.

O sangue correu mais rápido nas veias de Connor ao ver a decepção estampada nos olhos de Anne, e teve de conter o desejo incontrolável de consolá-la.

— É você quem melhor conhece os empregados, e quero que ajude a pensar em uma forma de recolocá-los. Faça uma lista dos nomes, com os respectivos salários e benefícios. Não quero prejudicar ninguém, mas terão de ser dispensados antes do ano-novo.

Abaixou o rosto, oprimido pela culpa. Por que sentia-se como se fosse o vilão da história?

Tudo seria mais fácil se ela não fosse tão bonita! Por mais que tentasse esconder as emoções, o nervosismo evidente transparecia no seu tom de voz.

— O sr. Tucci pretende comprar Sea Bluff?

— Sim. Marcello tem planos de montar um hotel cinco estrelas, e trazer o quadro de funcionários da Suíça. Gabrielle faz questão de que seja assim. Ela afirma que somente os europeus sabem como receber bem — completou com uma risada nervosa.

Anne obrigou-se a se manter firme, e engoliu as lágrimas.

— Sei que isso deve ser um choque para você. Gostaria que houvesse outra forma de dizer, o menos dolorosa possível...

— Não se preocupe. Ficarei bem. — Levantou e, mesmo com o coração dilacerado, forçou um sorriso.

— Sei que o tempo passou, Connor. Muita coisa mudou, e já não sou mais a jovem frágil de onze anos atrás. Acredite, eu me empenharei em ajudá-lo. Afinal, sou apenas uma empregada, e não estarei fazendo nada além do meu dever.

E se afastou com passadas rápidas, antes que Connor visse as

lágrimas que transbordavam de seus olhos.

Capítulo II

Anne se certificou de que os convidados estavam acomodados em seus quartos e passou pela cozinha para supervisionar o preparo do jantar. Finalmente, o longo dia havia terminado, pensou ao caminhar para o carro, estacionado na garagem da edícula dos fundos.

Sentou-se diante do volante e levou alguns segundos para girar a chave na ignição. Suas costas doíam, e a cabeça estava a ponto de explodir. Não fora um dia fácil. O reencontro com Connor incendiara todas as emoções que trancara em seu coração.

E, para piorar, não conseguia apagar a lembrança do beijo que recebera...

Afinal, por que ficara tão excitada?, censurou-se ao dar a partida. Fora apenas um gesto amigável e gentil de alguém que conhecia desde a infância.

Olhou para o relógio de pulso. Faltava vinte minutos para encerrar o horário de visitas na enfermaria. Acelerou ao entrar no vilarejo e virou a esquina na rua estreita que levava ao hospital.

Delores sabia de tudo que acontecia na ilha e, certamente, a crivaria de perguntas sobre o retorno de Connor.

— O que ele lhe disse? — a avó indagou assim que ela entrou no quarto.

Sabia que não seria uma conversa fácil, mas, ao menos, não teria de ouvir as constantes lamentações sobre seu estado de saúde.

— De quem você está falando, vovó? — Anne sentou-se ao lado da cama, tentando ganhar tempo.

— Você sabe de quem estou falando! Connor Emory, claro. Todos

sabem que ele chegou à ilha hoje, com duas jovens italianas.

— E com o pai delas.

— Bem? Ele disse alguma coisa? Mencionou o que aconteceu entre vocês para alguém?

— O passado ficou para trás, vovó. Não creio que ele sequer se lembre do que aconteceu.

— Hum... Não é bom que os convidados saibam sobre o romance tolo e inconseqüente que tiveram.

— Delores ergueu o corpo com dificuldade, ajeitando-se nos travesseiros. — A chegada dele provocou rumores. É melhor que você esclareça a todos que nada aconteceu e que tudo não passou de boatos.

— Connor não dá ouvido a boatos.

— Não importa. Se ele disser alguma coisa a respeito de vocês dois, começarão a falar novamente. Lembra-se do que a mãe dele disse, antes de ir embora? — Delores limpou a garganta e enunciou, em tom afetado: —*As mulheres da família Sayer não resistem aos veranistas ricos!* O exemplo de sua própria mãe deveria servir para alertá-la.

— Vovó, pare com isso! O que mamãe fez é completamente diferente do meu envolvimento com Connor.

Não era a primeira vez que a história de sua mãe influenciava suas próprias ações, e sempre que a avó tocava no assunto, seu coração se apertava.

Anne Lynn Sayer fora uma jovem romântica e ingênua que se entregara de corpo e alma a um amor de verão. Anne era fruto desse amor e, embora sequer tivesse conhecido seu pai, sabia que sua mãe a desejara e amara desde o instante em que descobrira que estava grávida.

Delores tentara com todas as forças amenizar os boatos maldosos que envolveram a família Sayer quando Anne Lynn não pôde mais esconder o ventre arredondado. Nove anos mais tarde, quando recebeu a

notícia de que sua única filha sofrerá um acidente de carro fatal, tornara-se ainda mais amarga.

A difícil convivência com a avó, entretanto, não privara Anne das lembranças felizes dos breves anos que havia usufruído o amor da mãe, com quem aprendera a ter esperança e a acreditar no futuro.

— Eu não quero um novo escândalo envolvendo a família — ouviu Delores censurar, forçando-a a se voltar para o presente. — Você tem uma reputação a zelar. Se não esclarecer a tempo, o povoado todo vai dizer que esperou onze anos para se casar com Connor Emory.

— Não me importa o que vão dizer, vovó.

— Pois deveria se importar! — Delores estendeu o indicador na direção da neta.—Você é uma serviçal, Anne. A família Emory nunca se esqueceu disso.

— Não sou uma simples serviçal. Cursei uma universidade, lembra-se?

— Bobagem! Eles sempre a verão como serviçal. Esse é o seu problema com aquela família.

Anne soltou o ar lentamente.

— Está bem, vovó. Ouça, tenho de ir. Virei visitá-la amanhã à noite. Precisa de alguma coisa?

— Connor sempre vai achar que você tem de trabalhar como serviçal, assim como sua mãe fez para colocar comida à mesa — Delores criticou, ignorando a pergunta. — Não seja ingênua e romântica como sua mãe, menina. Você conquistou sua independência, e tem um grande futuro pela frente. Mas Connor não perceberá isso nem em um milhão de anos...

—Tenho de ir embora.—Anne se levantou, decidida a encerrar o assunto.

— Lembre-se de apenas uma coisa...

Ela se virou com a mão na maçaneta da porta.

— Sei que acha que tudo poderá ser diferente agora, que são adultos. Mas lembre-se, a maçã não cai longe da árvore.

Connor inalou o ar para soltá-lo lentamente enquanto caminhava ao longo da praia.

Aos poucos, sentiu os músculos relaxarem e a tensão se dissipar. Deixou o pensamento fluir livremente, voltando no tempo para quando era um jovem idealista. O que teria acontecido com aquele rapaz?

A resposta surgiu de imediato. Ele havia crescido, concluiu com uma risada amarga.

Talvez pudesse comprar outra propriedade à beira-mar na Califórnia, consolou-se. Jamais teria o mesmo encanto que Sea Bluff, mas planejava mudar sua vida completamente e dedicar-se apenas a objetivos simples e imediatos.

O ruído abafado vindo das pedras ao longo da costa chamou-lhe a atenção.

Não ficou surpreso ao ver Anne descer com agilidade e caminhar na sua direção. Ela parecia fazer parte daquele cenário, como as areias brancas da praia.

Os cabelos dourados esvoaçando ao vento o remeteram a um tempo em que ela correria para seus braços com um sorriso alegre no rosto. Caminhava com altivez, mas não havia perdido a graça natural que possuía desde que era criança.

A simples presença o aqueceu, mesmo a distância.

— Achei que o encontraria aqui — ouviu-a dizer ao se aproximar.

As memórias se evaporaram. Embora fosse a mesma de anos atrás, a garota ingênua e tímida se transformara em uma mulher determinada e confiante.

— Prim disse que você queria conversar comigo...

— Não era necessário que viesse até aqui. Poderíamos conversar no

escritório.

Permaneceram parados, como se evitassem demonstrar o constrangimento por estarem sozinhos.

— Anne, eu sinto muito...

— Eu entendo — consciente de que ele se referia à venda da propriedade. — O tempo passou, e as coisas mudaram.

Connor olhou ao redor. Por um segundo, teve a sensação de que o tempo voltara onze anos, quando ela saíra da sua vida abruptamente.

— Anne, quero que saiba que nada do que está acontecendo tem qualquer relação com... com nosso passado. A decisão de vender a propriedade não depende de nada do que aconteceu.

Ela entreabriu os lábios, como se quisesse dizer alguma coisa, mas hesitou.

— Eu nunca pensaria tal coisa...

Connor calou-se de súbito. Estava cansado de mentir. Sabia que a decisão era uma espécie de vingança secreta, ao mesmo tempo doce e amarga.

— Agora sei que você estava certa todos esses anos. Quero agradecer-lhe por isso. Você foi mais sábia do que eu.

— Eu estava certa? — ela ecoou, atônita.

Seus olhos pareceram se escurecer como as nuvens negras que começavam a encobrir o céu.

— Sim, você foi sábia ao terminar nosso relacionamento naquele verão. Nunca teria dado certo.

— Acabamos de nos reencontrar, e você já decidiu isso?

— Não. Sei há muito tempo, e queria que você também soubesse.

— Então, durante mais de dez anos, você desejou me encontrar para me agradecer por não ficar com você?

— O quê? Não! Não foi o que eu disse...

— Ouça, Connor, essa conversa não é necessária. Depois de muito tempo, você retorna a Sea Bluff e não traz boas notícias... — Ergueu os ombros com um sorriso. — Ao menos, está sendo honesto. Você disse que está feliz por não ter ficado comigo. Ótimo. Eu entendi.

— Anne, por favor, não coloque palavras em minha boca. Não estou feliz por termos nos separado, mas... — Connor aproximou um passo, fitando-a com seriedade. — Por exemplo, no último ano, fui a quatro bailes de caridade, uma dúzia de banquetes e muitos eventos em que fiz discursos.

— E...? — Anne franziu as sobrancelhas com descaso.

— As mulheres com quem tive encontros eram entrevistadas na televisão. Você odiaria o tipo de vida que levo. — Ao menos, era o que ele próprio sentia, pensou. — Como presidente da Companhia Emory, sou forçado a ter um estilo de vida condizente com meu *status* social.

— É por isso que ficou feliz por não estar comigo?

— Por favor, Anne, você sabe o que quero dizer.

— Sabe de uma coisa, Connor? Não há necessidade disso. As decisões que tomamos onze anos atrás foram sob circunstâncias muito diversas das que vivemos hoje, e não creio que seja necessário explicar mais nada.

Ele respirou fundo. Anne o descartara como um brinquedo que não interessava mais. Ela o traíra, e não havia razão para confiar naquela mulher apenas porque onze anos haviam se passado.

— Concordo — ele afirmou com convicção. — Vamos deixar o passado para trás.

— Nesse caso, sugiro que não provoque nenhuma intimidade que nos faça lembrar, como o beijo de ontem, quando me cumprimentou.

— Aquilo não significou nada! Eu simplesmente a cumprimentei, e... — Soltou o ar com força, começando a ficar irritado. — Mas, se esse tipo

de demonstração de afeto a perturba, asseguro-lhe que nunca mais se repetirá.

Encararam-se por um longo momento, conscientes da tensão quase palpável que pairava no ar.

Connor sabia que deveria sair, mas não conseguiu. A brisa agitou os cabelos sedosos de Anne, e uma mecha caiu sobre o rosto adorável. Ele conteve o ímpeto de levar a mão para retirá-la.

— Então, nosso relacionamento deverá se restringir apenas ao aspecto profissional, daqui para a frente?

Connor estendeu a mão para selar o acordo e ela hesitou por um momento.

— Combinado — Anne assentiu por fim, tentando soar convincente.

Ao sentir o toque da mão viril, uma onda de calor a aqueceu. Queria fugir daquele contato, mas uma força misteriosa a impedia, atraindo-a como ímã. O momento pareceu durar uma eternidade, enquanto se olhavam, como se estivessem vendo alguém novo.

Connor observou, imóvel, enquanto ela diminuía a distância entre eles. Fechou os olhos ao sentir o contato dos lábios macios contra os seus, que reagiram como se tivessem vida própria.

Respondeu ao beijo com toda a sua alma. O desejo os incendiou quando os corpos se tocaram.

Connor enlaçou-a pela cintura, aumentando o contato, enquanto sentia o pulsar dos corações como se fossem um só.

Aquele beijo era familiar e, ao mesmo tempo, novo e desconhecido.

Como pudera esquecer o sabor daqueles lábios macios?

De súbito, ela interrompeu o contato e se pôs nas pontas dos pés para alcançar seu ouvido.

— Apenas negócios... — ouviu-a sussurrar calmamente antes de lhe

dar as costas e se afastar.

Anne entrou na mansão pela porta da frente. Depois da conversa com Connor, decidira mudar sua postura. Já que ele estava disposto a deixar Marcello Tucci transformar aquela casa em um hotel, então, ela passaria a agir como hóspede.

Não estava preparada, no entanto, para encontrar o convidado italiano no hall de entrada. Deteve-se com o coração aos pulos, assustada com a própria audácia. Seu primeiro impulso foi sair e entrar pelos fundos, onde havia estacionado seu carro naquela manhã. No entanto, estava tão excitada com o encontro com Connor que seu cérebro parecia paralisado.

— *Signorina* Sayer! — Ele se aproximou com um sorriso cordial. — É um prazer vê-la nesta manhã esplendorosa.

—Esplendorosa? O tempo está nublado e vai chover a qualquer momento!

— Num lugar como este, até mesmo um dia chuvoso se torna belo! Venha comigo. Vamos tomar um drinque.

— Mas são apenas nove e meia da manhã! — ela retrucou, olhando para o relógio de pulso.

— Então, vamos tomar suco de laranja, ou café.

Sem esperar que ela respondesse, Marcello seguiu para a saleta de refeições ao lado da cozinha, onde fora servido o desjejum.

— Sente-se — ofereceu, indicando a cadeira à frente dele. — Bela *signorina,* por que está tão tensa?

— Oh, não estou tensa. — Anne forçou uma risada. — Estou apenas cansada. Não consegui dormir bem ontem à noite.

O que era a mais pura verdade. Havia rolado na cama a noite toda, pensando em Connor e em todas as possibilidades de seu retorno.

— *Perfavore, signorina...* Sei que pareço ser um velho tolo, mas espero que não aparente ser tão estúpido.

— Eu nunca disse isso!

— Acredito que conversou com Connor, não?

— Sim.

— Gostaria de dizer, antes de qualquer coisa, que você é a alma desta casa, *cara mia.* Merece a confiança que os Emory depositaram em você durante todos esses anos. Mas estou certo de que entenderá que eu também devo manter minha lealdade com as pessoas que me serviram ao longo de tantos anos.

— Entendo, sr. Tucci. Tenho certeza de que é um homem íntegro e saberá honrar seus compromissos.

— Sei também que está aborrecida por perder sua posição aqui...

Ele fitou-a de alto a baixo com um sorriso de admiração. Gostava do estilo daquela jovem, concluiu para si.

— Não pretendo trabalhar na mansão por muito tempo, mas creio que a maioria dos moradores desta ilha ficará aborrecida ao saber que Sea Bluff será transformada em um hotel.

— Você quer dizer que minha atitude poderá ter repercussões negativas?

— Quis dizer que é perfeitamente possível encontrar bons empregados na ilha. Creio que sua atitude não será bem aceita se dispensar os habitantes locais, que foram leais aos Emory por décadas.

— Entendo, mas o fato é que necessito de pessoal especializado em receber hóspedes de alto nível.

— Nossa comunidade é formada por pescadores e pequenos fazendeiros, mas a maioria sabe como lidar com turistas e celebridades. Não falo por mim, é claro, mas os empregados mais velhos terão dificuldade em encontrar trabalho.

— Então, está aborrecida por pensar no futuro de seus colegas?

— Sim, e também estou aborrecida porque eu amo este lugar. No

entanto, não tenho medo do meu futuro.

— Por que deveria? Você é jovem, bonita e inteligente...

— Mas pessoas como Prim Walter ou Edward Franklin, o jardineiro, dedicaram suas vidas à propriedade. Esperavam se aposentar aqui. — Anne fechou os olhos, recusando-se a chorar ao perceber que ele a fitava com interesse.—Desculpe minha ousadia, sr. Tucci. Não tive intenção de confrontá-lo. Estou apenas pensando no melhor para meus amigos.

— Permita-me a franqueza, senhorita, mas... — Marcello ficou em silêncio por um longo momento, estudando-a com atenção. — Talvez você não esteja tão aborrecida apenas pela casa ou pelos empregados. Pretendo conseguir colocação para todos. Acredito que está aborrecida consigo mesma.

— O que disse?

— Creio que esta casa representa algo que você julga estar perdendo. É uma perda simbólica.

— Simbólica?

Anne se sentiu pouco à vontade, como se estivesse diante de um policial interrogando um suspeito.

— Você receia perder Connor. É a ele que me refiro.

Ela sentiu a pulsação se acelerar e ergueu o rosto, tentando disfarçar o nervosismo.

— Sr. Tucci, não sei o que sabe a respeito da minha vida. Na certa, conhece as circunstâncias passadas entre Connor e eu...

Hesitou, refletindo sobre até onde deveria ir. Talvez fosse melhor manter a boca fechada até que tivesse tempo de digerir tudo o que acontecera naquele dia.

— Connor e eu nos separamos há muito tempo — prosseguiu, dizendo apenas parte da verdade. — O que estou perdendo agora é meu trabalho e um lugar que amei durante toda a vida e que amo como minha

própria casa. Como se não bastasse, estou perdendo colegas que são como minha família, e uma conexão com esta ilha que nunca poderá ser refeita. Trata-se da realidade, sr. Tucci, e não de simbolismo. Tenho de lidar com ela.

Levantou-se abruptamente, embaraçada pela explosão emocional. Nunca tivera tanta ousadia em toda a sua vida.

— E vai aceitar passivamente perder tudo o que ama?

— Não tenho escolha. Aceito o que não posso mudar. — Deteve-se, desanimada. Por que estava tentando explicar algo que nem ela mesma entendia? — Sr. Tucci, onde pretende chegar com esta conversa? Você não está me dando escolhas. Connor não está me dando escolhas.

Voltou-se e abriu a porta de ligação com a cozinha. Porém, antes de entrar, julgou que deveria pedir desculpas pela atitude explosiva.

— Sinto muito. Está sendo difícil falar sobre isso agora. Para sua surpresa, ele sorriu com gentileza.

— Eu compreendo, senhorita. Mas lembre-se, sempre há escolhas. Você pode lutar pelo que ama.

— Está me convidando a lutar com você por esta casa? — indagou com uma risada. — Sinto muito, mas não sei onde poderia encontrar quarenta milhões de dólares.

— Sugeri que você lutasse para ter o que ama, *cara mia.* É a única forma de enfrentar a vida. Ou, escolha desistir e aceitar seu destino.

Lutar pelo que ama...

Uma semana mais tarde, as palavras ainda ecoavam em sua cabeça.

Como isso seria possível?, refletia ao caminhar com passadas vagarosas na direção da panificadora, no outro extremo das docas.

Se fosse verdade que tivesse tanto poder, Connor se renderia a seus pés quando o beijara na praia.

Mas, ao contrário, fora ela quem estivera disposta a se atirar nos

braços dele...

Como poderia ser diferente? Havia esperado por aquele momento desde que ficara sabendo de seu regresso.

Acelerou o passo, com um suspiro de desânimo. Aquele era seu dia de folga e deveria se dedicar à recepção na mansão Wexler, para a qual a *Castelo dos Sonhos* fora contratada. No entanto, não conseguia parar de pensar em Sea Bluff, como sempre fizera.

Evitara Connor durante uma semana, o que não fora difícil. Ele parecia fazer o mesmo, por não saber como agir depois do último encontro. Mas aquilo não poderia durar para sempre.

Ajeitou os cabelos e seguiu para as docas. De súbito, avistou um vulto se aproximando no píer, vindo do outro extremo. Estreitou os olhos, mas a forma como caminhava era tão distinta quanto seu próprio reflexo.

Connor.

Seguiam na direção um do outro, e ele continuou se movendo até que se encontraram.

Os olhos acinzentados pousaram sobre ela. Seu coração disparou no peito e, por um segundo, receou que suas pernas não a sustentassem mais.

— Bom dia, Anne.

— Bom dia — respondeu, com um sorriso relutante. — Está visitando o vilarejo hoje?

— Sim. — Ele olhou ao redor. — Parece que não mudou muito.

— Nós não gostamos de mudanças.

— Confesso que eu também não, embora tenha de admitir que, às vezes, são inevitáveis.

— Você também mudou, Connor. Está mais maduro... — Calou-se, sentindo-se insegura como uma adolescente. — Quero dizer, isso é bom.

— Você está exatamente como era, com exceção dos cabelos, que

estão mais curtos.

—É mesmo? Vou entender como elogio... —Desviou os olhos, sem conseguir sustentar o contato visual. — Como se sentiu ao voltar?

— Estranho, para ser honesto. Faz muito tempo...

— Mas gostou de ter voltado?

— Sim. Foi bom ter trazido Marcello comigo.

O silêncio constrangedor que pairou entre eles a fez ter certeza de que ambos estavam pensando no beijo que haviam trocado na praia.

— Anne, quanto àquele dia...

Ela sentiu o estômago contrair. Era óbvio que não deveria acontecer de novo.

— Ouça, eu estava a caminho da padaria. — Indicou o estabelecimento, do outro lado do píer.

— Por que não vamos até lá para tomar uma xícara de café?

Connor acompanhou a curva graciosa que a mão delicada traçou no ar.

— Teremos mais privacidade, e você poderá terminar o que estava por dizer.

Ele olhou para o relógio e, em seguida, para o céu, como se esperasse por chuva iminente. No entanto, não havia uma só nuvem branca quebrando a harmonia azul.

— Não se preocupe. Eles não vão começar o almoço sem você, se é o que está pensando.

— Não se trata disso, Anne.

— Oh, eu conheço Prim! Se ela descobrir que vai se atrasar por minha causa, serei proscrita de Sea Bluff! Manterei seu nome em segredo. Prometo. Por favor, aceite em nome da nossa velha amizade.

— Nunca fomos amigos, Anne.

O vento agitou os fios dos cabelos loiros e ela levou a mão para

detê-los, num gesto gracioso.

— Sim, nós éramos. E era isso que fazia tudo ser ainda mais especial.

— Se era tão especial...

— Era especial, Connor — interrompeu, adivinhando o que ele iria dizer.

— Não! — ouviu-o exclamar com veemência, erguendo a mão. — Não quero revolver o passado. Eu disse a mim mesmo, antes de vir para cá, que não queria me envolver com nenhum tipo de reminiscência. Não quero nos forçar a agir como se os últimos onze anos não fizessem diferença. Não vamos fingir, Anne. Se fôssemos velhos amigos, não teríamos nos beijado na praia.

Anne sentiu uma onda de pânico crescer dentro de si.

— Se não podemos ser amigos, o que somos, então? Patrão e empregada? — ela o desafiou, sem esconder o cinismo.

— Sim, isso mesmo. Nossa relação deve se limitar ao aspecto profissional — foi a afirmação fria dele. — Afinal, o que você esperava?

Anne olhou para Connor, e o homem que viu estava longe de ser o mesmo rapaz por quem se apaixonara anos antes.

Na fração de segundo que se seguiu, porém, percebeu que não poderia mudar o passado... mas o futuro estava em suas mãos.

Capítulo III

Anne se recompôs rapidamente e encarou Connor em desafio. — Talvez você tenha razão. Afinal, não nos vemos há muito tempo. No entanto, esperava ser tratada com um pouco mais de... — hesitou, procurando a melhor definição. — Um pouco mais de afeto.

— Afeto? A maioria das pessoas não espera afeto de alguém que

abandonou.

— Há muitas circunstâncias que você desconhece, Connor. Aconteceram coisas...

— Não tente encontrar desculpas para o que aconteceu, nem reescrever a história dizendo-me todas as razões que a motivaram fazer o que fez. E, pelo amor de Deus, não me diga que tudo é diferente agora. Não quero ouvir isso.

Ele abaixou o volume da voz ao perceber um grupo de turistas parado próximo a eles, aparentemente muito interessado na discussão.

Anne não estava disposta a revelar segredos que ainda a machucavam, tampouco explicar sobre todas as razões que justificavam sua atitude. Algumas delas faziam parte do passado, e decidira nunca mais pensar naquilo.

— Quer saber, Connor? Eu também acho que foi melhor termos nos separado — afirmou com falsa convicção. — Não estávamos preparados para o relacionamento. Ademais, o que me restaria, depois de você ter aceitado o trabalho que seu pai lhe ofereceu?

Nos encontrarmos nas férias de verão, alguns dias durante o ano? Não, eu não me arrependo de nada!

— Ótimo. Fico feliz por estarmos de acordo.

— Você parece não acreditar em mim.

— Está vendo? Estamos discutindo! É por isso que devemos nos manter distantes e restringir nossa relação ao aspecto profissional.

— Ótimo!

— Ótimo! — ele repetiu com exagerada convicção.

Anne deu-lhe as costas e seguiu para longe com passos firmes. Quando chegou ao final do píer, lembrou-se de que se esquecera das compras, mas não estava disposta a voltar. Tudo o que queria era sumir da vista de Connor o mais depressa possível.

Herald Press

Ilha de Candlewick

Julho -19- edição

Observador Anônimo

O Observador Anônimo *está de volta!*

Já informei nesta coluna que um dos mais distintos membros de nossa comunidade retornou, trazendo consigo duas beldades italianas. O trio foi visto na semana passada, passeando pelo comércio local, e levaram para a mansão grande quantidade de vinho e queijo.

O nobre cavalheiro em questão não voltava à ilha desde o verão de 1992. Naquela ocasião, especulava-se que mantinha relacionamento com uma certa jovem, membro da nossa comunidade e conhecida por todos. No entanto, isso parece ser história do passado.

Tudo indica que o retorno do filho pródigo se deve à intenção de anunciarem o noivado na ilha. Ainda não sabemos qual das duas beldades será a felizarda, mas esta coluna terá o privilégio de informá-los.

Esperamos a matriarca da família para breve, quando deverá se juntar à festa para organizar o futuro enlace do apaixonado casal...

— Idiota! — Anne exclamou, jogando o jornal sobre a mesa da cozinha.

— De onde Sean tira esses absurdos?

— Não sei, mas o que você acabou de ler é o que todos devem estar comentando — Prim comentou enquanto retirava uma fornada de biscoitos do forno.

— Patsy Emory vem para a ilha? — Anne repetiu, apreensiva. — Se fosse verdade, Connor teria nos avisado. Somos nós que temos de preparar o castelo para receber Sua Alteza.

— Se eu fosse você, trataria de preparar o quarto real — Prim fitou-a com um sorriso malicioso.

— Sobre quem estão falando?

Dill entrou na cozinha a tempo de ouvir o comentário.

— Anne está aborrecida por que Sean Crawford publicou uma matéria anunciando que Connor vai se casar — Fez um gesto indicando o jornal sobre a mesa. — Está no jornal de hoje.

— Não estou aborrecida pela notícia do noivado! — Anne protestou, indignada.

— Em primeiro lugar, Connor não vai se casar. Sean está tentando lançar a idéia e conseguir mais material para publicar. Estou chateada porque ele é um idiota.

— Faz parte do trabalho dele bisbilhotar, querida. — Prim entregou a Dill a bandeja com o bule de café.

— Leve para a saleta de refeições. Os biscoitos estarão prontos em um minuto. E trate de andar logo, se não quiser ser despedido!

Com o coração apertado, Anne observou o rapaz sair da cozinha. Prim e o caseiro faziam parte da família que Anne construíra em Sea Bluff.

Odiava o fato de manter sigilo sobre a venda da mansão. Estava habituada a conversar sem segredos com Dill, Prim e Franklin, e sentia-se mal por omitir um fato tão importante sobre o futuro de seus amigos.

Não havia oportunidades de emprego na ilha. Havia feito uma lista de possibilidades e não encontrara locais em que pudesse recolocar os empregados da mansão.

Além disso, não desejava ser a portadora da notícia. Já fora tola o bastante ao beijar Connor, para em seguida, discutir com ele.

— Você tem certeza de que não está aborrecida pelo fato de o Príncipe Real não ter lhe contado pessoalmente sobre a vinda de Patsy? — Prim indagou, tirando-a dos devaneios.

— Não. E não acho que seja verdade. Ele seria o primeiro a nos dizer que a madrasta está a caminho.

— Espero que Sean esteja enganado — Dill comentou ao retornar. — Aquela mulher é insuportável!

— Ela não é tão má assim.

—Do que está falando, Prim? Ela é um terror!—Anne arrepiou ao se lembrar da última conversa que tivera com Patsy Emory.

— Talvez ela tenha melhorado com o passar dos anos.

As portas duplas da cozinha se abriram, e os três se entreolharam quando Connor entrou, receosos de que ele tivesse ouvido os comentários sobre sua madrasta.

— Bom dia, Connor — a cozinheira saudou com um sorriso.

— Bom dia, Prim — ele respondeu, fazendo um gesto discreto para Anne e Dill.

Ela abaixou os olhos, corando até a raiz dos cabelos. Estendeu a mão em um gesto involuntário, tentando encobrir o jornal para que não visse a matéria do *Observador Anônimo.*

— O que podemos fazer por você?

Connor voltou-se para Prim, excluindo-a da conversa.

— A Sra. Carmichael e a Sra. Mallock virão almoçar — anunciou, experimentando um dos biscoitos que acabara de sair do forno. — O sr. Tucci nos fará companhia. Gostaria que preparasse uma refeição leve e chá gelado.

— A que horas devo servir o almoço?

— No horário de sempre — respondeu, olhando para o relógio. — Talvez um pouco mais tarde.

—Você as convidou, ou foram elas que decidiram vir?—Anne indagou, sem conter a curiosidade.

Sabia que não tinha o direito de interferir, mas não resistiu ao

impulso de perguntar. As duas senhoras eram membros notórios da sociedade local, conhecidas pelos comentários maldosos endereçados a todos que as rodeavam.

— Eu as convide — foi a resposta em tom petulante. — Algum problema?

— Oh, não! Apenas desejo boa sorte. Elas são capazes de cortar sua cabeça e servi-la em uma bandeja, se você permitir.

Ela sentiu o olhar incrédulo de Prim. A verdade era que não sabia sobre o que a esperava ao final do verão. Por que deveria se importar com o que Connor pensava a seu respeito? Não fazia diferença que fosse imprudente com ele.

— Obrigado pelo aviso. Eu tomarei cuidado — ele resmungou ao sair.

Anne acompanhou-o com o olhar, tentando se convencer de que o odiava, a despeito da forma como o torso atlético se evidenciava sob a camisa pólo. Por um segundo, foi assaltada pela lembrança de seus dedos percorrendo a pele morena...

Ele se voltou de súbito, e os olhares se encontraram.

—A propósito, Prim, quero que o almoço seja servido no jardim de inverno. Peça a Franklin que colha algumas flores para fazer um arranjo natural. Essas senhoras fazem parte do clube de jardinagem, não é?

— Creio que sim.

— Anne, você está dispensada no período da tarde, já que não gosta dos meus convidados. Prim poderá nos servir.

Havia desafio nos olhos dele, e ela vislumbrou a sombra de um sorriso nos lábios sensuais.

—Oh, não! Faço questão de cumprir minhas obrigações, exceto que servir as refeições é tarefa de Trudy. — *Ao menos por enquanto,* pensou, enviando-lhe um olhar significativo.

Ele sustentou o olhar por um longo momento antes de se voltar.

— Como quiser — disse antes de sair da sala.

Anne sentou-se e apoiou o rosto com as mãos, esperando que o turbilhão de emoções que a presença de Connor provocara se acalmasse.

Porém, ao observar Prim e Dill cuidando dos preparativos para o café da manhã, seu peito se apertou.

A paz que reinava no ambiente pareceu-lhe uma farsa.

Eles tinham de saber o que estava por acontecer!

— Prim, Dill...

Interrompeu-se abruptamente, e uma idéia que parecia tola a princípio ganhou forças em sua imaginação.

Sim, precisava de um plano! Talvez funcionasse, se contasse com a ajuda de seus amigos...

Ambos a encaravam em expectativa, e ela teve consciência de que agia movida apenas pela emoção.

— Tenho de lhes dizer uma coisa... mas têm de prometer que manterão segredo. Não contem a ninguém, nem mesmo a Trudy.

— O que é?

— Fale logo! — entoaram ao mesmo tempo.

— É algo que poderá nos salvar... — Fez um gesto para que se sentassem. — Cheguem mais perto. Não quero que ninguém mais ouça o que vou dizer...

Algumas horas mais tarde, Anne e Trudy encontravam-se no jardim de inverno retirando a louça da mesa.

Apesar de sua antipatia pelas convidadas do almoço, ela mantivera sua postura profissional e servira um banquete digno de reis.

— Ah, aí está você! — Lois se aproximou com respiração ofegante. — Sua Alteza, o príncipe, quer falar com você.

— Príncipe? — Trudy franziu a sobrancelha, espantada. — O Sr.

Tucci é membro da realeza?

— Ela está se referindo ao Sr. Emory. — Anne censurou a camareira com desagrado. — Lois, você e Prim têm de parar de chamá-lo assim.

— Vou tentar, mas não vai ser fácil. Ele age como se fosse um deus! Que bicho o mordeu? — indagou, abaixando o tom de voz. —Ele estava andando de um lado para outro a manhã toda, e agora foi para o pátio, como se estivesse esperando uma notícia ruim.

— Eu não sei — Anne respondeu com um misto de expectativa e receio.

— Ficou furioso por Trudy ter derramado uma gota de creme de aspargos sobre o guardanapo, e expulsou Franklin do jardim somente porque queria ficar sozinho.

— Talvez o almoço não tenha sido agradável — Anne comentou com um traço de sadismo.

— Quem sabe? — Lois ergueu os ombros. — É melhor que vá procurá-lo logo, antes que ele tenha uma crise de fúria e despeça a todos nós.

— Está bem.

—E prepare-se. Ele está de péssimo humor. Agora entendo por que o relacionamento entre vocês não deu certo! Definitivamente, vocês têm incompatibilidade de gênios.

Anne sentiu o olhar curioso de Trudy sobre Si, e fuzilou Lois por ter trazido o passado diante de uma nova funcionária.

— Oh, droga! Falei demais... Sinto muito, Anne. Não sei onde estou com a cabeça hoje.

— Lois, por favor, diga a Connor que estou no solário, arrumando-o para o jantar.

— Não pode ir ver Sua Alteza primeiro?

Ela suspirou, soltando com força o ar dos pulmões.

— Está bem. Aproveite para limpar os vidros enquanto isso. Voltarei mais tarde para supervisionar.

Saiu acompanhada de Trudy, e a jovem a fitou com curiosidade.

— O que Lois quis dizer quando se referiu a terem gênios incompatíveis?

—Não sei. Vamos logo, antes que o Sr. Emory fique ainda mais bravo e decida nos despedir.

— Despedi-la? — Trudy exclamou, horrorizada. — Ninguém seria louco a esse ponto! Você é fundamental para a sobrevivência de Sea Bluff.

Anne sorriu com amargura, e a pontada de remorso que já estava se tornando familiar oprimiu seu peito mais uma vez.

Seguiu para o jardim e encontrou Connor ao lado do tanque de carpas, com o olhar perdido no horizonte.

— Lois disse que queria falar comigo.

Ele se voltou lentamente, fitando-a como se não registrasse o que via.

— Sim. Prim me contou que você tem uma pequena empresa de coordenação de eventos. Creio que tenha alguma experiência na organização de festas.

— É verdade. É o que pretendo fazer depois que você me despedir...

— Não vou despedi-la.

— Oh, é mesmo... Você apenas vai dispensar meu trabalho no final do verão!

— Vou vender a propriedade. Marcello vai despedi-la. — Ele ergueu o queixo e assumiu seu costumeiro tom profissional. — Você tem experiência em planejar festas?

— Sim. O que acha que tenho feito esses anos todos em Sea Bluff?

— Tem trabalhado como governanta.

— Oh, é claro! Para você, não passo de uma empregada. Ele ignorou

o tom hostil e a encarou com expressão grave.

— Anne, não estou envolvido no dia-a-dia deste lugar. Sei que ainda trabalha aqui e que cuida de tudo, desde os empregados aos impostos e contas para pagar. Não me importa qual seja a descrição do trabalho de cada um. Tudo que quero saber é se poderá se incumbir da festa em homenagem a Marcello, ou então, terei de contratar outra pessoa.

— Claro que sim. Planejar uma festa é exatamente a proposta da *Castelo dos Sonhos,* da qual sou presidente, secretária, relações públicas è única funcionária — respondeu, contendo a raiva.

— Ótimo. Nesse caso, vou contratar os serviços da sua empresa. Vá ao meu escritório amanhã pela manhã para tratarmos de todos os detalhes.

Ela sustentou o olhar cravado sobre si, e a raiva se evaporou no mesmo instante. Desde que Connor retornara, suas emoções oscilavam como um redemoinho caótico e devastador.

Uma onda de ternura a invadiu, e fitou-o com um sorriso.

— Lembra-se da noite em que nos sentamos no tanque de peixes, sob o luar?

— Por que quer saber disso agora?

Embora frio e impessoal, havia uma nota de tensão no tom de voz de Connor.

— Porque é importante para mim que você se lembre.

— É claro que me lembro — ouviu a resposta em tom quase inaudível. — Lembro-me de muitas coisas sobre aquele verão, Anne. Mais do que eu gostaria. Mas, como já lhe disse, não voltei para reavivar velhas memórias. A razão de ter vindo para a ilha resume-se apenas em vender esta mansão e ir embora. Não há nada que eu queira reviver ou relembrar, entendeu? Portanto, não vamos mais falar nesse assunto.

Anne sentiu a pulsação se acelerar e o sangue explodir em seu

rosto. A resposta amarga a fez tomar consciência de que não estava mais diante do homem que amara, onze anos atrás.

— Conheço a razão por ter voltado, Connor, e sinto muito por trazer à tona um tema do qual você não pretende se lembrar. Sei que é difícil... Quero dizer, para mim é difícil...

Ergueu os olhos, e encontrou as íris acinzentadas pousadas sobre si.

— Não sei por que considera difícil, desde que você conseguiu o que queria.

— O que consegui? — ela indagou, chocada.

— Você me abandonou, e era isso o que queria.

— Mas, Connor...

— Por favor, Anne, vamos esquecer o passado e seguir em frente.

— O único problema é que não sabemos mais como agir um com o outro. Nós sempre estivemos próximos... Tudo que eu queria... — começou, mas sentiu a boca secar e não conseguiu completar a sentença.

Percebeu que Connor respirava rapidamente e a expressão em seu rosto havia mudado. A raiva foi substituída pelo olhar frio e calculista e os lábios se curvaram lentamente.

— O que quer, Anne? Ouvir-me afirmar que ainda a desejo? — Alargou o sorriso, fazendo-a antever o perigo. — Que ainda pode fazer com que meu coração dispare no peito?

Quando estava disposta a dar as costas e sair, ela sentiu a mão firme sobre seu pulso. Fechou os olhos e pressentiu o calor da boca possessiva sobre a sua.

Braços fortes a envolveram, ao mesmo tempo em que os lábios viris se apossavam dos seus.

Num gesto involuntário, Anne estendeu os braços para enlaçar as costas largas. Seu coração disparou quando os dedos encontraram os músculos vigorosos das costas.

Ansiava por aquele beijo, ansiava por aquele corpo e sentiu-se derreter quando as línguas se encontraram, numa dança sensual. O tempo pareceu parar, até que ele interrompeu bruscamente o contato. -

— É isso o que quer? — a voz dele soou gentil e desafiadora ao mesmo tempo.

"Sim! Sim, é tudo que quero!", desejou gritar, mas conteve o impulso.

—-E... eu...

Hesitou, com a respiração entrecortada.

Connor recuou um passo e voltou a assumir a mesma expressão fria e profissional de momentos atrás. Afastou-se com passadas vagarosas e se deteve para fitá-la.

—Não entre nesse jogo, a menos que não tenha medo de perder.

Ela observou-o se afastar e um sorriso brincou em seus lábios.

Embora suas emoções estivessem no mais completo caos, o plano que havia elaborado tinha chance de dar certo.

— Não vou perder, Connor — murmurou, confiante. — Não desta vez!

Connor entrou pela porta da cozinha e quase esbarrou em Trudy. Afastou-a do caminho e atravessou a sala de refeições como um touro enfurecido.

—Pelo amor de Deus, Connor, o que há com você? — Marcello seguiu-o até a sala de estar. — Espere por mim, filho! Vamos conversar sobre o que o deixou tão aborrecido.

— Não creio que deseje realmente conversar comigo agora. Não estou em um bom momento.

— Venha, meu jovem.

Incapaz de recusar, seguiu-o para o escritório e fechou a porta.

— Vamos tomar um bom cálice de vinho, enquanto me conta por

que está tão contrariado.

Ele aceitou o cálice e sorveu a bebida em pequenos goles. Marcello limpou a garganta e fez um gesto para que falasse, esperando com paciência.

— Eu não deveria ter voltado para cá — Connor começou, hesitante.

— Bobagem!

— Estou falando sério. Deveria ter ficado na Califórnia e deixado que você e as garotas viessem sozinhos. Não pertenço mais a este lugar. Minha vida se transforma em um caos toda vez que venho até aqui.

— E o que aconteceu desta vez para transformar sua vida em um caos? Você mal para na mansão.

Connor fechou os olhos. Marcello dissera a verdade. Desde que chegara, ele evitava permanecer na propriedade e, quando não saía para o vilarejo ou para uma praia distante, permanecia trancado no escritório.

Porém, o pouco tempo desde que chegara era o bastante para saber que resistir aos encantos de Anne transformara-se em um esforço sobre-humano para ele.

— Você já conheceu uma mulher que tem o poder de transformá-lo no que você tem de pior?

— Não conheci nenhuma que não tivesse — foi a resposta bem humorada de Marcello.

— Mas me refiro a uma, apenas uma, que faça com que você tenha ações que nunca imaginou que tivesse?

— Está falando da *signorina* Anne, não é?

— Sim — admitiu com um suspiro desolado. — Fui um tolo por achar que poderíamos ignorar o passado. Anne e eu... Bem, nós estávamos apaixonados, onze anos atrás, e ela rompeu o relacionamento sem que eu esperasse. Não tinha a menor pista de que ela iria me abandonar...

— O que aconteceu?

Connor hesitou ao pensar no beijo que haviam trocado, imaginando se o velho senhor ficaria chocado se lhe contasse.

— Não se esqueça, sou italiano — Marcello estimulou com um sorriso. — Conheço os caminhos do amor.

— Amor não tem nada a ver com isso. Na verdade, não sei o que está acontecendo comigo. Creio que luxúria é a palavra que melhor descreve o que estou sentindo.

— Você e Anne dormiram juntos?

— Não.

— É pena... — Marcello meneou a cabeça, desanimado. — E como se sente? Você a quer de volta? Ela o quer? Qual é o problema?

— O problema é que ela quer... Bem, honestamente, não sei o que ela quer. Tudo que sei é que me recuso a reviver um passado que já está morto. Não há mais nada entre nós, e não desejo mudar a situação.

— Então, o que há de errado? Ambos estão mais maduros e seguiram a vida. Você não poderá recapturar o passado, mesmo que queira.

— Não é tão fácil. Por alguma razão...

— Hum... Acho que tem medo do que sente por ela — Marcello completou com sabedoria.

— Não sinto nada! — Connor quase gritou, deixando entrever a irritação.

— Bem, suponho que vocês tenham se beijado, e que você esteja envergonhado pelo seu desejo. Isso é bobagem.

— Não é desejo. E vingança.

— Ah... *Vendetta!* Trata-se de um assunto delicado. Mas não creio que seja apenas isso. Se foi magoado por essa mulher, o desejo de vingança é natural. Você não é rancoroso, Connor. É muito mais emocional do que gostaria de admitir.

— Não, o problema é que não sou emocional, Marcello. Não estou magoado, não tenho sentimentos...

— Mágoa e raiva são sentimentos irmãos, meu rapaz. Seguem sempre juntos.

— Então, acredita que estou reagindo em função de ter sido magoado anos atrás? — Passou os dedos pelos cabelos, num gesto de impaciência. — Não, não é possível. A verdade é que ela está fazendo algo... Por alguma razão inexplicável, está tentando me seduzir, e não tenho intenção de tocá-la.

— Mas não tem forças para resistir ao charme da bela Anne, não é?

— Ela está tramando alguma coisa... E está tentando me fazer de tolo mais uma vez.

— Talvez, meu caro, a questão seja que Anne esteja tentando fazê-lo perceber, não o que ela quer, e sim o que não quer...

Capítulo IV

Anne chegou à mansão no dia seguinte com intenção de encontrar Connor a todo custo. Não estava certa do que faria ou diria, mas não pretendia deixar o momento morrer depois do que acontecera no dia anterior. Talvez seduzi-lo fosse a única forma de evitar uma catástrofe, mesmo que tivesse de pagar um preço alto por isso.

Quando abriu a porta da frente, o estrondoso ruído que vinha do salão principal a deixou atordoada. Aflita, fechou a porta com mais força do que pretendia e procurou pela origem do som, com a impressão de que alguém estava cortando uma árvore dentro da casa.

O que estaria acontecendo, àquela hora da manhã? Indagou-se ao verificar no relógio de pulso que passava um minuto das oito horas.

Seguiu para o grande salão quando percebeu uma presença emergir

do andar superior. Ergueu os olhos e viu Connor no hall do segundo andar, com expressão assustada.

Trajava roupa esporte e os cabelos úmidos indicavam que havia acabado de sair do banho. Deslizou o olhar pelo corpo viril, lembrando-se de cada poro, até se deter nos pés...

Ele estava descalço, o que a fez se lembrar dos verões quando ele nunca se calçava e não vestia nada além de short. O que teria acontecido com o espírito livre e aventureiro daquela época?

Com exceção da falta de sapatos, Connor parecia pronto para a passar o dia no clube de campo.

— O que está acontecendo, em nome de Deus? — exigiu, descendo os degraus apressadamente.

Anne abriu a boca para dizer que não tinha a menor idéia, quando ocorreu-lhe de súbito que deveria ser Dill, agindo de acordo com o plano que haviam elaborado para que Marcello mudasse de idéia sobre a venda da mansão.

— Não estou certa — respondeu hesitante.

Os olhares se encontraram e ele parou no meio da escada, claramente surpreso ao perceber que era Anne quem estava a sua frente.

— Anne... — saudou antes de continuar a descer os degraus.

Permaneceram frente a frente olhando-se como se fosse a primeira vez que se viam. Connor enfiou a mão no bolso e passou a outra pelos cabelos. Parecia constrangido, como um adolescente inseguro.

— Ouça, eu... eu gostaria de falar com você. — Ele enviou um olhar aborrecido ao redor, como se esperasse por um momento de silêncio.

— É claro, desde que seja perito em leitura labial — Anne gritou, tentando suplantar o ronco ensurdecedor. — Espere um momento. Vou verificar a origem desse terremoto antes que derrube a casa.

— Não se preocupe. Eu mesmo farei isso.

Ela o seguiu na direção do grande salão. Encontraram Dill no topo de uma escada portátil, tentando abrir um orifício no lambri com uma poderosa serra elétrica. Anne quase pôde ver Gabrielle caindo pela abertura, já que seu quarto localizava-se exatamente naquela posição.

— O que você está fazendo? — a voz de Connor quase não podia ser ouvida diante do ruído ensurdecedor.

— Bom dia, sr. Emory. — O rapaz desligou a máquina no mesmo instante. — Não pretendia acordá-lo.

— Acordar-me? Você deve ter acordado a ilha toda! Exijo que me explique agora mesmo o que significa isso!

Dill meneou a cabeça com um sorriso ingênuo, alheio à fúria que explodia nos olhos de Connor.

— Estou abrindo uma fenda.

— Uma fenda? No teto? — Connor ecoou, perplexo.

O rapaz assentiu. Ele estava a ponto de dizer mais alguma coisa quando Marcello entrou no salão, com os cabelos no mais completo desalinho e um roupão de veludo sobre o pijama.

— O que está acontecendo aqui?

— Cupins — Dill explicou, erguendo os ombros.

— Sei o que ele está tentando fazer. — Anne deu um passo à frente, e ambos se voltaram para ela.

— Percebemos que o madeiramento dos lambris estão infestados de cupins.

— Cupins! *Dio mio!* — Marcello levou as mãos à cabeça. — Se a mansão estiver infestada, corremos o risco de ver o teto desabar sobre nossa cabeça.

Anne trocou um olhar significativo com o rapaz. Quando revelara a Prim e Dill sobre a intenção de venda da propriedade, haviam combinado criar o maior número de defeitos e imperfeições possível, para que o

comprador perdesse o interesse. Infestações de cupins, ratos e outro animais peçonhentos, problemas hidráulicos e elétricos inexistentes estavam no programa, além de qualquer coisa que pudessem improvisar para desestimular a venda.

— Não se preocupem — afirmou, fazendo um gesto discreto para o rapaz. — Vamos arrumar tudo, não é, Dill?

— Oh, claro.

Ele desceu a escada e recolheu a serra, sem demonstrar pressa. Apanhou a vassoura, colocada a um canto, e varreu o pó da serragem, para recolhê-lo com uma pá sem demonstrar a menor pressa. Apanhou o saco de lixo e saiu da sala com passos vagarosos, resmungando algo incompreensível.

— Cupins! — Marcello olhou com pesar para o rombo deixado pela serra elétrica.

— Garanto-lhe que a estrutura não está comprometida — afirmou Connor, enviando um olhar desconfiado para Anne.

— Bem, vou voltar para a cama — Marcello anunciou com um bocejo. — Até mais tarde.

— Connor, você queria falar comigo, não é? — Anne voltou-se para ele quando ficaram a sós.

— Sim. Venha comigo.

Ela o seguiu para a biblioteca e esperou que se acomodasse diante da escrivaninha.

Connor fitou-a por longos momentos. Afastou a cadeira e se sentou, apoiando os cotovelos no tampo. Escolhera esconder-se detrás de algo que o protegesse dos encantos daquela mulher. Anne permaneceu com as mãos sobre o colo e olhar impassível.

— Primeiro, gostaria de me desculpar por ontem — Connor começou em tom de voz impessoal, o mesmo que usava para falar com os

associados de negócios. — Foi... imperdoável.

Naquela noite, enquanto repensava no beijo do dia anterior sem conseguir pregar os olhos, havia planejado pedir a Anne que deixasse Sea Bluff e ficasse o mais distante possível. E era o que pretendia fazer, por mais difícil que lhe parecesse ao tê-la diante de si.

Respirou fundo e continuou:

— Ouça, não sei o que está acontecendo. Você e eu temos uma história, e isso está causando um comportamento inapropriado. Da minha parte, eu me arrependo... — Meneou a cabeça, forçando-se a encará-la. — Arrependo-me profundamente pelo meu comportamento.

Ela sustentava um olhar inocente, mas os lábios sensuais se alargaram em um sorriso.

— Connor...

A intimidade do tom fez os músculos se tencionarem, e ele ficou aliviado por ter a escrivaninha entre eles.

— Eu também devo me desculpar. Eu também fui muito... atrevida — concluiu, com uma risada nervosa.

— Temos de conversar sobre isso. Você não pode...

As palavras subitamente se evaporaram. Afinal, do que poderia acusá-la?

— Anne, não sei o que está tentando fazer, nem quem você é realmente. E você também não me conhece mais. Por que está tentando me provocar o tempo todo?

— Provocá-lo? Está me acusando de brincar de Adão e Eva? Ele riu, mas não havia alegria naquele som. O estado de tensão era evidente no maxilar apertado.

— Está me culpando por lhe oferecer o fruto proibido, Connor? Se acha que é o que pretendo, cabe a você não aceitá-lo. — Anne pousou as mãos nos braços da cadeira. — Pode dizer o que quiser, Connor, mas não

pode negar que ainda sente, como antes.

— Sinto o quê? Amor?

Estava pronto para negar, argumentando veementemente que não a amava. Passara todos aqueles anos tentando se livrar daquele amor. Mergulhara de corpo e alma no trabalho, dedicando-se com afinco a ampliar o império que havia herdado do pai, ocupando todo o tempo livre para não pensar em Anne.

— Não. Não é amor — Ela inclinou o corpo e colocou as mãos no tampo da mesa. — Desejo, Connor. Nunca conseguimos manter as mãos longes um do outro. Por que deveria ser diferente agora?

— É diferente! — Seu pulso se acelerou, e soube no mesmo instante que mentia. — Não posso negar que estávamos apaixonados, mas agora... Agora, somos duas pessoas adultas, saudáveis, e é natural que surja atração física. Mas você quer mais, quer que seja como antes. Não é possível, Anne. Aquela história está morta.

"Você a matou", ela pensou com amargura.

— Se fosse apenas sexo, por que pediria desculpas? Se fôssemos apenas dois adultos se divertindo, por que consideraria seu comportamento imperdoável?

Ele ergueu os olhos, surpreso. Não havia dúvidas, estava diante de uma nova mulher. A jovem que conhecera no passado jamais o enfrentaria com uma resposta como aquela. Por um segundo, não teve como argumentar, e abaixou as pálpebras enquanto refletia.

— Porque, quer queira ouvir ou não, sou seu patrão e lhe devo respeito, e também porque você obviamente entende nossas ações de um modo diferente — ele respondeu por fim, ouvindo com desagrado sua própria voz.

— Posso ser uma simples empregada nesta casa, mas não sou sua empregada. E não entendo nossas ações de uma forma diferente...

Antes que pudesse prosseguir, a porta se abriu abruptamente. Sem desviar os olhos, Connor ergueu as mãos e gritou, irritado:

— Agora não, droga!

— Connor Emory, como ousa falar assim com sua mãe?

Ele viu os olhos de Anne se enevoarem e a cor sumir de seu rosto. Voltou-se lentamente e se deparou com a madrasta parada à porta.

— O que está fazendo aqui? Você disse que não viria. Patsy Emory passeou o olhar de um para outro, consciente da tensão que pairava no ar.

— O que estou fazendo na casa que me pertence e que tenho o direito de visitar sempre que queira?

Connor estudou-a, sem se surpreender com a resposta. Estava acostumado ao humor cáustico da madrasta. Patsy possuía apenas metade da propriedade, e era a principal interessada em se livrar dela.

— Tem razão. Afinal a casa também é sua — disse por fim.

— Vim porque Shirley Carmichael telefonou e disse que você planeja dar uma festa...

— Entendo.

— E, pelo que vejo, cheguei bem a tempo. — A arrogante senhora dirigiu o olhar para Anne.

— Como está sua avó, Anne?

— Ela está bem.

Para sua própria surpresa, ela se manteve calma e controlada.

— Ainda está viva?

— Que tipo de pergunta é essa? — Connor censurou com veemência.

— Sim, está — Anne respondeu sem se deixar abalar. — Está muito bem, na verdade.

— Fico feliz em saber.

— O que exatamente a Sra. Carmichael lhe disse quando telefonou?

— Connor interveio, percebendo o clima tenso.

— Ela me aconselhou a vir para Sea Bluff e ajudar nos preparativos para a festa em homenagem a Marcello, pela venda da mansão.

— A empresa de eventos *Castelo dos Sonhos* vai planejar a festa.

— Meu Deus, que tipo de empresa teria um nome como esse?

— A minha empresa — Anne lançou-lhe olhar de desdém.

— Anne?!

— Sim, ela mesma. Algum problema?

— Connor, é natural que a governanta planeje o jantar, ou até mesmo uma pequena recepção, mas uma festa de gala... — Patsy meneou a cabeça com descaso. — Algumas emissoras de televisão estarão presentes. Terá de ser espetacular! Será a ocasião de dar as boas-vindas para Marcello não apenas em sua chegada nesta ilha, mas na América. Teremos de mostrar o melhor do estilo americano. Receio que Anne não se sinta à vontade para assumir uma responsabilidade de tão grande porte.

Connor se inquietou na cadeira. Evitou olhar para Anne, mas percebeu com a visão periférica que ela se mantinha impassível, sem alterar um só músculo do rosto.

— Ela não é mais uma empregada.

— O que exatamente ela é?

— Sou governanta de Sea Bluff, e cuido da minha empresa de eventos em meus dias de folga — Anne explicou com orgulho.

Connor viu o estranho amálgama da jovem que conhecia confundindo-se com uma nova mulher, determinada e segura. Foi surpreendido por uma ternura tão intensa que desejou se levantar e abraçá-la, e dizer a sua madrasta que o fosse embora daquela ilha para nunca mais voltar.

— Coordenadora de eventos? — A voz de Patsy o trouxe de volta à realidade. — Bem, então, você terá de coordenar o que eu determinar.

Anne se voltou para Connor sem se deixar abalar.

— Tenho de ir. Talvez possamos continuar nossa conversa em outra ocasião.

A situação provocou-lhe um desconfortável *flash-back.*

Anos atrás encontrara Anne saindo da biblioteca, e vislumbrara a presença da madrasta pela porta entreaberta.

Ela pedira que a encontrasse na praia e, poucos minutos depois, o surpreendera com o rompimento.

— Espere, Anne. — Voltou-se para a madrasta. — Sua ajuda não será necessária, Patsy. Anne vai planejar a festa porque eu a contratei, e é o que ela faz. Encontrei-me com o sf. Wexler no vilarejo, e ele não poupou elogios à recepção organizada pela empresa de Anne no último fim de semana. Além disso, não vamos precisar de nada espetacular. Queremos apenas que os convidados sejam bem recebidos e sintam-se confortáveis.

Por um segundo, Anne teve a impressão que Patsy iria explodir. Então, ela colocou um sorriso estudado nos lábios e vestiu a máscara de frieza que costumava usar.

— Está bem. Nesse caso, ficarei para usufruir os resultados. Espero apenas que me mantenha informada sobre o que está planejando, Anne. Seria desastroso para Marcello se algo não desse certo. O bem-estar dele neste país depende do sucesso dessa festa.

— É claro que a manterei informada — Anne afirmou, inclinando a cabeça com polidez.

— Se me der licença, Connor, tenho de supervisionar o trabalho dos empregados.

Ele assentiu, consciente de que ela estava ansiosa por sair daquela sala. Mesmo anos atrás, Anne nunca gostava de ficar no mesmo ambiente que sua madrasta por mais tempo do que o necessário.

Observou-a seguir para a porta sem olhar para nenhum dos dois.

Depois que saiu, Patsy fitou-o por um longo momento, durante o qual soube que algo desagradável estava por vir, e desejou ter seguido Anne para fora do aposento.

— Sei que seu pai o deixou encarregado de administrar Sea Bluff, mas se não mantiver mão firme com seus empregados, eles passarão a mandar em você — ouviu-a censurar com desprezo.

— Anne já lhe causou problemas no passado. Não sei por que ainda a mantém trabalhando na mansão.

Connor juntou as mãos e cruzou os dedos, sentindo a tensão dos músculos.

— Ela não é apenas uma empregada, e você sabe disso.

— Ora, por favor! Não me diga que você ainda não superou aquele relacionamento absurdo que tiveram!

— Não era um relacionamento absurdo, Patsy. Estou falando do fato de Anne ter mantido a propriedade impecável durante esses anos todos. Somente Deus sabe o que teria acontecido se não fosse pelo excelente trabalho que vem realizando. Ela se dedica a esta casa mais do que qualquer um de nós, que somos da família.

Patsy soltou o ar com força e se sentou na cadeira diante dele.

— Você está sendo extremamente romântico, querido. Sei que ela é uma boa moça, e muito atraente, mas agora, você é um homem experiente. Não é mais o adolescente que costumava vir aqui, e sabe o calibre das mulheres que pode atrair. Não precisa se envolver com as garotas bonitas da ilha.

— Você não sabe do que está falando!

— Acredite, sei muito bem. E lembro-me também de ter havido uma controvérsia com ela, anos atrás.

A palavras o remeteram à acalorada discussão que tiveram naquele mesmo aposento, depois que Anne o deixara. Podia se recordar de todas

as palavras. Seu pai permanecera em passivo silêncio, deixando que Patsy falasse por ambos. Finalmente, ela dissera com rispidez que Anne não era boa o bastante para ele, nem para os Emory, e que havia muitos fatos que ele desconhecia...

— Se está se referindo ao fato de que eu estava apaixonado quando ela rompeu o relacionamento, sim, eu concordo. Isso foi um problema, mas já superei.

— Apaixonado por ela? — Patsy riu e fez um gesto de desprezo com a mão. — Não seja ridículo, Connor. Você gostava dela, mas não era nada sério. Seu pai era contra o relacionamento. Essa jovem não está no padrão exigido pela nossa família.

— Sei que Anne é de família humilde.

— Sim, certamente. Mas não é a única questão. — Tamborilou os dedos sobre o tampo da mesa.

— Havia algo mais. Acredito que seu pai achava que ela tinha caráter questionável, embora não esteja certa do que o fazia pensar assim. Você sabe como ele se preocupava com o caráter...

— Caráter questionável?

No passado, Patsy insistira em dizer que Anne pertencia a outra classe social. No entanto, nunca mencionara qualquer falha de caráter.

— Seu pai me disse que a flagrou em situação comprometedora... — Ela olhou para teto, como se fizesse força para se lembrar.

Connor sentiu-se subitamente doente. Ele e seu pai nunca haviam sido próximos, mas não eram inimigos. Compartilhavam relacionamento distanciado e polido, e ele sempre se sentira aceito e respeitado, embora não acreditasse no amor do pai. Era um homem gentil e generoso.

No entanto, não tinha ilusões sobre seu caráter. Ao longo dos anos, inúmeras mulheres haviam pedido demissão ou sido dispensadas na mansão de Atlanta, e sabia a razão. Inadequação para o trabalho era o

termo ameno e educado que Patsy usava para despedir a criadagem e dizer que uma mulher havia dormido com seu pai. A maioria delas recebera grande quantia em dinheiro, e as mais atraentes foram presenteadas com carros, casas e jóias.

Se a madrasta sabia das ações do marido, jamais permitira que alguém suspeitasse de sua descoberta.

Com relutância, pensou no comportamento sedutor de Anne nos últimos dias. E se tivesse se enganado a respeito do caráter dela? E se a mulher sensual e irresistível não fosse, de fato, a verdadeira revelação da jovem ingênua de anos atrás? Se fosse assim, ela o fizera de tolo o tempo todo...

— O que papai disse exatamente?

— Oh, não consigo me lembrar agora, mas não importa mais. Você já decidiu que Anne vai planejar a festa, e não creio que pretenda ter um caso amoroso com ela até o final do verão, não é? Não agora, que Marcello vai comprar a propriedade. Então, não temos de discutir, querido.

— Não estávamos discutindo.

— Estávamos a ponto de discutir. Você está irritado, Connor. Eu o conheço desde que era criança.

— Levantou-se e olhou ao redor. — Bem, onde está Marcello? Ele está satisfeito com a propriedade?

—Por que não deveria estar feliz? — resmungou, levantando-se. Patsy o tomou pelo braço quando ele saiu de trás da escrivaninha.

— Por nada, é claro. Queria apenas ter certeza de que tudo seja perfeito para realizarmos a venda. Tenho planos para o dinheiro, e está mais do que na hora de nos livrarmos dessa propriedade, não é, querido?

Connor seguiu a madrasta em silêncio.

A verdade era que, antigamente, a simples idéia de vender a propriedade seria insuportável. Chegara a sonhar em morar na mansão, e

caminhar pela praia todas as tardes, ao lado da mulher que amava.

Nos momentos em que a vida se tornava difícil, costumava se transportar em pensamento para Sea Bluff, num tempo em que ser feliz era a única coisa que importava.

Porém, a mulher que o ensinara o verdadeiro sentido da felicidade fora a mesma que destruíra seu coração e o privara do amor. Nada mais importava, pensou, sem dar ouvidos ao que Patsy dizia.

Depois que seu coração fora destruído, Sea Bluff se transformara em um lugar como outro qualquer.

Herald Press Ilha de Candlewick Julho — 22- edição Observador Anônimo

O Observador Anônimo *sente-se compelido a informar que durante um almoço, dois dias atrás, viu o Sr. C. E. almoçando com uma senhorita no Café Black Fly. Para descrever este almoço, posso dizer apenas que parecia ser bem íntimo... Estaria o casal fazendo algum tipo de plano? Ouvi distintamente as palavras amor e recepção quando passei pela mesa...*

— Oh, não! Que cretino! — Anne amassou o jornal e jogou-o na lixeira da cozinha. — Você tem visto se Connor e Gabrielle passam muito tempo juntos?

Prim descascava legumes para o almoço, e continuou a trabalhar sem erguer os olhos para ela.

— Passo a maior parte do tempo na cozinha, querida, e não fico por aí bisbilhotando a vida alheia.

— Você os viu juntos! Onde? O que estavam fazendo?

— Não estavam fazendo nada! Eu os vi saindo do jardim de inverno.

— O jardim de inverno...

— E foram almoçar no vilarejo algumas vezes, com a caçula. — Prim

colocou a tigela de vagens sobre a mesa e se sentou. — Aquela adolescente passa o tempo todo ouvindo música no último volume do aparelho portátil que carrega preso à cintura, e se esconde do mundo por trás daqueles fones de ouvido!

— Então, eles foram almoçar juntos...

— Se eu fosse você, não daria importância. É natural que Connor se sinta na obrigação de ser atencioso com seus convidados.

Apesar do conselho, o estômago de Anne se contraiu. Não, ele não seria capaz de flertar com Gabrielle bem diante dos seus olhos! Estaria brincando com ela, logo quando julgava que seu plano de seduzi-lo iria funcionar?

Respirou fundo e tentou se acalmar. O que Gabrielle significaria para Connor? Talvez fosse ela quem estivesse tentando conquistá-lo...

E, a julgar pela forma como Connor se dispusera a tratá-la, não se surpreenderia se realmente anunciasse o noivado com a bela italiana, destruindo de uma vez por todas suas últimas esperanças.

Capítulo V

Anne entrou na mansão pela porta dos fundos, carregando sacolas com verduras e legumes que acabara de comprar.

No dia anterior, ruminara a idéia de falar com Gabrielle para descobrir suas reais intenções com Connor, mas não tivera chance de estar a sós com a jovem. Durante a noite mal dormida, decidira que seria a primeira providência a tomar logo que chegasse à mansão.

Cumprimentou Prim, deixou as compras sobre a pia e empurrou as portas duplas da cozinha. Enquanto marchava para a ala posterior da casa, avistou Dill retirando as dobradiças da porta da frente.

Olhou ao redor com cautela e se aproximou.

— O que pretende fazer, Dill? Depois daquela idéia estúpida dos cupins, creio que talvez seja melhor discutirmos um pouco mais antes de agirmos. A intenção é fazer com que Marcello pense duas vezes antes de comprar a casa, e não obrigar Connor a despedi-lo.

— Não se preocupe. Esse plano vai dar certo, acredite.

— Ele não pode perceber nada, caso contrário, tudo estará perdido.

Ela olhou sobre os ombros, certificado-se de que não havia ninguém por perto, e o sangue congelou em suas veias ao ver Connor e Gabrielle saindo da sala de jogos.

Avaliou-os com atenção. Seria impressão sua, ou os cabelos dela estavam em desalinho?

— O que houve dessa vez? — Connor indagou ao chegar mais perto.

Gabrielle, percebendo o olhar hostil e perdido sobre si, ergueu a sobrancelha em desdém.

— A porta... — ouviu Dill responder, hesitante.

Anne sabia que ele estava pensando em uma boa desculpa, mas não conseguiu elaborar nada que pudesse auxiliá-lo.

— É estranho... — o rapaz continuou, cocando a barba rala do queixo.

— Mesmo sem nenhuma brisa, a porta abre e fecha como se alguém tivesse acabado de entrar.

Anne sorriu secretamente ao ver os olhos de Gabrielle se arregalarem de assombro.

— Não notei nada de estranho — Connor franziu a testa, intrigado.

— Não é sempre que acontece.

— Quando acontece? — Gabrielle quis saber, aproximando-se de Connor para agarrar o braço musculoso.

Anne estudou a reação dele e respirou aliviada ao perceber que não havia se abalado.

— Essa é a parte mais estranha... — O rapaz avançou um passo e abaixou o tom de voz. — Acontece apenas na lua cheia.

— À noite?

A expressão arrogante da jovem italiana deu lugar ao mais genuíno espanto. Anne teve de conter o riso, admitindo para si que Dill era brilhante.

— Sim, à noite. É engraçado... É como se alguém entrasse na casa, alguém invisível...

— Tenho certeza de que é apenas o vento — Anne disse com um olhar cúmplice para Dill.

— Não. A porta se abre mesmo quando não há vento algum. E ele ergueu a chave de fenda para concentrar a atenção no trabalho.

— E por que está mexendo nas dobradiças? — Connor questionou com ceticismo.

— Talvez precisem de algum ajuste. A rosca deve ter se soltado depois de tantos anos abrindo e fechando à noite.

— Meu Deus, há fantasmas na mansão!? — Gabrielle quase gritou, à beira do pânico.

— Não se preocupe. Eles vêm apenas nas noites de lua cheia — Anne tranqüilizou-a com um sorriso de falsa simpatia, voltando-se para Connor. — Gostaria de conversar sobre a lista de convidados da festa. Seria útil que a conferisse para se certificar de que não esquecemos de incluir alguém importante.

— Há trezentos nomes na relação. Duvido que você tenha excluído alguém. Em todo caso, acrescente quem achar que deve.

— Mas você não quer saber quem serão?

— Coloque-os na lista. Vou verificar depois.

— Há outros assuntos que temos de discutir — pressionou, percebendo que não seria fácil ficarem a sós.

— Como o quê?

— Como o tema da decoração, e onde devo colocar as tendas.

—Anne, você é a coordenadora do evento. Planeje a festa como achar melhor. — Deixou que as palavras ecoassem por alguns minutos para acrescentar: — Confio em você.

Se Connor realmente se recusasse a falar com ela, como conseguiria executar seu plano?

Observou-o retirar com delicadeza a mão de Gabrielle sobre seu braço, e pestanejou. Relanceou o olhar para a jovem, que não parecia frustrada com o gesto. Estava tão preocupada com a existência de fantasmas na mansão que não percebia o que acontecia ao seu redor.

Anne percebeu que não seria produtivo investigar sobre o suposto relacionamento de ambos. Era óbvio que a jovem italiana não gostava dela, e nunca lhe diria a verdade.

Desolada, pousou o olhar em Dill. Ele estava concentrado no trabalho como se aquela porta guardasse todos os segredos do universo.

— Então, devo fazer o que quiser?

— Sim, tudo que quiser... No que diz respeito à festa, é claro. Anne colocou as mãos na cintura, frustrada, e o encarou. Ele devolveu o olhar frio, mas não sem um significado que revelou tudo que ela precisava saber: não ficariam sozinhos novamente.

Anne não estava certa do que dizer. Era óbvio que conseguiria coordenar a festa em todos os detalhes. Já fizera aquilo centenas de vezes. Consultá-lo não passava de pretexto para pôr em ação seu plano de seduzi-lo. Voltou-se para Dill.

— Você já verificou por que a poltrona no quarto de Gabrielle continua se movendo sozinha?

E se afastou com passadas largas, rindo com satisfação secreta do pânico que seu comentário provocara em sua rival. Momentos mais tarde,

Anne caminhou para a estufa onde Connor tomava o café da manhã. Parou diante da cadeira dele e colocou as mãos na cintura, num gesto de desafio.

Ele ergueu os olhos, surpreso segurando o garfo que levava à boca em pleno ar.

— Escute aqui, Connor, não é porque você não quer ficar sozinho comigo que pode me dispensar como se eu tivesse uma doença contagiosa! Temos de conversar. Somos adultos. Então, se eu prometer não me aproximar mais do que três passos, acha que pode confiar em si mesmo para não comprometer sua integridade tentando me beijar, como fez na praia?

Ele inalou profundamente, num evidente sinal de impaciência.

— Você já está quebrando a promessa — ouviu a voz grave ecoar atrás de si.

Somente então ela percebeu a presença de Marcello, sentado na cadeira próxima ao orquidário, com uma caneca de café na mão.

— Sinto muito — Anne desculpou-se para nenhum dos dois em particular. — Não pretendia interromper. Não sabia que havia mais alguém aqui...

— Está tudo bem, *bella.*

O sorriso no rosto simpático a tranqüilizou. Refletiu se ele saberia sobre as intenções de Gabrielle a respeito de Connor. Concluiu que, na certa, sequer desconfiava, ou não a teria encorajado a lutar pelo que amava, sabendo perfeitamente quem era o dono do seu coração.

Olhou de soslaio e viu que estava lendo o jornal. Aquela altura, já teria notado a coluna de Sean.

— Sr. Tucci, o beijo a que me referi não significou nada. Queria apenas esclarecer...

— Para quem? Para mim, para Connor ou para si mesma? — O italiano sorveu um gole de café sem tirar os olhos do jornal.

— Para o senhor, claro! — respondeu hesitante. — Achei que pudesse ficar preocupado...

— Preocupado?

Percebeu o olhar intrigado de Connor, e hesitou em prosseguir:

— Sim... sobre... Gabrielle.

— Ah, entendo... Não, não há nenhuma preocupação.

— Já leu a coluna do *Observador Anônimo!*

— Alguma matéria menciona Gabrielle? — Connor indagou. Anne respirou aliviada. Se ele não sabia a respeito do que estava falando, significava que não notara o flerte da jovem italiana e, conseqüentemente, a reportagem não passava de invenção de Sean.

— Não é nada, meu rapaz. O colunista deve ter se confundido. — Marcello se levantou e alisou a barra da camisa. — Vou deixá-los a sós. É óbvio que têm assuntos importantes a tratar.

Anne fitou Marcello, fascinada, contendo o desejo de abraçá-lo e beijá-lo em gratidão.

— O assunto que temos a tratar diz respeito à festa, e sua presença é bem-vinda.

—Também temos de falar sobre os empregados — acrescentou Anne.

— Isso não me diz respeito, Connor. Eles ainda são seus empregados.

— Mas...

Marcello se afastou antes que ele tivesse tempo de completar a sentença.

— Você decidiu me evitar — ela comentou em tom de censura. Connor apanhou uma torrada e se pôs a espalhar geléia de framboesa lentamente.

— Temos de conversar sobre a festa.

Ele levou a torrada à boca e saboreou-a pensativamente, fixando os olhos em algum ponto invisível.

— Faça como quiser.

— Não seja ridículo! — Anne sentou-se na cadeira à frente dele, num gesto de ousadia.

— Essa festa não é em minha homenagem. Tenho de saber o que você tem em mente.

— O que quer saber?

— Bem, eu não trouxe minhas anotações. Gostaria de marcar uma reunião para conversarmos.

— A regra de se manter três passos afastada será válida para a reunião também?

— Muito engraçado!

Ele conteve o sorriso ao vê-la ruborizar.

— Há mais uma coisa que gostaria de conversar. Você mencionou os empregados...

— Sim.

Ela fitou Connor e respirou fundo.

— Creio que devemos revelar antes da festa que todos serão dispensados. Eles têm de saber que vão perder o emprego.

— Por quê?

— Porque você está planejando anunciar a venda da mansão durante a festa, não é? Não acha que é injusto que tenham trabalhado duro para descobrir que serão despedidos enquanto todos comemoram?

— Eles ficarão chocados de qualquer forma, não importa quando descubram..

Anne necessitou de longos minutos para perceber o significado das palavras. Reviveu mentalmente a imagem do rosto de Connor, pálido e incrédulo, depois de ter dito que não queria continuar o relacionamento

naquele verão, muito tempo atrás. Lembrou-se também quando viu a descrença se transformar em compreensão, e então, em uma devastação tão completa que ele não pôde esconder.

Connor sequer demonstrara raiva. Seu rosto simplesmente se congelara, sem reação. A raiva, ela saberia mais tarde, viria depois.

Respirou fundo e afastou as lembranças.

Porém, antes que pudesse responder, ouviu passos e uma voz familiar provocou-lhe um arrepio.

— Não sabia que os empregados faziam as refeições com a família.

Patsy tomou a cadeira ao lado de Connor e enviou um olhar gélido para Anne.

— Eu a convidei — ouviu-o defendê-la.

— Estávamos discutindo negócios — Anne acrescentou automaticamente.

— Negócios? Eu deveria estar incluída nessa conversa.

—Nós já terminamos. Posso informá-la sobre o que decidimos se realmente estiver interessada.

— Sorveu o último gole de café.

— É claro que estou interessada! Mas antes, preciso de uma xícara de café, Anne. E você provavelmente deve ter notado que Connor esvaziou a dele. Traga a cafeteira, e também suco de laranja e mais geléia de framboesa. E volte logo. Estou faminta.

A troca de olhar que durou apenas um segundo deu a Anne a sensação da cumplicidade que costumava compartilhar com Connor quando seus pais estavam por perto.

— Peça a Trudy que venha nos servir — ele ordenou com firmeza. — Você tem coisas mais importantes a fazer.

— Mais importantes do que o trabalho dela? Por Deus, Connor, por que acha que a pagamos?

— Nós a pagamos para administrar a propriedade e planejar festas e recepções.

— Anne é paga para nos servir quando estamos na mansão. E, honestamente, o serviço nessa casa costumava ser melhor. Não tínhamos de esperar, nem mesmo pedir por nada. Encontrávamos o que precisávamos, como nos melhores hotéis da Europa. Tudo piorou depois que paramos de freqüentar Sea Bluff. Seu pai sempre se esqueceu de que não pode confiar nos empregados...

Connor ignorou a torrente de reclamações, afastou a cadeira e se levantou.

— Não, não concordo. — Sua expressão revelava que não estava disposto a ficar sozinho com Patsy. — Tudo por aqui está exatamente do jeito que sempre foi. Se tiver algum problema, fale comigo. Não culpe Anne.

Patsy arregalou os olhos em assombro, enquanto Anne se esforçava para conter o sorriso.

— Apanhe suas anotações e me procure no escritório amanhã pela manhã — a voz de Connor a sobressaltou. — Ou, melhor, quinta-feira, depois do almoço.

— Que anotações? Eu quero estar incluída se forem tratar de algum assunto referente à festa.

— Quinta-feira está perfeito — Anne respondeu, ignorando o comentário de Patsy. — Devo procurá-lo no escritório?

— Não. Eu a encontrarei, por volta da uma hora. E conveniente para você?

— Exijo saber sobre o que estão falando! — A voz esganiçada de Patsy subiu uma oitava. — Exijo ser incluída!

Anne manteve os olhos fixos em Connor, como se pretendesse fingir que Patsy não era real. Além disso, não importava o que dissesse, a

matriarca já não era a autoridade máxima naquela casa.

— Claro. A uma hora — confirmou antes de sair.

Antes de fechar a porta para escapar do olhar fulminante de Patsy, ouviu Connor dizer:

— Não quero que se dirija a Anne dessa forma novamente. Você não tem de se envolver com nada do que acontece aqui.

Ela se deteve no hall do lado de fora do solário e respirou fundo. Adorava saber que Connor a defendia, mas tal idéia a deixou nervosa... Estava certa apenas de uma coisa: seus problemas não haviam morrido com Bradford Emory.

— Está bem, não se preocupe Trudy. Descanse e esteja preparada para amanhã. — Anne apertou o receptor no ouvido e trocou um olhar preocupado com Prim.

— Não é preciso que venha hoje. Ficaremos bem. Eu mesma trocarei a roupa de cama. Tome suco de laranja, alimente-se bem e fique na cama. Até amanhã.

Desligou o telefone e se sentou à mesa da cozinha.

— Ela estava muito preocupada que eu não fizesse o trabalho direito. Pediu que não esquecesse de colocar o tapete antiderrapante no piso do boxe do banheiro de Connor, receando que ele pudesse escorregar e bater a cabeça.

— Talvez lhe trouxesse um pouco de bom senso — foi o comentário cáustico.

— Acha que ele necessita?

— E muito, especialmente de senso de humor. Você percebeu como ele está sério? Eu nunca o vi assim.

— Concordo plenamente! — Anne levantou-se e ajeitou a barra da saia. — Bem, é melhor eu me mover antes que Trudy ligue novamente.

E seguiu para o interior da mansão.

Naquela manhã, Connor fora para a cidade depois do desjejum. Passou pelo quarto dele e fez uma pausa diante da porta aberta, sem conter o ímpeto de espiar para o interior do aposento.

Observou que havia um livro sobre a mesa de cabeceira e refreou o desejo de entrar para descobrir o que ele estava lendo.

Lembrou-se de que tinha muito trabalho a fazer, e seguiu para o final do corredor. Antes de Trudy ser dispensada no começo da manhã, ela havia arrumado as camas e deixado os lençóis e toalhas usados na suíte que as irmãs de Connor costumavam ocupar quando crianças.

Foi até lá e, ao entrar, lembrou-se que adorava brincar de se esconder no *closet* daquele aposento. A decoração com motivos infantis e o suave perfume de talco impregnado no ar eram características marcantes do ambiente agradável.

Havia muito tempo que nenhuma criança ocupava a suíte, refletiu, admirando a decoração delicada. Apanhou a roupa destinada à lavanderia e notou que havia uma rachadura na parede, próxima ao *closet.* Abraçou a pilha de roupas, prendendo-a junto ao peito, e se aproximou, afastando o tapete com o pé.

Notou que o reboco estava solto e, ao empurrar a cômoda que encobria parcialmente a rachadura, teve a sensação de que o revestimento estava prestes a cair.

Por um segundo, sentiu-se tonta, como se o quarto estivesse se movendo, mas seus reflexos foram rápidos. Girou o corpo e apoiou as costas na parede, impedindo que o imenso bloco que acabara de ruir se espalhasse pelo chão.

Naquele momento, ouviu passos no corredor. Aumentou a pressão contra a parede ao reconhecer as passadas firmes e decididas. Olhou para a porta a tempo de ver Connor passar, e julgou que ele não a tivesse visto.

Porém, no instante seguinte, Connor apareceu diante da porta e deu

um passo à frente.

— Olá — Anne saudou-o sem se mover.

— O que está fazendo? — ele quis saber, genuinamente intrigado ao vê-la naquela estranha posição.

— Vim apanhar a roupa para levar à lavanderia, e acabei ficando alguns minutos admirando o quarto. Na verdade, estava pensando em redecorá-lo. Estava aqui, fazendo planos...

— Encostada à parede, como se estivesse segurando o mundo nas costas?

Ela riu, nervosa, e apertou o feixe de roupas com mais força.

— Alguém vai usá-lo?

— Não que eu saiba, mas achei que seria bom deixá-lo preparado, caso alguma criança se hospede aqui.

— Está bem. — Ele se calou, como se refletisse por alguns segundos. — Anne, gostaria de me desculpar pelo comportamento da minha madrasta. A forma como se dirigiu a você no desjejum de ontem foi muito rude. Sei que ela é insuportável algumas vezes, mas não quero que leve para o plano pessoal.

— Não se preocupe. Eu a conheço, e Patsy já não me aborrece mais.

— Notei que você está lidando bem com a situação, melhor do que costumava fazer.

— Bem, faz uma grande diferença saber que agora você é o responsável pela propriedade.

— Espero que saiba que eu realmente aprecio tudo que fez e tem feito por Sea Bluff. — Os olhos dele eram sinceros e gentis. — Encontrei a mansão em perfeitas condições ao voltar, e isso se deve a você.

— Obrigada — ela agradeceu, sensivelmente emocionada.

— Prim e Franklin estão conosco há anos, mas é você que mantém este lugar, e tem feito um grande trabalho. Marcello também a elogiou. Ele

está impressionado com seu trabalho.

Anne sentiu que pequenas gotículas de suor se formavam em sua fronte. A posição incômoda provocava dor pontiaguda em suas costas, e estava começando a perder a sensibilidade na ponta dos dedos.

— Gosto de Marcello — forçou-se a dizer, reprimindo a careta de dor. — E não apenas porque costuma me elogiar.

— Ele também gosta de você. — Os olhos de Connor se estreitaram e então a estudou com atenção.

— O que exatamente você está fazendo, Anne?

— Como disse, estava tentando imaginar como ficaria este quarto com uma nova decoração.

— Relanceou o olhar ao redor, hesitante. — Você poderia me fazer um favor, se encontrar Dill?

— Dill?

— Sim, o caseiro. Diga-lhe que...

Ela se interrompeu quando uma dor pontiaguda fez com que levasse a mão aos ombros, deixando a pilha de roupas cair.

— Anne! Você está bem?

Sem encontrar mais forças, ela se afastou da parede a tempo de evitar que fosse atingida pelo imenso bloco de reboco que ruiu, despedaçando-se no chão. Connor se precipitou na direção dela, ao mesmo tempo em que uma densa nuvem de pó os envolvia.

— Meu Deus, o que é isso?

— Não sei. Vim apanhar as roupas sujas e notei que havia uma rachadura na parede... Infelizmente, não percebi a gravidade da coisa até remover a cômoda.

— E por que não me disse que estava tentando apoiar a parede? Você me deixou ficar aqui, conversando... — Começou a rir, sem conseguir parar. — Você estava literalmente segurando a parede!

Anne não conseguiu evitar o riso que cresceu dentro dela. Permaneceram frente a frente, rindo como duas crianças que acabaram de fazer uma travessura.

De súbito, Anne sentiu que o tempo havia retrocedido, e que estava diante do jovem que amara onze anos atrás. Tentando desesperadamente recobrar os vestígios de sobriedade, ela se pôs a limpar a grossa camada de pó que revestia sua blusa.

— Não queria que se preocupasse. Dill vai cuidar disso...

— Há quanto tempo você estava aqui?

— Cerca de vinte minutos. Esperava alguém que não fosse o dono da mansão para me socorrer.

— Poderia ter levado alguns dias — disse em meio a uma nova onda de riso.

— Tenho certeza de que teria encontrado uma saída antes que a semana terminasse.

Ele fitou-a, tentando parar de rir.

— Eu jamais pensaria que você é responsável por isso.

— Bem, eu tive receio de que ficasse furioso — declarou com inocência quase infantil.

— Deve ter sido obra dos cupins que Dill estava procurando naquele dia.

—Connor comentou com olhar divertido.—Há coisas estranhas acontecendo. Cupins, fendas, fantasmas que abrem a porta da frente...

Ela abaixou os olhos, como se tivesse sido pega em flagrante.

— Ouça, por que não vai procurar Dill enquanto espero aqui? — Connor sugeriu.

— Eu tenho alguns assuntos a tratar com ele.

Ela prendeu a respiração, apreensiva, receando que pudesse despedir o rapaz.

— Ele é um ótimo trabalhador, Connor.

— Certamente.

— E um ótimo rapaz.

— Tenho certeza de que sim.

— Não há muitas ofertas de trabalho na ilha, especialmente para pessoas sem referências...

—Não vou despedi-lo, Anne. Bem, ao menos, não por enquanto. Ela respirou com alívio, e teve desejo de agradecer-lhe.

— Você também é um ótimo rapaz, Connor — disse num impulso, antes de dar-lhe as costas e correr para a porta.

Capítulo VI

Ela está no jardim de inverno. Connor franziu o cenho e levou alguns segundos para registrar as palavras sussurradas por Lois, ao passar por ele no corredor principal.

Havia combinado com Anne que a encontraria à uma hora da tarde para discutir os detalhes da festa. No entanto, estivera procurando-a pela casa toda sem encontrá-la.

Seguiu seu caminho para a cozinha, e Trudy emergiu das portas duplas carregando uma bandeja com o bule de café e xícaras.

— Oh, Sr. Emory! A Srta. Sayer está no jardim de inverno. Pediu que o avisasse, caso nos encontrássemos..

— Sim, eu sei. Obrigado — respondeu, passando por ela. Entrou na cozinha e foi até a geladeira apanhar um copo de água.

— É você, Connor! — Prim enxugou as mãos no pano de prato. — Anne está à sua espera no jardim de inverno.

Ele olhou para o teto, irritado. Por que todos estavam tão preocupados que ele a encontrasse?

Ao colocar o copo sobre a pia, notou que Prim arrumava algumas travessas em uma bandeja.

— O que é isso?

— Almoço — ela respondeu, surpresa pela ignorância dele.

— Para quem?

— Para você e Anne, e para quem mais se juntar a vocês. Há bastante comida.

Ele ergueu a redoma de prata e inalou o aroma apetitoso do creme de palmito.

O que era aquilo? Um complô para que ele e Anne ficassem a sós? Meneou a cabeça, decidido. Aquela definitivamente não era uma boa idéia.

— Teremos uma reunião de negócios, Prim. Não precisamos do almoço.

— É claro que precisam almoçar! Todos têm de se alimentar.

— Voltarei dentro de uma hora. Guarde meu prato para depois.

— Anne deve estar com fome. Ela não comeu nada desde o café da manhã.

— Ela pode almoçar mais tarde também.

Ouviu Prim resmungar, indignada, quando fechou a porta atrás de si.

Caminhou através do gramado verdejante e respirou a paz que emanava daquele local. O dia estava ensolarado e quente, e os pássaros gorjeavam nas copas frondosas das árvores. Uma suave brisa revolvia as folhas e flores, espalhando o perfume pelo ar.

Ao se aproximar do jardim de inverno, sentiu a pulsação se acelerar. A perspectiva de estar a sós com Anne bastava para fazer com que seus hormônios entrassem em ebulição.

Abriu a porta envidraçada e avistou-a sentada na cadeira de vime próxima ao orquidário, com diversas folhas espalhadas na mesa de centro

a sua frente. Ela havia aberto todos os vidros, deixando o ambiente claro e aconchegante.

Connor fechou a porta e respirou fundo. As íris azuis translúcidas e brilhantes pareceram atravessar-lhe a alma quando pousaram sobre si.

Connor prendeu a respiração. Anne estava mais bonita do que nunca! Os cabelos loiros refletiam reflexos dourados, e o suave perfume de rosas a envolvia em uma aura de magia.

Em vez de se sentar na cadeira ao lado dela, atravessou a sala, apanhou uma cadeira da mesa onde costumavam fazer as refeições informais e colocou-a diante da mesa de centro.

— Vejo que você levou mesmo a sério a regra de nos mantermos afastados por três passos.

— Regras foram feitas para serem cumpridas.

— Algumas devem ser quebradas — ela o provocou com um sorriso de malícia.

— Mas prometo que vou me comportar.

— Está bem. Então, sobre o que quer conversar?

— Eu trouxe várias propostas para que você analise. A primeira é...

— Para ganharmos tempo, quero adiantar que não me importo com os custos. Escolha tudo que for da melhor qualidade.

— Está certo. Pensei numa decoração em estilo italiano, para homenagear Marcello. Podemos colocar várias tendas brancas no gramado dos fundos, decorados de forma clássica e romântica sem ser pretensiosa. Toalhas brancas e vermelhas, lanternas, tochas, alguns violinistas tocando Vivaldi... Pensei em um cardápio mediterrâneo, acompanhado de champanhe, vinho e água mineral...

— Ótimo. Assim está perfeito!

— Contratei sete *bartenders,* com intenção de deixar um deles no deque, servindo os convidados que chegarem de iate.

— Excelente.

— Contratei trinta e dois garçons, cinco manobristas e uma vendedora de charutos Havana... Haverá um carrossel ao lado do jardim de inverno e um cisne gigante esculpido em gelo, no centro do jardim.

— Prefeito.

— E então, os irmãos voadores Karamazov farão uma apresentação com trapézios presos nas árvores, um pedido especial de Pacsy.

Connor ergueu o rosto, espantado.

— O quê!?

Anne deu uma sonora gargalhada.

— Queria ter certeza de que você estava me ouvindo. Ele meneou a cabeça sem conter o sorriso.

Como se esquecera de como Anne era bonita? Os lábios sensuais se alargaram, e até mesmo os olhos pareciam sorrir. O momento de alegre intimidade o aqueceu como o sol depois de uma tempestade.

— Anne... Calou-se quando a alegria do sorriso se desmanchou para dar lugar à tensão da expectativa.

O que estava fazendo? Aquela deveria ser uma reunião de negócios! Se continuasse a agir como um adolescente tolo, em breve, estaria novamente cativo dos encantos daquela mulher.

No entanto, o desejo de saber como ela vivera durante aqueles anos todos foi mais forte do que a razão.

— Você é feliz? — ouviu-se indagar.

Anne arqueou as sobrancelhas e o rosto se tingiu de rubro antes de responder.

— Sim... Creio que sim.

— Não tem certeza?

— O que você quer dizer? Quer saber se sou feliz ultimamente, ou... Ou desde que nós...

Connor entendeu o silêncio reticente. Evitara conversar sobre qualquer tema pessoal desde que retornara, e quebrara a regra que ele próprio havia imposto.

Por mais que ansiasse ouvir que ela ainda o amava, receava por sua própria reação. Cedera ao desejo imperativo de confirmar a certeza de que ela não se apaixonara por mais ninguém, mas ir além poderia ser muito perigoso. Porém, não conseguiu resistir à necessidade urgente de atualizar o tempo perdido, mesmo que não soubesse exatamente como ou porquê.

— Desde a última vez que nos vimos — afirmou, mantendo o tom de voz suave e as mãos sobre os braços da cadeira.

— Creio que sim. Adoro meu trabalho e não consigo me imaginar em outro local que não seja esta ilha. Tantas pessoas têm de partir para conseguir trabalho que me considero afortunada por poder ficar aqui.

Ele não respondeu. Não pretendia que aquela conversa tomasse o rumo profissional. Desejava saber sobre aspectos pessoais, como ela se sentira realmente durante aqueles anos, o que pensava a respeito dele...

— Por que você não se casou, Anne? — ouviu-se indagar, sem conter o ímpeto.—Eu imaginava que você já tivesse muitos filhos.

— Meu Deus! Este é um assunto delicado, eu diria. Tive muitos encontros, a maioria com rapazes que costumavam vir para a ilha passar o verão, mas não encontrei ninguém que fosse... especial.

— Suponho que não há muitos rapazes disponíveis na ilha — ele disse, sentindo um inexplicável alívio.

— É verdade, a menos que você conte com Sean Crawford. Mas a maioria das moças da ilha não conta com ele — completou com uma risada.

Mais uma vez, uma onda de alívio o invadiu. Crawford havia sugerido, em uma das conversas telefônicas, que pretendia pedi-la em casamento.

— E quanto a você? Por que não se casou?

Ele respirou fundo e refletiu por alguns segundos.

— Cheguei a ficar noivo.

— É mesmo? — Anne tentou disfarçar a apreensão. — O que aconteceu?

— Não sei. Creio que depois de um certo tempo, tornou-se óbvio para nós dois que não estávamos apaixonados.

— Nenhum dos dois?

— Creio que eu não estava apaixonado. Não foi um compromisso longo e ninguém saiu machucado.

"Nada que se compare a quando você me abandonou, onze anos atrás", Anne concluiu.

— Connor, eu...

O pulso dele se acelerou e uma onda fria cresceu em seu peito.

— É bom saber que você está feliz, Anne — comentou, interrompendo-a antes que terminasse a frase.

Por alguma razão, não queria ouvir o que ela tinha a dizer. Na realidade, por mais que julgasse ter superado o trauma do rompimento, ainda não se sentia preparado para enfrentar a verdade.

— Tenho certeza de que surgirá em breve alguém capaz de fazê-la feliz — completou em tom formal.

— Eu não tenho tanta certeza. Não surgiu ninguém remotamente interessante desde...

Connor puxou a cadeira para a frente e olhou para os papéis espalhados sobre a mesa, simulando interesse pelas anotações.

— Desde...?

— Desde você. — Anne ergueu as mãos com as palmas voltadas para cima. — Era isso que queria ouvir?

— Era o que eu achava que você iria dizer.

Ela riu, e o som melodioso preencheu o ambiente.

— Havia me esquecido de como você é modesto...

— Não — foi a resposta em meio a um sorriso. — Eu deduzi, pela forma como você me olha...

— E como é?

— Você me olha da mesma forma que fazia no passado, quando tudo parecia ser mais simples.

Anne se inclinou e ajeitou os papéis diante deles.

— Não é isso que estou fazendo, Connor.

— Não? Então, o que está fazendo?

Ela respirou fundo e abriu a boca para dizer alguma coisa, mas mudou de idéia.

— Está bem. Talvez você não queira dizer, mas creio que nós dois sabemos.

— Connor fitou-a com intensidade. — E estou lhe pedindo que pare. Pare de tentar, por favor.

Anne manteve o contato visual por alguns segundos, e então, abaixou os olhos para pousá-los nas folhas sobre a mesa.

Contra sua vontade, Connor lembrou-se do sabor dos lábios macios de encontro aos seus...

— Diga-me com honestidade, você faz tal pedido apenas porque ainda está magoado?

— Magoado?

— Sim, por eu ter rompido o namoro. Não pode ao menos tentar esquecer o que passou?

Esquecer que o seu coração fora partido em mil pedaços e jogado ao vento em um dia qualquer? Esquecer que ela o fizera acreditar durante todo o verão que o amava, deixando que alimentasse sonhos sobre o futuro, quando tudo não passava de uma brincadeira mentirosa?

— Parece fácil para você — sentenciou com amargura.

— Eu não me esqueci de nada. Entretanto, não podemos mudar o que já passou. Você não entende que as circunstâncias eram diferentes naquela ocasião?

— Tão diferentes que nunca sonhei que pudesse acontecer.

— O que importa é o presente, Connor, e você não consegue acreditar que as coisas são diferentes agora.

— Sim, eu acredito. Não se trata de mágoa. Não estou tentando puni-la. Fiquei magoado, é claro, assim como você. Mas já passou. O que estou tentando é me proteger, Anne. Você me pegou de surpresa anos atrás, e não quero que tudo se repita agora.

— Está tentando se proteger de mim pelo que aconteceu onze anos atrás? Por algo que fiz quando era muito mais jovem e inexperiente?

— Não. Não tem nada a ver com o passado, minha querida. Só não quero ressuscitar o que já morreu.

— Connor, não percebe que está se contradizendo? É óbvio que não esqueceu o passado! Por que não deixa para trás, para tentarmos viver o presente?

— É exatamente o que estou tentando fazer. Quero que nosso relacionamento seja de dois adultos e profissionais, mas você não está conseguindo ser fiel a isso.

— Oh! Profissionais!—ela entoou com ironia.

—Que tal como amigos, Connor? Sua mágoa é tão grande que você não consegue pensar que somos amigos?

— Não é mágoa — ele insistiu, tentando parecer convincente. — É uma decisão.

— Uma decisão... Você decidiu que não seremos mais amigos.

— Sim.

— Por quê?

— Porque não confio em você.

Ao ouvir as próprias palavras, a verdade se abateu sobre ele com o peso de séculos.

Aquela era a origem do receio que o assaltava quando estavam a sós, percebeu de súbito. Não tinha medo de que Anne pudesse beijá-lo, ou que a desejasse fisicamente... O perigo era acreditar que se tratava da mesma mulher pela qual ele se apaixonara no passado... e se iludir mais uma vez.

Por um longo momento, ela o fitou sem respirar. Então, inspirou profundamente e se levantou, pondo-se a recolher os papéis da mesa tentando esconder o tremor das mãos.

— Terminamos de falar sobre a festa?

— Se não pode confiar em mim, Connor, não posso trabalhar para você.

— Você sabe a que me referi.

— Não, não sei. Como é possível confiar e não confiar ao mesmo tempo?

— Tenho plena confiança em sua integridade, em sua honestidade e em sua ética profissional. Sei que é uma pessoa confiável.

Estou falando de... — Interrompeu-se e procurou as melhores palavras.

— Eu não confio em seu coração.

As íris claras refletiram a mais profunda surpresa, e aquele olhar foi como uma punhalada para Connor. Observou-a guardar os papéis na valise, e conteve o ímpeto de tomá-la nos braços.

Não queria magoá-la, mas, como ser honesto sem ferir os sentimentos dela?

O ressentimento que tirou o brilho dos olhos translúcidos foi como um golpe fatal em seu âmago, e não encontrou palavras para refazer o

mal que havia feito.

— Talvez seja no seu coração que você não confia, Connor.

— Meu coração? — Connor repetiu, surpreso.

— Sim. Você não se preocuparia com isso se não estivesse envolvido de alguma forma.

Ele riu e se levantou.

— Sem dúvida, essa é uma análise interessante, Anne. — Girou a cadeira e apoiou as mãos no encosto. — Mas você sabe que parte do meu corpo está envolvida. Acredite, não é meu coração.

— Que parte está envolvida? — ela indagou em tom de inocência.

Para surpresa de Anne, uma risada divertida preencheu o ar.

— Tem certeza de que quer ouvir?

— Sim!

Ela arqueou a testa e sustentou o olhar cravado sobre si.

— Não é uma resposta agradável, Anne. Diga-me, é isso o que quer? Será o bastante para você? Porque, se for...

O silêncio sugestivo deixou-a apreensiva, e ela apertou com força a alça da valise, tentando controlar o nervosismo.

— Você está me provocando desde que cheguei. Espera que entre nós exista uma relação puramente física, e nada mais?

— É o que tem para me oferecer?

O pesado silêncio que se seguiu fez o pulso de Anne disparar.

— Não estou oferecendo coisa alguma, Anne. Estou apenas tentando descobrir a melhor forma de trabalharmos juntos. É óbvio que há uma química explosiva entre nós, mas não passa de atração física. A paixão acabou. — Connor cruzou os braços sobre o peito e um sorriso amargo curvou-lhe os lábios.

— Aliás, essas foram as palavras exatas que você disse naquele verão... *Acabou, Connor.*

— Eu me lembro do que disse... — Anne depositou a valise no chão e se aproximou da cadeira com a qual ele se protegia, consciente de que estava desrespeitando a regra que ela própria impu-sera de se manter distante — ...e também do por que tive de dizer — completou, pousando a mão sobre o braço vigoroso.

Os olhares se encontraram, e ela estudou a familiaridade das íris acinzentadas, profundas e cristalinas, fixas sobre si.

— Então, não se importa que nossa relação não vá além da atração física? — ele sussurrou, tomando a mão delicada entre as suas para levá-las aos lábios e pousar um beijo suave.

O contato fez com que uma corrente elétrica atravessasse todos os feixes nervosos do corpo de Anne. Ela prendeu a respiração, consciente de que seria incapaz de resistir.

— Se não puder haver nada além disso... — Interrompeu-se ao sentir as mãos viris deslizando em sua pele. — Então... eu não me importo.

Uma cascata de arrepios percorreu seu corpo quando os dedos experientes pousaram em seus ombros, para percorrer as costas com movimentos suaves.

As bocas se encontraram em um beijo quase selvagem, e o mundo parou de rodar. Anne fechou os olhos e o enlaçou pelo pescoço, certa de que estava vivendo um sonho.

A urgência do desejo a impediu de raciocinar. Em seu íntimo, sabia que estava sendo tola. Mesmo assim, queria correr o risco.

Talvez, se conseguisse chegar ao coração de Connor, ele pudesse se lembrar de como eles tinham sido felizes, e perdoá-la...

— Tem certeza de que é isso mesmo o que quer?

A voz sussurrada em seu ouvido fez com que ela voltasse à realidade.

O que estava fazendo? Entregar-se a Connor, sabendo que não significava nada além de atração física para ele, seria o mesmo que admitir que não respeitava seu coração!

— Não, Connor. Não é isso o que quero.

Com um gesto brusco, afastou-se e ajeitou os cabelos. Evitou encará-lo para não ver a frustração obscurecendo o brilho dos olhos claros.

— E não me olhe desse jeito!

— De que jeito? — a voz rouca denotava impaciência.

— Como se eu tivesse feito algo horrível a você.

— Eu nunca disse isso.

— Não é preciso dizer. Basta olhar para sua expressão.

—Não me transforme no vilão da história, Anne. — Ele recuou um passo, voltando a se colocar detrás da cadeira. — Eu nunca fiz nada que pudesse magoá-la.

Anne abriu a boca para dizer alguma coisa, mas mudou de idéia.

Não podia revelar a verdade. Muitos anos haviam se passado, mas teria de guardar o segredo que a fizera se afastar de Connor. Se ele não pudesse perdoá-la, talvez não merecesse seu amor.

Sem dizer mais nada, deu-lhe as costas e seguiu com passos firmes para o jardim.

— *Signorina!*

Anne parou ao lado da mesa na sala de jantar ao ouvir a voz de Marcello.

O simpático senhor se aproximou com um sorriso no rosto. Ela retribuiu, sem se conter. Por mais que tentasse culpá-lo por comprar a propriedade e arruinar sua vida, não conseguia deixar de gostar do adorável italiano.

— Sr. Tucci, o que posso fazer pelo senhor?

— Eu estava pensando na festa... — Marcello arqueou a

sobrancelha, preocupado.

— Creio que é importante servirmos bons vinhos italianos.

— É claro.

Ela se forçou a prestar atenção e a esquecer o que vivera com Connor no dia anterior.

— Há alguma marca específica que gostaria que servíssemos?

— Na verdade, estive observando a adega e notei que há muitas garrafas que seriam perfeitas para a ocasião.

Anne assentiu. A coleção era extensa, formada na maioria por vinhos franceses, e valiam uma pequena fortuna.

— Gostaria que fosse até lá comigo para tomar nota das garrafas que escolhi, e pedir a autorização de Connor para que possamos usá-las na festa.

—Tenho certeza de que não haverá problema.—Anne assentiu e sorriu para Nicolle, que passou por eles absorta na música que ouvia pelo fone de ouvido. — Podemos verificar mais tarde. Estou esperando o florista, que deverá chegar em breve.

— Por favor, quero resolver esse assunto agora. Preciso ter certeza de que poderemos usar os vinhos.

— Connor não fará objeção. A maioria das garrafas não são tocadas há anos. A coleção pertencia ao pai dele, e não creio que alguém se interesse pela adega.

— Tenho de ter certeza.

—Está bem, vou falar com Connor. Mas. antes de tudo, faremos uma lista do que quer.

Fez menção de sair, mas ele a segurou pelo pulso.

— *Si, si,* é claro! — Ele cocou o queixo, aparentemente preocupado. — Mas não acha que...

Anne o fitou, intrigada. Por que Marcello estaria tão preocupado com

um assunto que lhe parecia trivial? Não havia dúvida de que ele estava agindo de forma estranha.

— Sr. Tucci, está se sentindo bem?

— Naturalmente!

Ouviram passos se aproximando, e Marcello se voltou com um sorriso.

— Connor! Chegou bem na hora! Estávamos a caminho da adega.

Ele se aproximou, evitando deliberadamente olhar para Anne.

— Marcello, achei que estivesse me esperando para ir ao vilarejo...

— Não, farei isso mais tarde. Quero ir à adega. Estava dizendo a Anne que encontrei uma deliciosa coleção de vinhos e gostaria de servi-la durante a festa.

— Como quiser.

— Eu disse que não teria problema — Anne disse em tom de desculpa.

— Mas são vinhos muito antigos — Marcello insistiu. — E uma coleção valiosa. Gostaria que déssemos uma olhada.

— Meu pai gostava de colecionar vinhos, e depois que morreu, ninguém mais se interessou pela adega.

— Foi exatamente o que eu disse!

O olhar de Connor encontrou o de Anne, e seu pulso se acelerou.

— Creio que você não conhece as relíquias que seu pai acumulou. Quero ter certeza de que não se importará em dispensá-la.

Sem esperar que se manifestasse, Marcello tomou Anne pelo braço e atravessou a sala de estar, na direção da porta que se abria para a escada que levava à adega.

Retirou um molho de chaves do bolso e escolheu uma delas, enferrujada pelo tempo. Abriu a porta, e o rangido da dobradiça deixou evidente que ninguém entrava ali havia muitos anos.

O insistente senhor desceu a escada sinuosa que levava ao subsolo. Fez um sinal para que Connor o seguisse e, sem alternativa, ele obedeceu.

À medida que desciam os degraus, Anne sentiu a pele arrepiar com o ar abafado e úmido.

Marcello entrou na adega e acendeu a luz. As paredes eram preenchidas por prateleiras onde repousavam inúmeras garrafas recobertas de pó e teias de aranha.

Detiveram-se diante da prateleira no fundo do aposento e Marcello tateou os bolsos, como se procurasse alguma coisa.

— Ah! Que idiota! — exclamou, batendo a palma da mão na testa. — Esqueci minhas anotações. Vou apanhá-las.

—Mas as garrafas estão bem aqui. — Anne fez um gesto amplo em direção às prateleiras.

— Podemos fazer novas anotações.

— Não. Tenho de me lembrar o que havia escolhido antes. Esperem aqui. Vou levar apenas um momento.

Antes que pudessem reagir, ele seguiu com passos rápidos na direção da escada.

— Marcello, espere...

Mas as palavras de Connor foram abafadas pelo rangido da porta.

Ele ficou surpreso, permanecendo sem ação por um momento. Não pretendia ficar a sós com Anne novamente, e então, correu para a escada.

Forçou a maçaneta e praguejou em voz baixa.

— Aquela raposa velha nos deixou trancados aqui! — resmungou sem se voltar.

Capítulo VII

Anne levou alguns segundos para registrar o sentido das palavras

que acabara de ouvir. — Trancados?! Você quer dizer que... Estamos trancados aqui? — ecoou atônita.

Ficar a sós com Connor era a última coisa que queria, depois do dia anterior!

Subiu as escadas galgando dois degraus e forçou a maçaneta, para se certificar de que de fato estava presa.

— Na certa, ele não fez de propósito... — tentou contemporizar ao ver a fúria explodir nos olhos de Connor.

No entanto, ela sabia que Marcello havia planejado aquela armadilha. Não era para menos que estava protelando o momento de descer para a adega... Ele havia esperado pela presença de Connor, e então os levara até lá com a clara intenção de obrigá-los a se confrontarem.

— Não creio. Ele planejou isso! — Connor vociferou.

— Por que faria algo desse tipo?

Na verdade, Anne se perguntava por que ele tinha tanta certeza... Ela própria já confessara a Marcello seu interesse por Connor, mas o que Marcello sabia a respeito dos sentimentos dele?

— Espero que ele volte logo. — Anne olhou ao redor, sentindo-se oprimida pelo ar rarefeito.

— Você acha que teremos oxigênio suficiente?

— Não ficaremos aqui o bastante para saber — ele comentou ao descer os degraus.

Anne suspirou fundo e o seguiu.

— Ao menos, não morreremos de sede — comentou com ar de provocação, fazendo um gesto amplo na direção das prateleiras.

O comentário bem-humorado não provocou o menor efeito sobre Connor. Exasperado, ele olhou ao redor à procura de algum instrumento com que pudesse forçar a fechadura. Encontrou um saca-rolhas enferrujado e subiu correndo a escada

— O que está fazendo? — Anne gritou, observando que forçava a fechadura com violência.

— Com um pouco de fé, conseguiremos sair daqui antes do anoitecer.

Anne levou alguns segundos para perceber a nota de bom humor escondida naquelas palavras, e uma sonora risada cortou o ar. Contendo o riso, permaneceu em silêncio enquanto ele escavava a madeira com uma fúria quase selvagem.

Minutos depois, Connor recuou um passo, desolado. Mal conseguiu arranhar a madeira.

— Boa tentativa — Anne disse em meio a uma risada. Talvez fosse a tensão dos últimos dias, ou o fato de estar sozinha

com Connor, mas não conseguia parar de rir. Mordeu os lábios, obrigando-se a se controlar, enquanto ele a fitava em censura.

Depois de segundos de relutante controle, ambos explodiram em uma gargalhada.

— A idéia foi boa — ela disse em meio às lágrimas provocadas pelo riso. — É uma pena que não funcionou.

O riso cessou abruptamente, e Connor passou os dedos pelos cabelos, num gesto nervoso.

— Por que Marcello está demorando tanto? — indagou, olhando para o relógio.

— Há quanto tempo estamos aqui?

— Por volta de vinte minutos.

— É mesmo? Oh, o florista já deve ter ido embora! Eu deveria tê-lo encontrado hoje pela manhã.

— Talvez, quando ele chegar, possa lembrar Marcello de que estamos aqui.

Desceram para o subsolo, e ele se deteve diante de uma prateleira

de garrafas empoeiradas de uma safra antiga. Passou os dedos pela superfície, deixando uma trilha sobre o pó.

— Acha que ele se esqueceu de nós?

— Não sei.

Connor apanhou uma garrafa e se sentou no chão, com as costas encostadas na parede.

— Deve haver uma garrafa de conhaque em algum lugar... — Anne comentou, olhando ao redor. — Estou com frio, e gostaria de tomar uma dose para me aquecer.

— Não há conhaque. Papai fazia questão de guardar apenas vinhos na adega. — Connor suspirou, irritado. — A verdade é que papai consumiu as melhores garrafas. Não acredito que caí no truque de Marcello! Eu sabia que não havia mais nada de bom por aqui.

— Não sei... Eu acho que ele está certo. Há muitas garrafas da safra de 1984 e de 1978, que são excelentes.

— Não são tão antigas. Estou me referindo às vinícolas francesas da década de 1930, a melhor na produção de vinhos nobres.

— Entendo. — Ela friccionou as mãos pelos braços. — Está muito frio aqui. Estou a ponto de congelar!

— Que tal se abrisse esta garrafa? E um excelente *bordeaux,* e aposto que vai nos aquecer.

— Seria boa idéia, se você não tivesse quebrado o saca-rolhas.

— Tenho outros recursos.

Ele retirou um canivete suíço do bolso e abriu-o com expressão de triunfo. Uma hora mais tarde, estavam sentados lado a lado sobre o chão de cimento, abrindo uma nova garrafa.

Aparentemente, o florista não havia alertado ninguém sobre a ausência de Anne, e Connor não tinha compromissos naquele dia, além de ir ao vilarejo com Marcello.

Ela sentia-se relaxada especialmente por saber que não poderia ir a lugar algum, mesmo que quisesse. Estava presa com o homem com quem fantasiara estar sozinha pelos últimos onze anos.

— Ainda está com frio?

A voz de Connor a trouxe de volta para a realidade. O sangue correu mais rápido em suas veias quando ele se aproximou e passou o braço pelos seus ombros.

—Apenas para aquecê-la... —justificou, com um sorriso largo.

Anne atribuiu ao vinho o efeito da deliciosa sensação que a envolveu ao sentir o contato. Recostou-se e pousou a mão no peito de Connor. Aceitou a garrafa que ele oferecia e sorveu um longo gole do gargalo.

— Marcello tinha razão... Ainda restam excelentes vinhos na adega — Connor comentou depois de provar a bebida. — Sei que os especialistas dizem que devemos deixar o vinho circular na boca para sentir o paladar, mas não conheço ninguém que laça isso!

Eles riram, e os olhares se encontraram. Uma aura de magia os envolveu, e Anne deixou-se perder no brilho dos olhos claros. Talvez um relacionamento que se baseasse na atração física não fosse má idéia... Afinal, o fato de estarem tão perto de um ato de amor ao menos a faria reviver os momentos de outrora.

Por um segundo, Anne perdeu a trilha de seu próprio pensamento e se perguntou por que estava sorrindo para ele.

Dedos experientes a acariciavam, e o olhar ávido explorava cada milímetro de seu corpo, até que os lábios se encontrassem.

Ela fechou os olhos e entregou-se ao momento. O beijo terno e apaixonado não foi o mesmo desafiador e selvagem dos outros que haviam compartilhado. Havia ternura e desejo, numa combinação explosiva que a incendiou.

— Oh, Connor...

Ele inalou profundamente, inebriando-se do perfume dos cabelos sedosos, e puxou-a para mais perto.

— Não diga nada. Vamos esquecer o passado e o futuro, e vivermos apenas o presente.

A voz grave e profunda aqueceu-a em lugares secretos. Anne colou-se ao corpo viril, entregando-se de corpo e alma.

No instante seguinte, guiados por mãos invisíveis, retiraram as barreiras que os separavam, jogando as peças de roupa no chão. O contato dos corpos febris, ardentes de desejo, dissipou os últimos resquícios da razão, e fundiram-se num abraço que os transportou para outro universo.

Momentos mais tarde, as roupas espalhadas pelo chão eram testemunhas silenciosas do ato de amor. Mesmo com a temperatura fria da adega, gotículas de suor banhavam a fronte de Anne.

— Talvez você pudesse me dizer agora quais foram as circunstâncias que a forçaram a romper nosso relacionamento — Connor murmurou com a respiração entrecortada.

Não pretendia tocar naquele assunto, mas a força misteriosa que emanava daquela mulher, destituía sua capacidade de raciocinar. Na certa, o vinho havia liberado suas emoções, preferiu acreditar, espantado com a própria voz.

Sentiu que Anne se tornou tensa. Estavam deitados lado a lado sobre o chão, e as mãos delicadas repousavam sobre seu peito. Ela girou o corpo e se sentou, recostando-se na parede. Imitou-a, permanecendo em paciente silêncio até que Anne se decidisse a falar.

Ela sabia o que Connor queria dizer, mas estava ofuscada pela névoa de magia do momento, e levou alguns minutos para organizar as idéias. Guardara aquele segredo a sete chaves em seu coração, e teve de se decidir se valeria a pena romper a promessa de jamais revelá-lo.

— Foram seus pais... — começou, julgando que pudesse amenizar a verdade.

— O que têm meus pais?

— Eles... —- *Eles me ameaçaram,* quase completou, refreando-se a tempo.

— Seus pais me odiavam, como você sabe.

Connor não disse nada, enquanto seus dedos percorriam os fios sedosos dos cabelos loiros.

— Chamaram-me na biblioteca, naquela manhã...

— Que manhã?

— A manhã em que... Na manhã do último dia.

— Eu me lembro. Prossiga.

— Disseram-me que não queriam que eu continuasse a vê-lo — confessou, sentindo a boca secar.

— Seria fácil, considerando que eu estava de partida para Atlanta no dia seguinte.

— Foi exatamente o que eu argumentei. Disse-lhes que não escreveria ou ligaria, se não quisessem que continuássemos a nos comunicar, e que não havia razão para romper com você. Por que magoá-lo, quando você partiria no dia seguinte?

A expressão de Connor se fechou, e ele assumiu a mesma frieza que ela já presenciara durante as semanas em que tentara evitá-la deliberadamente. Respirou fundo e olhou ao redor.

— Onde está o vinho? Estou com sede.

Ambos se levantaram, e ela estendeu o braço para apanhar as roupas. A intimidade se rompera, e Anne sentiu que não poderia ficar tão exposta. Apanhou a garrafa esquecida no chão e sorveu um gole.

— Você dizia que...? — Connor a estimulou, apanhando a garrafa das mãos dela.

Anne suspirou profundamente. Lembrava-se com nitidez de tudo que ouvira naquela manhã, e a verdade ainda a magoava.

— Eles... Eles me contaram como era sua vida em Atlanta. Falaram a respeito do seu cargo na empresa de seu pai e sobre as possibilidades de crescimento que teria. Disseram que se encontraria com congressistas, embaixadores, políticos...—Ela riu, mas não havia alegria em seus olhos. — Lembro-me de como fiquei assustada.

Connor manteve a expressão imparcial enquanto ouvia.

— Você sabia como seria minha vida.

— Sim, mas nunca havia pensado nisso. As palavras ecoaram em minha cabeça e deram voz a todos os meus receios, confirmando-os. Eles me disseram que eu não combinava com seu estilo de vida, e afirmaram que você nunca se casaria comigo.

Ela sentiu a garganta se apertar, lembrando-se de como esperava que os pais de Connor estivessem enganados, embora o que diziam fosse a mais cruel verdade. As palavras que ouvira naquela manhã destruíram seus sonhos.

Ficaram em silêncio por um longo minuto e Anne abaixou os olhos, evitando confrontá-lo.

— Diante de tudo que ouvi, concluí que seria melhor fazer o que pediam. Por que insistir em uma ilusão que me magoaria no futuro? Por que alimentar um sonho que seria destruído no verão seguinte?

— Isso não explica a razão de você ter dito que estava tudo terminado e que não me amava. Aquele não era seu estilo de agir.

— Eu não disse isso — ela afirmou com convicção.

— Talvez não tenha dito nessas palavras exatas, mas foi o que quis dizer, Anne. Por que simplesmente terminou e foi embora? Por que não revelou suas preocupações e sobre o que meus pais lhe disseram? Eu poderia tê-la ajudado a entender...

— O que teria feito? Enfrentado seus pais, para que me odiassem ainda mais? Nós não tínhamos futuro...

— Não! — ele interrompeu abruptamente. — Você não pode fazer tal afirmação!

— Sabia que não teríamos futuro, Connor. Eu não passava de uma empregada! Jamais deixaria esta ilha, enquanto você estava prestes a abraçar seu futuro em uma grande metrópole.

— Como sabe? Acreditava que eu era tão pretensioso quanto meus pais? Depois de tudo que eu disse e de tudo que vivemos juntos, tudo o que planejamos... Você realmente acreditava não ser boa o bastante para mim?

— Mas, Connor, que futuro poderíamos...

— Naquela manhã, eu carregava um anel em meu bolso, Anne. Ela se esqueceu de respirar, perplexa com a revelação. Connor passou a mão pelos cabelos, desviando o olhar.

— Naquele dia na praia, eu ia lhe dar um anel de esmeralda, com ouro branco, do tamanho exato da folha de grama que havia medido seu dedo semanas antes, quando juramos amor eterno e ensaiamos a cerimônia de noivado...

Anne ficou sem palavras, enquanto ele sorria com amargura.

— Mas éramos apenas crianças. Você ainda não tinha vinte anos, e eu era um tolo.

Batidas à porta os interromperam. Ambos olharam ao redor ao mesmo tempo, procurando vestígios esquecidos do momento de amor.

As batidas tornaram-se mais fortes, ao mesmo tempo em que o ruído metálico na fechadura ecoou no ar.

— Anne? Você está aí?

Ela expeliu o ar com força e voltou-se para Connor.

— E Lois. — Subiu a escada apressadamente. — Estou aqui, Lois.

Ficamos trancados.

Um segundo mais tarde, a porta se abriu, batendo com estrondo na parede lateral. Lois e Anne se entreolharam.

— Você está bem?

— Sim, estou bem. — Suas mãos percorreram involuntariamente os fios desarrumados dos cabelos.

— Onde está Marcello?

— Ele teve de resolver uma emergência na cidade, creio que algum assunto de negócios.

— Como nos encontrou?

— O Sr. Tucci telefonou do vilarejo e disse que havia se lembrado de que a deixara na adega. Disse que fora apanhar algumas anotações, mas se distraiu e esqueceu-se de que estavam aqui.

— Ele nos trancou!

— Oh, não! Ele deveria ter se lembrado antes. Quando ligou, nós já havíamos procurado por todos os lugares possíveis por vocês dois — concluiu, observando Connor subir os degraus.

Anne ouviu-o se aproximar e parar atrás de si.

— Sua madrasta está aflita, sr. Emory. Ela ficou presa no quarto durante a manhã toda. Alguém trancou o *closet* e retirou todas as roupas da suíte enquanto ela estava no chuveiro.

— Todas as roupas? — Connor indagou, intrigado.

— Todas — Lois confirmou. — Toalhas de banho, roupões... Até os lençóis da cama! Ela ficou sem opção a não ser esperar que alguém fosse até lá, ou então, teria de sair molhada e nua...

A camareira apertou os lábios, contendo o riso.

— E que opção ela escolheu?

Anne voltou-se para Connor, surpreendendo-se ao ver um sorriso divertido em seus lábios.

— Ela telefonou para Shirley Carmichael, que ligou para a mansão pedindo que uma empregada fosse à suíte.

— Pobrezinha — Anne disse com falsa piedade. — Foi uma boa saída. Eu mesma não teria pensado em algo tão criativo.

— Bem, todos nós estamos pagando caro por isso. Ela está procurando por vocês dois, e creio que devem se preparar. A sra. Emory não está de bom humor e vai culpar alguém pelo que aconteceu.

— Provavelmente, a mim. — Anne ergueu os ombros, conformada.

— Parece que você será a primeira opção dela — Lois completou com um sorriso.

— Bem, continuaremos nossa discussão mais tarde — Connor passou por Anne em direção à porta.

As duas mulheres observaram-no se afastar, e Lois meneou a cabeça com um sorriso.

— Creio que a coluna de Sean estava errada novamente...

— Por quê?

—Ele disse que Connor foi visto saindo da joalheria do vilarejo com um anel de diamantes para Gabrielle... Mas algo me diz que o anel era para você!

Connor entrou na sala de estar e foi bombardeado pelos brados de Patsy.

— Sei que você sabe! Onde está a Srta. Sayer?

— Eu não sei, *madame.* Eu não a vi durante a manhã toda.

— A cozinheira me disse que vocês estavam juntas esta manhã. Exijo que me diga... — Patsy interrompeu-se com a entrada de Connor. — Oh! Exatamente quem eu estava procurando! Você não tem idéia do inferno que vivi. Foi intolerável!

Ele ouviu a madrasta reclamar por longos minutos, mas seu pensamento estava distante. A conversa que tivera com Anne não havia

sido agradável, mas fora necessária. Talvez fosse importante para ajudá-lo a superar o que acontecera onze anos atrás.

A expressão que vira no rosto bonito quando contara sobre o anel fora do mais puro choque. Não havia dúvida de que ela não fazia idéia de que a pediria em casamento antes de partir.

Acreditava que seus pais haviam-na intimidado para que rompesse o relacionamento, mas ainda havia algo que o intrigava...

Ela fora muito convincente naquela manhã, lembrou-se com perfeita clareza. Fora resoluta e determinada em convencê-lo de que não o amava. Por que teria sido tão dura se simplesmente estivesse amedrontada com o futuro? Por que não conversara sobre o assunto, se era aquilo que a preocupava? Por que, se o amava e confiava nele, acreditara na opinião de seus pais?

— Suponho que você estava com Anne... — a voz de Patsy interrompeu seus pensamentos.

As janelas da sala estavam abertas, mas ele se sentia oprimido com a acusação implícita no tom de voz. Caminhou até a vidraça e avaliou a madrasta, lembrando-se que um dia fora como uma mãe para ele. A mulher controladora e autoritária havia dominado aquela família desde que se lembrava, exigindo que tudo fosse exatamente da forma como desejava.

Olhou pela janela com a estranha sensação de liberdade, como se o peso de séculos tivesse sido retirado de suas costas.

— Temos de conversar, Connor. — Ela se aproximou e deteve-se diante dele. — Estou muito preocupada com seu futuro. A situação é delicada.

— Que situação?

— Você não se casou, e suas irmãs estão ocupadas demais viajando pelo mundo para se preocuparem com um filho.

— Não se preocupe. Você terá herdeiros. Aposto que Deborah ficará grávida em menos de um ano.

— Não é só isso que me preocupa. — Patsy sentou-se e tamborilou os dedos no braço da poltrona.

— Estamos com problemas sérios. Há uma mulher em Atlanta, Diana Bell, que trabalhou para nós.

— Eu me lembro. Era cozinheira, não é?

— Sim. Bem, tivemos de demiti-la por problemas de caráter... E agora, ela vai à imprensa.

Disse que seu pai... — Hesitou, visivelmente embaraçada. — Diana ameaça revelar que eles tinham um romance, e que ele prometeu lhe dar sete milhões de dólares.

— Sete milhões de dólares? — Connor repetiu, espantado. — De onde ela tirou isso?

— Bem, ela disse que seu pai estava apaixonado por ela, e que lhe daria tal quantia.

— Quando esse suposto romance aconteceu? Ela tem alguma prova?

— Não sei, mas se ela for à imprensa, as provas não significarão muito. Verdade ou não, quando todos virem o nome de Bradford Emory envolvido em um escândalo sexual, a reputação de nossa família estará arruinada.

— Talvez.

— Quero que vá falar com essa mulher e tentar convencê-la a não ir aos jornais. Ofereça o que for preciso, Connor. Não quero que a memória pública de seu pai seja profanada dessa forma.

Connor refletiu sobre as revelações.

— Se lhe dermos a quantia que ela quer e a imprensa descobrir, as afirmações parecerão ainda mais substanciais.

— Não importa. Você tem de fazer isso, Connor. Vá falar com ela.

Você conseguirá convencê-la. Temos apenas de mantê-la calada.

— Você acredita no que ela diz, Patsy?

Analisou a madrasta com atenção. Seria verdade que ela estava com medo de arruinar a memória de seu pai, ou estaria apenas preocupada com os comentários que surgiriam a respeito do casamento?

— Acredito que ele teve um romance, mas não que lhe ofereceu sete milhões de dólares.

Ele assentiu. Sabia que Patsy escondia muitos segredos, e os romances secretos do marido estavam entre eles.

— Você irá?

— Talvez seja melhor deixar isto a cargo dos nossos advogados.

—Não quero que se envolvam. Quanto mais pessoas souberem, mais chance haverá de que as informações possam vazar.

— Está bem. Vou pensar a respeito.

— Ótimo. — Ela respirou aliviada. — Eu também gostaria de me desculpar por ter sido rude com Anne. Sei que você acha que a odeio.

— Mesmo que não goste dela, não tem o direito de tratá-la daquela forma, e deveria se desculpar diretamente com ela.

— Não. Não posso falar com ela, não sem me lembrar...

— Lembrar-se do quê?

— Isso é outra coisa que gostaria de conversar... — Patsy endireitou a coluna. — Pelo que tenho visto, você está se deixando enfeitiçar mais uma vez.

— Não é verdade! — Connor tentou afirmar, mesmo sabendo que não era sincero.

— Fico feliz em saber. Mas tenho algo para lhe dizer que poderá machucá-lo.

Connor a fitou com impaciência, sentando-se na poltrona diante dela.

— Essa situação com Diana... Bem, não é a primeira vez que algo desse tipo acontece.

Ele ergueu as sobrancelhas, como se ela estivesse revelando o óbvio. Porém, as palavras que ouviu a seguir provocaram-lhe a sensação de que o mundo desabara sob sua cabeça.

— Anos atrás, eu flagrei seu pai em uma cena comprometedora... com Anne Sayer.

Capítulo VIII

Connor sentiu o ar ser drenado da sala. Não poderia ser verdade! Não com Anne. Sabia que seu pai se envolvia com as jovens que trabalhavam na mansão, mas ela jamais permitiria que a assediasse.

— Você deve acreditar em mim. Não há dúvidas de que eles estavam tendo um romance. Além disso, seu pai confessou. Disse que não chegaram às vias de fato, e não quis que ela fosse despedida.

— Impossível! — Uma onda de fúria congestionou o rosto de Connor. — Sempre soube que você diria qualquer coisa para me manter afastado dela, mas nunca julguei que chegasse tão baixo. Essa é a acusação mais repulsiva que você poderia ter feito!

— Connor, é verdade. Eu mesma os vi na biblioteca, e a blusa dela estava aberta.

— Quando isso supostamente aconteceu?

— No último verão que viemos para cá. Por que acha que nunca mais voltamos?

Connor sentiu o sangue congelar nas veias. Julgava que não haviam voltado em função de seu trauma, mas percebeu que ninguém sabia do que acontecera, exceto Anne, e nem mesmo ela conhecia a extensão do dano que provocara.

— Se essa história fosse verdadeira, você a teria demitido — afirmou, pondo-se de pé.

— Eu não poderia ter feito isso.

— Claro que não, porque nada aconteceu.

— Connor, ouça... Seu pai não queria lhe dizer que conhecia seus sentimentos a respeito dela.

Ele abriu a boca para falar, mas não queria ouvir as próprias explicações.

— Tentamos de tudo para que Anne se demitisse, mas ela não quis. E, se a forçássemos, ela poderia ter processado seu pai por assédio sexual.

— Do que está falando? Anne jamais faria isso! Sua determinação em denegrir a moral de Anne é inacreditável!

—Eu tenho provas! — Patsy se levantou. — E não foi ela quem nos ameaçou. Foi sua avó, Delores Sayer.

Connor prendeu a respiração. A velha senhora nunca gostara dele, embora não soubesse o porquê. Sempre suspeitara de que ela sabia de algum segredo que não pudesse revelar.

— Que provas? — indagou, hesitante.

Seguiu-a para a biblioteca, sentindo que o chão sumia sob seus pés. Se o que Patsy dissera fosse verdade, tudo que vivera com Anne não passara de uma brincadeira que destruiria seu coração para sempre.

Sua madrasta atravessou o aposento e abriu o cofre posicionado ao lado da lareira. Retirou uma valise do seu interior e caminhou até a escrivaninha, abrindo-a lentamente.

Connor relanceou o olhar para as demais pastas do interior da valise. Augusta Williams. Emily Robinson. Margareth Moore. Jane Newel. Clara Brock... Lembrava-se da maioria daquelas mulheres. Todas haviam trabalhado para os Emory, em algum momento da sua vida. Quando se tornou mais maduro, ele começara a desconfiar da razão por nenhuma

empregada ficar mais do que alguns meses na casa. Lembrava-se de ter visto várias delas saindo sorrateiramente do quarto do pai, ou entrando em seu escritório tarde da noite, trancando a porta atrás delas...

Naquela ocasião, como na atualidade, Patsy era uma dama da sociedade e raramente ficavam em casa. Seu pai tinha tempo suficiente para se divertir com as jovens empregadas.

Connor abriu uma das pastas e viu a cópia de cheques de alto valor. Olhou para o envelope que Patsy tinha nas mãos, com a inscrição *Anne Sayer.*

Retirou uma folha do interior e estendeu-a para ele.

— Consegui esta cópia através de microfilmagem, que o gerente do banco teve a gentileza de providenciar em respeito a seu pai.

Atônito, ele permaneceu olhando para o papel por um longo tempo. A vultosa quantia de cinqüenta mil dólares, escrita com a caligrafia rebuscada do pai, saltou-lhe aos olhos, mas nada o deixou tão chocado ao ver que o cheque era destinado a Anne Sayer.

Sem dizer nada, saiu do aposento, pouco disposto a conversar.

Seguiu direto para seu quarto e se deitou, pondo-se a rolar na cama sem conseguir conciliar o sono.

Não era possível que tudo aquilo estivesse acontecendo.

Fechou os olhos com força, desejando que tudo não passasse de um pesadelo.

Um grito lancinante cortou a noite. Connor deu um pulo da cama. Não conseguira dormir, e uma descarga maciça de adrenalina percorreu-lhe as veias.

Levantou-se e vestiu apressadamente o roupão sobre o pijama. Ao chegar ao andar inferior, ouviu o som de vozes femininas crescerem acima do tom normal.

Ao avistá-lo, Gabrielle e Nicolle, falando rapidamente em sua língua

natal, correram na direção dele.

— Esperem!

Ergueu os braços, e elas se calaram no mesmo instante, com os olhos arregalados em pânico.

— O que está acontecendo?

— Um... um... — Gabrielle apontava para o jardim com violento tremor nas mãos.

Connor olhou na direção que ela indicava esperando encontrar uma invasão de seres de outro planeta, ou qualquer coisa desse porte que fosse razão para tamanho pânico.

— Acalme-se, Gabrielle. O que é?

— Ela disse ter visto alguma coisa — Nicolle explicou, amedrontada.

Era a primeira vez que a via sem o fone de ouvido, e percebeu que já havia se esquecido do timbre de voz da adolescente.

— Mas o que ela viu?

— Um fantasma!

Connor fechou os olhos e soltou o ar com força. Duas mulheres histéricas era tudo que precisava para completar sua noite. —Alguém foi ao seu quarto, Gabrielle? Foi isso que aconteceu?

— Não! Foi no jardim.

— Está bem. Vamos verificar.

— Não! Não quero ir lá fora.

— Você ficará bem, eu prometo. Deve ter visto alguma sombra entre as árvores.

Ele abriu a porta da frente e conduziu-a para o jardim, enquanto Nicolle voltava para o quarto. Atravessaram a varanda e ele olhou ao redor.

— Onde você viu um fantasma? Foi pela janela?

— Sim!

A jovem estava tão perto que esbarrou nele, e somente então Connor teve consciência de que ela usava uma minúscula camisola transparente. Estava aterrorizada, e pressionava o corpo de encontro a seu braço.

A brisa da noite agitou a copa das árvores, e ela se apertou de encontro ao peito largo.

— Está vendo? Não há nada aqui.

Depois de alguns segundos, a jovem relaxou a pressão das mãos sobre seu braço, como se notasse pela primeira vez que estava colada ao corpo de Connor.

— Desculpe... — Gabrielle sorriu, encabulada. — Tenho certeza de que vi um fantasma!

— Fantasmas não existem, Gabrielle. Vamos entrar. Vou levá-la ao quarto de seu pai.

— Está bem.

Deixou que a jovem entrasse a sua frente e suspirou fundo. Estava exausto, e imaginou como se sentiria na manhã seguinte, depois de uma noite sem dormir.

Acompanhou-a até o quarto do pai e estava prestes a sair quando Marcello o chamou, pedindo que esperasse.

Depois de acomodar a filha em sua cama, sugeriu que tomassem uma taça de vinho, e desceram para a saleta íntima ao lado da biblioteca.

— Sei que você não está acostumado a trocar confidencias de madrugada, mas notei que está aborrecido — começou, oferecendo-lhe um cálice de vinho do Porto.

— De fato, estou muito aborrecido. Tenho de ir para Atlanta amanhã.

— Por quê?

— Tenho de resolver um assunto — respondeu de forma evasiva.

— Já disse a Anne?

— Não, e não sei se vou dizer. Ela também não foi sincera comigo.

— Ela é a razão por você estar partindo?

— Há uma antiga empregada da família que está nos chantageando com a ameaça de ir à imprensa revelar sobre o romance entre ela e meu pai.

— Ah, seu pai — o italiano comentou significativamente. — E o que vai fazer a respeito?

— Não sei. Aparentemente, isso era comum. Durante muitos anos, meu pai assediou as jovens que trabalhavam em nossa casa.

— Meu rapaz, seu pai não era má pessoa. Era um homem muito atraente, e você herdou tal qualidade. Quando alguém é tão charmoso quanto ele, você sabe o que pode acontecer...

— Além disso, ele era um homem rico.

— Era mais uma razão para que as mulheres se sentissem atraí; das. — Marcello o encarou, como se pudesse ler sua alma. — É isso que o está aborrecendo?

— Sim, mas não é tudo. — Connor sorveu um gole do vinho, pensativo. — Patsy mostrou-me a cópia de um cheque datado de onze anos atrás, com uma vultosa quantia, destinado a...

Conteve-se. Queria mesmo revelar aquilo para mais alguém? Marcello baixou o olhar e Connor não conseguiu encará-lo.

— Seu pai foi um grande amigo, e era um bom homem, generoso e gentil. Mas ele era do tipo que não conseguia controlar os próprios desejos. Agia sem pensar, até ficar sabendo da repercussão de suas ações.

— Não são as ações do meu pai que estão me aborrecendo.

— Oh, então trata-se de alguém que teve alguma ligação com ele...

— Os olhos de Marcello se arregalaram de forma sugestiva. — A julgar pelo seu estado de consternação, chego a pensar que o cheque foi

destinado a Anne.

O silêncio eloqüente confirmou o que Connor não conseguia enunciar.

— Deixe-me dizer uma coisa, filho. Bradford Emory era o tipo do homem com quem eu não deixaria minhas filhas sozinhas em uma sala — Marcello afirmou, tentando tranqüilizá-lo.

— Ele não conseguia perceber quando suas atenções não era desejadas.

— Você sabia a respeito de Anne?

— Suspeitava que era disso que você estava falando, mas não sei de nada que a comprometa.

— Ela descontou o cheque, Marcello. Por quê? Por que teria aceitado o dinheiro se as atenções do meu pai não fossem desejadas?

— E como pode ter certeza de que esse cheque prova que tivessem um envolvimento amoroso? Pode ter sido um bônus, ou um presente de Natal...

— Era um cheque de cinqüenta mil dólares. Marcello assoviou, admirado.

— Não sei, meu rapaz. Mas na certa, Anne sabe, e você deveria perguntar a ela.

Ele tomou o último gole de vinho e se levantou.

— Anne é a última pessoa com quem desejo conversar.

Anne chegou à mansão na manhã seguinte com um profundo senso de bem-estar que quase a assustou. Ainda corria o risco de perder seu emprego e a casa que fora praticamente sua por toda a vida... No entanto, saber que Connor planejara pedi-la em casamento, mesmo que fosse há onze anos, preencheu sua alma. Um dia, ele desejara passar o resto da vida com ela... Era o que bastava saber para que o mundo se tornasse

mais colorido.

Fez uma pausa na saleta de refeições e se lembrou do olhar no rosto dele no dia anterior. Haviam tomado algumas doses de vinho, mas era ele quem estava lá. Mesmo o som da voz de Patsy ecoando do piso superior não perturbou seu bom humor.

— Bom dia, Prim — saudou com alegria ao entrar. — Está tudo bem?

A cozinheira arregalou os olhos ao vê-la.

— Connor planeja voltar para Atlanta esta manhã. A sra. Emory acabou de...

Como resposta, ela correu para fora, sem ouvir o restante da frase de Prim.

Avistou Marcello e Connor conversando no jardim e correu na direção deles.

— Você está de partida? — indagou em tom ofegante.

— Sim.

— Por quanto tempo? Você vai voltar?

Não obteve resposta, e seu estômago se contraiu.

— Não vai falar comigo? — quase suplicou, desesperada diante da frieza que encontrou.

Connor desviou o olhar do jardim atrás dela para o chão, e então para seu rosto.

— Não, não ia lhe dizer. Suponho que eu também tenha o direito de ter meus segredos, assim como você.

— Que segredos? Do que está falando?

Ele riu, mas a expressão não denotava bom humor.

— Connor...

Anne olhou para Marcello. Não queria ter uma discussão pessoal diante dele, mas não teve escolha.

— E quanto à festa? Faltam apenas alguns dias...

— Não me importo com a festa. Faça o que quiser — respondeu, dando-lhe as costas.

— Não pode fazer isso!

Deu mais um passo na direção dele, sentindo a descarga maciça de adrenalina, mas a expressão gélida no rosto de Connor a imobilizou.

— Você não pode simplesmente ir embora e me dizer para fazer o que eu quiser. Conhece Patsy. Ela vai transformar isso em um circo!

— Então, que seja um circo — ele disse sem se deixar abalar.

— Connor! O que está havendo? Eu achei... eu achei que nós... Interrompeu-se e olhou para Marcello.

Entendendo a súplica nos olhos de Anne, o simpático senhor ergueu as mãos com um sorriso benevolente.

— Vou deixá-los a sós por um momento.

— Não é preciso — Connor começou, mas ele fez um gesto decidido.

— Converse com Anne, meu caro. Vou dizer ao piloto que você está a caminho.

Ao perceber que Connor se recusava a encará-la, Anne teve de se esforçar para não gritar.

— Quer me dizer, pelo amor de Deus, o que houve para deixá-lo assim tão bravo?

— Anne, eu sei a respeito do cheque.

— Que cheque?

— O cheque, Anne. Aquele, de cinqüenta mil dólares.

Ela riu, aliviada. Era óbvio que se tratava de algum tipo de mal-entendido.

— Connor, nunca preenchi um cheque com esse valor em toda a minha vida. Você deve ter se confundido. Explique sobre o que está falando.

— Estou falando sobre o cheque, Anne — insistiu, fitando-a com

firmeza. — O cheque que meu pai lhe deu. Estou falando sobre o fato de minha madrasta ter flagrado vocês dois, no meio de... algo.

Anne sentiu o sangue ser drenado do seu corpo e uma súbita onda de frio cresceu dentro de si.

Então, finalmente, Patsy havia revelado o segredo...

— Devo supor, pelo seu silêncio, que você sabe a que incidente estou me referindo — a voz de Connor soou fria e impessoal, mais do que acusadora.

— Sei do que está falando, mas não foi como pensa. Conheço a versão de Patsy, e deve ser a mesma que você sabe, mas não foi verdadeira.

Por quantas vezes ela repetira aquela história em sua cabeça?

— Não foi verdadeira? Então, você se importava com meu pai, e não estava interessada apenas no dinheiro?

— Não! Connor estava apaixonada por você! — quase gritou, chocada. — Seu pai não significava nada!

— Não significava nada? Então, o que foi aquilo?

— Não tínhamos nenhum tipo de envolvimento que não fosse o de patrão e empregada. Na verdade, nada aconteceu. — Tapou a boca com as mãos, exasperada.— Meu Deus, não posso acreditar que estou dizendo isso! Nunca quis falar sobre este assunto. Sabia como você ficaria magoado, não por ter acontecido algo entre seu pai e mim, e sim pelo mal-entendido.

A expressão do rosto másculo denotava a mais pura descrença.

— Era seu pai, Connor. Eu não queria lhe dizer o tipo de coisa de que ele era capaz de fazer.

— Não me contou com intenção de me poupar?

— Sim! Você estava tentando se aproximar e ser o filho que ele esperava. Como poderia lhe contar algo desse tipo? Como poderia revelar

que ele não era o pai que você gostaria que fosse?

— É claro, você não poderia. Não, sem dizer que também não era a garota que eu esperava.

Ela fechou os olhos por um instante.

— Connor, seu pai tentou me assediar certa vez...

Anne desviou o olhar, sentindo o mesmo pânico do dia em que acontecera. Naquela noite, o sr. Emory estava alterado pela bebida. Conhecia sua reputação, assim como as demais empregadas, e deveria estar preparada para algo daquele tipo. No entanto, julgara que o fato de ser namorada do filho de seu patrão a protegeria, e ficou atônita quando ele a abordou.

Tudo que sentira fora repulsa, e estava convicta de que não fizera nada para encorajá-lo. Naquela ocasião, julgara que seria excessivamente rude empurrá-lo ou ter qualquer tipo de reação hostil contra ele. Não estava preparada para desrespeitá-lo. Então, ele tentara abrir sua blusa, mas ela o empurrara. O elevado teor alcoólico o deixara sem coordenação motora, e ele agarrara-se a gola de sua blusa, fazendo com que o tecido rasgasse.

Anne ficara tão horrorizada e envergonhada que correra para fora do quarto aos prantos, e quase esbarrara em Patsy, que acabara de abrir a porta da biblioteca.

Aquela era a única verdade, guardada em segredo por tantos anos...

Anne controlou o ritmo da respiração. Não sabia o quanto deveria revelar sobre aquele dia.

Bradford Emory morrera havia pouco mais de seis meses, e não pretendia arruinar a relação entre pai e filho. A madrasta sempre demonstrara preferir as filhas de seu próprio sangue, e seu pai era o único familiar de quem poderia ter amor e afeto. A idéia de destruir tal possibilidade era intolerável.

— Connor, foi tudo um grande mal-entendido... — Anne balbuciou, indecisa.

— Patsy me contou que os flagrou, e a viu com a blusa aberta.

— Prefere acreditar em Patsy?

— Creio que posso dizer cara a cara que a verdade que ela revelou não é muito diferente da sua.

Ela riu, tentando esconder a tristeza.

— Então, você já se decidiu. Prefere a história de sua madrasta.

Quem diria que você confiaria mais em Patsy do que em mim! Como teríamos rido dessa idéia quando estávamos juntos!

— Eu acredito nela, Anne. Acredito na maior evidência, que é o cheque. Quando o vi, a história de minha madrasta se tornou mais plausível do que a sua.

— Mas afinal, de que cheque você está falando?

A expressão de Connor se tornou tensa e ele deu um passo na direção dela.

— O cheque de cinqüenta mil dólares, Anne. Ou será que ele é apenas um dentre tantos que você não possa se lembrar?

— Nunca vi nenhum cheque!

— Você acha que sou algum idiota? O dinheiro foi sacado. Você o pegou, Anne. Por que não admite?

— Não sei do que você está falando, Connor! Não peguei dinheiro algum — defendeu-se, com o coração desenfreado do peito. — Está me acusando de roubo?

— Nunca disse que você roubou. Na verdade, parece que você merecia o dinheiro.

— Jesus, Connor, quer fazer o favor de explicar sobre o que está falando? Que cheque?

— O cheque que meu pai lhe deu para que não o denunciasse por

assédio sexual.

— O quê!?

— Você ouviu.

— Acha que seu pai me daria um cheque nesse valor?

— A data indica que foi descontado dias depois de ter rompido comigo. Não creio que faça tanto tempo a ponto de ter se esquecido, já que se lembra de tudo com muita vivacidade.

— Connor, você tem de acreditar em mim. Nunca recebi nenhum cheque de seu pai. Se tivesse esse dinheiro, o que acha que teria feito?

— Não sei. Comprado um carro, uma casa, ido à faculdade... Ela prendeu a respiração. Fora tudo o que fizera, mas nada do que possuía fora financiado por Bradford Emory. Havia trabalhado duro para adquirir seus modestos bens, e Delores a auxiliara a custear a universidade.

— Paguei a casa e o carro com meu próprio salário, e minha avó poupou durante muitos anos para me sustentar enquanto eu cursava a universidade.

— Por falar em sua avó...

Anne cruzou os braços sobre o peito. Sentia-se enojada, mas recusava-se a se dar por vencida.

— O que tem minha avó?

— Você a mandou intimidar meu pai, ameaçando-o de um processo judicial. Parecia ser tímida demais para fazer o trabalho sujo, não é?

Uma risada histérica escapou dos lábios de Anne.

— Foi exatamente o inverso, Connor. Ele me intimidou... Ou melhor, ele se manteve omisso, enquanto Patsy me intimidou, ameaçando lhe contar tudo...

— Não entendo por que você ficou com medo que isso acontecesse.

— Você não quer ouvir a história toda? Não compreende? Não é a mesma história que Patsy lhe contou! Talvez ela tenha tirado suas próprias

conclusões ao me ver sair da biblioteca com a blusa rasgada, mas seu pai...

— Não tenho ilusões sobre o caráter do meu pai, mas sei que ele não tentaria seduzir a namorada do próprio filho.

— Ele estava alcoolizado, e não sabia quando parar. Eu, por minha vez, não sabia como detê-lo. Você me conhecia, Connor. Eu era tímida e indefesa. Pode imaginar o quanto ele me intimidou.

— Claro. Mas há mais uma coisa, a mais intrigante de todas... — Connor a encarou, e havia frieza em seus olhos. — Não entendo por que aceitou o dinheiro... Se há algo que sei a seu respeito, é que jamais aceitaria ser subornada ou comprada.

— Sinto-me lisonjeada. Sua crença em minha integridade é tocante, mesmo diante das acusações sobre meu caráter — ela disse em tom ácido. — Você acha que estou mentindo? Se acredita em Patsy, vá em frente e entre naquele helicóptero. Se fizer isso, estará provando que nunca me conheceu verdadeiramente.

Ao dizer isso, Anne deu-lhe as costas e se afastou, antes que o pranto explodisse em seus olhos. Quando entrou na cozinha, ouviu o ruído do helicóptero se afastar, cortando o céu azul.

Capítulo IX

Prim, onde está a Sra. Emory? A cozinheira ergueu os olhos da tigela de vagens sobre a mesa e se voltou para Anne com expressão preocupada.

— Ele já foi?

— Sim... — balbuciou, contendo o pranto. — Tenho de falar com ela agora mesmo.

— Patsy foi para a biblioteca.

— Obrigada.

— O que aconteceu, Anne? Tem alguma relação com a partida de Connor?

Ela estava perturbada demais para conversar. Apertou as mãos e seguiu em frente com passadas firmes.

Deteve-se diante da porta de madeira maciça. Por um momento, reviveu mentalmente a cena que havia mudado sua vida.

Onze anos atrás, havia entrado naquele mesmo aposento para se encontrar com os Emory. Ambos estavam sentados nas majestosas poltronas ao lado da lareira, enquanto ela permanecera de pé, como se estivesse prestes a ser julgada por um crime hediondo.

— Estou certa de que sabe por que a chamamos aqui — Patsy começara com expressão severa.

— Suponho que sim.

— E tem alguma sugestão sobre o que devemos fazer?

— Não há nada a fazer. Tudo não passou de um equívoco.

— Um equívoco? Mas eu a vi saindo deste mesmo aposento com a blusa aberta!

— Nada aconteceu. Eu... eu... — Uma risada nervosa escapara de seus lábios. — Já esqueci o que houve.

A Sra. Emory olhara para ela como se fitasse um ser de outro planeta.

Naquela ocasião, Anne já sabia que os Emory não estavam preocupados com ela, e sim, com a reputação da família aristocrática. Queria ter certeza de que ela seria discreta sobre o suposto assédio de Bradford Emory.

— Esqueceu? — a matriarca rira com cinismo. — Você se atirou nos braços do meu marido, e diz que já se esqueceu disso?

— Não! Não foi o que eu quis dizer...

— Foi o que você disse. Ouvimos muito bem, não é, querido? O Sr. Emory se limitara a limpar a garganta, visivelmente constrangido.

— Sim, meu bem.

— Anne, poderíamos despedi-la por isso.

Ela olhava de um para outro, incrédula. Ouvia uma versão da história que pervertia os fatos, colocando-a como culpada. Se perdesse o emprego, como poderia cuidar da avó? Como conseguiria cursar a universidade que tanto sonhava?

— É exatamente o que eu gostaria de fazer, mas meu marido é mais generoso. Ele quer que você fique.

— Obrigada — foi tudo que ela conseguira dizer.

— No entanto, temos algumas exigências.

— Exigências?

— Sim, e não vamos negociar. Você deve abandonar Connor...

— O quê?

— Quero que termine o namoro. Diga a ele que acabou. Não importa que Connor fique com o coração partido, mas acabe com esse relacionamento hoje mesmo.

— Mas vocês vão partir amanhã. Não há necessidade. Deixe que ele simplesmente vá embora. Prometo que não escreverei, nem ligarei... Por favor, não quero magoá-lo!

— Anne, preste atenção. Nós duas sabemos bem que vocês pertencem a classes sociais diferentes. Ele é um aristocrata e possui sangue azul. Seus ancestrais pertencem à nobreza — dissera com orgulho, fitando-a de alto a baixo. — Quanto a você... Bem, é uma serviçal. Não tem sangue nobre, Anne. Sinceramente, não acredito que possa pensar que Connor realmente pretenda se casar com você.

— Não. Nunca acreditei nisso.

Ela sentira o coração se partir em mil pedaços. Casar-se com Connor

era tudo que sempre sonhara. No entanto, a realidade exigia que fosse razoável.

— Tudo o que pedimos é que termine com ele. Sabe que isso aconteceria mais cedo ou mais tarde, não é? Ademais, ele vai para a Europa no outono, e começará um estágio importante nas empresas Emory. Connor está no último ano da universidade e, assim que se formar, assumirá um cargo de gerência. Ele será herdeiro do império que construímos, e terá um futuro que não combina com você.

— Compreendo, sra. Emory.

— Meu Deus, você pode se imaginar em um baile de caridade, com um armário cheio de vestidos de noite e anéis de diamante? Consegue ver a si mesma conversando com senadores, celebridades e embaixadores de outros países? Seria capaz de representar Connor em todos os eventos sociais que ele participará?

Ela abaixara os olhos, sentido-se a última das mortais.

— Você tem visto o tipo de festas que oferecemos na ilha. São agradáveis, admito, mas estão longe de atingir o padrão das que oferecemos em Atlanta.

Pela primeira vez em sua vida, Anne sentira o efeito devastador da humilhação.

Nunca deixara de notar que ela e Connor pertenciam a mundos diferentes, mas em sua ingenuidade juvenil, acreditara que o amor fosse capaz de superar todas as barreiras.

No entanto, as palavras de Patsy Emory fizeram com que a realidade se abatesse sobre ela como o peso de séculos.

— Entendi perfeitamente, Sra. Emory. Gostaria apenas de perguntar por que não posso deixar Connor sem ter de magoá-lo tanto.

— Se não fizer o que queremos, vamos despedi-la, e não farei nenhuma carta de referência para você. Como poderá viver sem emprego?

Como cuidará de sua avó? — A pausa eloqüente ressaltara a insignificância que Anne passara a sentir. — Além disso, vou contar a Connor tudo que você tentou fazer com meu marido. Não acha que ele ficará ainda mais magoado ao saber disso?

— Sr. Emory, por favor, conte o que de fato aconteceu! — suplicara, em um gesto de desespero.

— Por favor...

Ele se mantivera calado, olhando para o chão, e Patsy se levantara para se colocar à frente dela.

—Meu marido concorda com tudo que eu disse. Se não cumprir sua parte, vai dizer a Connor tudo que você fez. E quando ele descobrir como seu caráter é pervertido, garanto-lhe que não apenas vai esquecer essa paixão absurda, como passará a odiá-la por toda a sua vida!

As reminiscências fizeram com que Anne voltasse ao passado. Apertou as mãos, úmidas de suor, e bateu na porta com força maior do que gostaria. Não sabia se era de raiva ou medo, o mesmo que a jovem ingênua sentira anos antes.

— Entre!

Ela respirou fundo e abriu a porta. Endireitou a coluna e encarou a elegante senhora sentada à poltrona, com um livro sobre o colo.

— Anne! Não esperava vê-la.

— É mesmo?

Apertou as mãos, determinada a não demonstrar raiva ou ressentimento. Tinha de permanecer calma, racional e lúcida. Não sairia daquela sala até ver a cópia do cheque a que Connor se referia. Cada peça de evidência seria importante para provar que a sra. Emory mentira.

— Por favor, sente-se.

— Prefiro ficar de pé, obrigada.— Endireitou a coluna e fitou-a com

determinação. — Tenho certeza de que sabe por que estou aqui, sra. Emory. Gostaria que me entregasse a cópia do cheque que revela que saquei cinqüenta mil dólares da conta do sr. Emory.

— Você sacou aquele cheque, e sabe disso.

— Por que não poupa nosso tempo, sra. Emory? Connor já foi embora. Não precisa se preocupar que ele ouça suas mentiras.

— Não menti, Anne. Apenas mostrei a prova de que você realmente pegou aquele dinheiro. Se alguém está mentindo agora, é você. Eu não ficaria surpresa se estivesse com algum gravador escondido, esperando me flagrar dizendo alguma coisa que pudesse usar para convencer Connor de que você é inocente. — Patsy folheou o livro com descaso. — Você sempre foi brilhante em seduzir os homens desta família, mas o fato é que ainda tenho a microfilmagem do cheque que meu marido lhe deu para evitar que o processasse.

Anne retesou os músculos, sentindo o corpo todo ser tomado por uma onda de tremores, a ponto de explodir.

— Sra. Emory, nós duas sabemos que não fiz nada disso. Seu marido me assediou, como fazia com todas as jovens que trabalhavam na mansão, e a senhora chegou no momento em que eu tentava fugir das investidas dele.

— Oh, por favor...

— A senhora também sabe que eu nunca, nem em meus mais loucos sonhos, aceitaria dinheiro de seu marido, especialmente sendo uma quantia tão elevada. Nem saberia o que fazer com tanto dinheiro.

Os lábios de Patsy se curvaram em um sorriso frio.

— Você está pedindo para ser mandada embora, minha cara. Acusar meu marido e denegrir a imagem dele dessa forma é abominável!

—- Eu não disse nada que não fosse verdade.

— É uma questão de opinião.

— Exijo ver a cópia do cheque que mostrou a Connor. Quero saber exatamente o que a senhora planejou para manipulá-lo e colocá-lo contra mim.

— Anne! Como ousa falar comigo assim? Ninguém nunca me tratou com tanta insolência!

— Sinto muito, mas não sou mais a jovem submissa e frágil de onze anos atrás.

Não era mais a mesma garota assustada. Ela amadurecera e mudara o estilo de vida. Durante aqueles onze anos, havia participado de festas, convivido com celebridades, cursado a universidade e participado da vida da elite. Aquilo tudo a ensinara que nunca fora diferente de ninguém. Através dos anos, aprendera a se relacionar com pessoas das quais Patsy tentara convencê-la de que não era digna. Conhecera celebridades internacionais, embaixadores e atletas famosos. Podia se sentir compatível com a vida que Connor levava depois de todo esse tempo.

Ergueu o queixo com orgulho.

— E agora, poupe nosso tempo e apresente a prova a que se referiu. Não sairei daqui enquanto não souber da verdade.

Observou Patsy se levantar a contragosto e caminhar até o cofre. Voltou com um envelope e o colocou sobre a escrivaninha, para retirar uma folha de papel do seu interior.

Ao apanhá-la, Anne arregalou os olhos, perplexa. O cheque datava de onze de outubro de 1992, três dias após seu rompimento com Connor, e viu seu nome escrito com a caligrafia elegante de Bradford Emory na linha destinada a nomear o beneficiário.

— Alguma dúvida? — Patsy indagou com cinismo. Milhares de dúvidas fervilhavam em sua cabeça. Ao lado da cópia do cheque, fora acrescentado o registro do extrato bancário com o saque, a prova inegável

de que fora descontado.

Como poderia ser possível?

Atônita, ela vasculhou sua mente à procura de alguma explicação plausível. De súbito, uma possibilidade inconfessável lhe ocorreu, e sentiu o sangue congelar nas veias.

Sua Avó! Claro! Como teria conseguido poupar quantia tão elevada para custear a universidade?

Olhou para Patsy em desespero, mas não a viu. Tudo que pôde ver foi o rosto abatido de Connor enquanto seguia para o helicóptero. Como deveria estar se sentindo, ao acreditar que fora traído duas vezes pela mesma mulher?

— Sabe perfeitamente que eu não tive nenhum romance com seu marido — quase gritou, à beira da histeria. — A senhora não é estúpida! Fingia não saber do comportamento dele para não ter de se divorciar e perder todo o dinheiro e prestígio!

— Já basta! — Patsy gritou com um gesto decidido.

— Ele até lhe fez um favor, não é? — Anne prosseguiu, encontrando uma frieza que a surpreendeu.

— Tinha de encontrar uma forma de se livrar de mim, e ele lhe deu uma boa razão. Começo a pensar que foi a senhora mesma que planejou a cena... Foi a senhora quem pediu para que eu levasse a bandeja de chá para a biblioteca, naquela noite...

Anne arregalou os olhos ao ouvir as próprias palavras. Tudo se tornara claro. Como nunca pensara naquilo antes? Costumava se sentir afortunada pelo fato de nunca ter sido assediada pelo patrão, como suas colegas. Achava que a respeitava por ser namorada de seu filho.

Mas então... Sim, fazia todo o sentido do mundo que Patsy tivesse planejado e facilitado o assédio!

— Pense o que quiser, Anne. Conseguiu fazer um bom investimento

em seu futuro, mas a verdade é que você nunca foi tão importante para Connor. Ele teria insistido em ficar com você, considerando que nunca lhe mostrei a cópia do cheque até ontem.

Anne prendeu a respiração. Ela estava certa. Se Connor a amasse, certamente não teria desaparecido durante anos. Nunca a procurara, mesmo quando enviara a nota de condolências.

— Mas teve de lhe mostrar, Patsy. Mesmo depois de onze anos, teve de usar desse artifício para que ele realmente fosse embora. Pense a respeito disso.

— Vovó!

Anne sentou-se ao lado da cama e avaliou o rosto severo, mesmo no sono. O sol do entardecer penetrava no quarto, aquecendo-a com seus últimos raios.

— Vovó... Tenho de lhe perguntar algo.

O estresse que vivera naquele dia a levara a um estado de extrema fadiga nervosa. Fora para casa imediatamente depois de conversar com Patsy, para se acalmar e recobrar o controle emocional, mas seus pensamentos haviam se transformado em um caos.

Tentando encontrar alguma perspectiva, lembrou-se da razão por ter terminado com Connor tantos anos atrás. Não importava o que dissesse, nem o quanto desejasse culpar Patsy e Bradford Emory por destruir seu futuro. A verdade era que Connor jamais se casaria com ela, e apavorava-se com a idéia de passar o resto de sua vida esperando por duas ou três semanas a cada verão, torturando-se ao imaginar o que estaria fazendo em Atlanta e agonizando sobre a possibilidade de que ele conhecesse alguém.

Seu futuro se tornaria idêntico ao de sua mãe.

No entanto, não havia necessidade de ter sido daquela forma, a

mais cruel e desumana possível!

Tinha de falar com a avó. Ela não tinha o direito de ter descontado aquele cheque!

Permaneceu alguns minutos diante do leito de Delores, tentando se acalmar. Embora exausta, iria até o fim, e concluiria sua missão pela verdade.

— Vovó!

Delores sentou-se na cama e pestanejou.

— O que quer saber, Anne? Vá em frente e pergunte. Tenho todo o tempo do mundo.

— Patsy mostrou-me a cópia de um cheque de cinqüenta mil dólares, descontado da conta do sr. Emory. O que isso quer dizer?

— Não faço a menor idéia.

— Vovó, como conseguiu poupar o dinheiro que me manteve na universidade?

— Eu já lhe disse. Economizei ao longo dos anos. Além disso, havia uma pequena herança de seu pai.

— Mas vovó, quando terminei o colégio, você dizia que não teria dinheiro para o curso superior...

— É mesmo? Não me lembro.

— Creio que se lembra, vovó, e acredito que a origem daquele dinheiro foi inesquecível para você.

— Aonde quer chegar, Anne? Pare de bisbilhotar o passado! Delores apertou as mãos num gesto de nervosismo.

— Eu descobri tudo, vovó. — Anne inclinou o corpo para a frente. — Você aceitou dinheiro do sr. Emory. Não vai dizer nada?

— Era o mínimo que aquele homem poderia fazer por você! Oh, ele não valia nada! Tirando vantagem de todos nesta ilha como se fosse o dono de tudo! — Delores se exaltou, com os olhos injetados pela raiva. —

Não, não deixei que tirasse vantagem dos Sayer! Tivemos tempos muito difíceis. Ele sabia que você não seria capaz de aceitar, mas eu fui!

— Vovó, o que você fez?

— No dia em que Connor voltou para Atlanta, fui até a mansão e conversei com Bradford.

Anne olhou para a avó, mortificada ao confirmar o que acabara de descobrir.

— Oh, ele achou que poderia ser superior a nós! Tentou simplesmente pedir desculpas e até insinuou que você o seduzira, mas eu fiquei farta daquilo. Coloquei-o no seu devido lugar. Aquele homem jamais conseguiu me enganar.

— Oh, meu Deus! — Anne respirou fundo. Era inacreditável, mas era verdade.

— Aquele velho bastardo tentou tirar vantagem de você, uma jovem inocente e generosa. Ele deve tê-la deixado apavorada! Mas eu lhe disse que sabia de toda a verdade. Posso ser uma velha ranzinza e teimosa, mas nunca fui estúpida. Eles pagaram para que você tivesse um bom futuro e uma boa educação.

— Oh, vovó... — Anne fechou os olhos.

O orgulho e o senso de justiça nas palavras da avó tiveram o efeito de dissipar parte de sua raiva.

— Eu não usei aquele dinheiro para mim. Não, senhora! — Delores balançou a cabeça com veemência. — Ele foi todo para sua educação. Deixei alguns dólares em uma conta no banco e você os receberá quando eu me for.

— Mas...

— Nada de *mas.* Você deveria agradecer. Deveria estar feliz por não ter deixado que aqueles hipócritas a humilhassem ainda mais!

Anne se lembrou de que tentara desesperadamente se esconder da

avó naquele dia. Ela correra para casa depois do incidente, mas as roupas estavam rasgadas e não conseguia parar de chorar. No momento em que entrara em casa, Delores a abordara. Mesmo negando que houvesse algo de errado, a sábia senhora percebera a verdade.

— Você forneceu provas que Patsy pode usar contra mim, mostrando-as a Connor, ou a qualquer outra pessoa. Isso deverá valer cada centavo para eles.

Delores fitou-a diretamente nos olhos.

— Ele nunca será seu, Anne. Você sabe disso. Até quando vai engolir seu orgulho e deixar que os Emory a humilhem? Acha que Connor vai se lembrar da sua existência quando estiver ao lado de alguma celebridade?

— Ao menos, o que ele sabia a meu respeito era verdade.

— Verdade! Huh! Ele deveria saber a verdade. Você não fez nada. A culpa foi do pai dele, e minha. Eu não poderia deixar de fazer justiça. Eles sabiam que você era generosa, gentil e pacata, mas não contavam comigo! — a velha senhora clamou com orgulho.

— Não, eles não contavam comigo!

— Francamente, vovó, não sei o que fazer. Patsy mostrou a cópia do cheque a Connor. Ele partiu hoje de manhã acreditando que eu tive algum tipo de envolvimento com o pai dele, e nunca mais voltará.

Delores ficou em silêncio, olhando para as mãos pousadas sobre o colo.

— Tudo que ele sabia era que o abandonei por uma razão que não conseguia discernir até agora. Depois da revelação de Patsy, no entanto, passou a acreditar que eu o traí com o próprio pai! — balbuciou em meio às lágrimas.

— Fui eu quem a viu chorando aterrorizada naquele dia, como se tivesse cometido algum crime, quando foi aquele homem que a desrespeitou. Fui eu quem costurou sua blusa. Quantas mulheres que

seduzem um homem têm sua roupa rasgada? — Delores franziu as sobrancelhas desafiadoramente.

— Peça a ele que venha falar comigo, se quiser tê-lo de volta. Não terei receio de dizer o que realmente houve, tampouco de afirmar que descontei o cheque e cuidei do seu futuro.

Anne assentiu com um nó na garganta. Sua avó agira por amor, e acreditara estar fazendo o melhor, sem prever as conseqüências trágicas de sua atitude.

— Você não pode, vovó. Ele foi embora.

A expressão severa se suavizou, e Delores avaliou a neta por longos minutos. Um novo brilho iluminou seus olhos, e pousou a mão sobre o braço de Anne.

— Se Connor decidir acreditar na história de Patsy... — Ergueu os ombros, com um sorriso gentil.

— Se não confiar no que sabe a seu respeito, filha, significa que ele não a merece.

Ele se aproximou, cambaleante, e me agarrou pelos ombros. A princípio, julguei que estivesse aborrecido por algo que fiz inadvertidamente... Algo que pudesse fazê-lo pensar que eu o convidara para vir ao meu quarto. Então, percebi que ele havia bebido...

Aquelas palavras poderiam ser de Anne, Connor pensou, observando as águas serenas do mar. Mas não eram.

Recostou-se no assento, relembrando a declaração de Diana Bell com vivida clareza.

Não, eu não poderia dizer que ele me atacou. Disse palavras gentis, e percebi como era difícil repudiar alguém que me dizia coisas tão belas e

que parecia tão triste...

Depois da demissão de Diana, seu pai enviara um cheque para os familiares dela, com uma nota explicando a razão da oferta. Diana explicou que Bradford Emory não sabia que ela e seus pais não se comunicavam havia anos.

Eles sequer abriram o envelope, e o colocaram em uma caixa com seus pertences.

Quando o encontrara, anos mais tarde, descobrira que a validade havia prescrito. Ao telefonar para Patsy e pedir que o refizesse, ouvira as mais aviltantes acusações, e aquela fora a razão por ter feito ameaças de ir a público.

Connor preenchera um novo cheque no mesmo valor e resolvera o problema sem maiores incidentes.

— Estamos nos aproximando da propriedade, sr. Emory — ouviu o piloto do helicóptero anunciar.

Assentiu com um gesto silencioso, sem desviar os olhos das águas do mar.

Diana lhe revelara que seu pai era ridicularizado pelo assédio às empregadas jovens e bonitas. A maioria delas não o levava a sério, e nunca fora ameaçador ou rude. Aquela era a razão pela constante troca de empregadas, explicara, mas não significava que todas tivessem casos amorosos com ele.

Amargurado, Connor pensou nos inúmeros cheques com que seu pai havia calado diversas mulheres. Não podia culpá-las. Aceitavam o dinheiro como pagamento por terem sido assediadas.

Pensou em Anne e na insistência em dizer que nada acontecera. Na certa, assumira a culpa para si, como sempre fizera desde que a conhecia.

Fechou os olhos e apertou os dentes. Estava com ciúme, e tal sentimento o impedia de acreditar que ela era inocente.

Connor passou os dedos pelos cabelos num gesto aflito. Ela merecia desculpas. Apenas não sabia como se retratar.

Partira havia quase três semanas. Durante esse período, mantivera contato com Marcello para tratar da venda da mansão. Arrumara seus pertences para colocá-los em um depósito e colocara o apartamento à venda. Não pretendia voltar para Atlanta.

O helicóptero sobrevoou Sea Bluff por alguns minutos antes de aterrissar. Connor havia combinado com Franklin que o encontrasse com um carro. Não estava preparado para entrar na mansão em meio aos preparativos para a festa que se daria naquela noite. Julgou que não seria notado, em meio ao movimento das equipes de televisão e empregados.

Colocou a bagagem no porta-malas e apertou as mãos do jardineiro.

— Obrigado pela discrição, Franklin. — Connor se acomodou à frente do volante.

— Não há de quê, senhor.

Deu a partida e conduziu o carro em direção à cidade.

O dia estava ensolarado, perfeito para a recepção que seria oferecida a Marcello. Ele lhe dissera, na conversa por telefone na noite anterior, que todos os preparativos estavam adiantados. Anne se incumbira de todos os detalhes. Pedira ao amigo que não revelasse sobre sua intenção de voltar. Não queria que ela soubesse, ao menos por enquanto.

Entrou na cidade e rumou na direção do hospital. Ao passar pela casa de Anne, diminuiu a marcha para a admirar o jardim bem cuidado e a varanda aconchegante, imaginando quantas vezes ela se sentara ali nos últimos onze anos.

Reprimindo o remorso, seguiu em frente e estacionou à entrada do hospital.

Aquela era a última etapa que deveria cumprir para tentar corrigir o

maior erro que já cometera em sua vida.

Capítulo X

Em que posso ajudá-lo, senhor? A recepcionista ergueu os olhos do monitor a sua frente e um sorriso largo curvou-lhe os lábios ao se deparar com a figura imponente diante de si.

— Sou Connor Emory. Vim visitar uma paciente, Delores Sayer.

— Oh, sim. É claro. Sinto muito por não reconhecê-lo.

— Nós nos conhecemos?

— Não, mas todos sabem quem você é... Quero dizer, todos conhecem seu nome... E todos nós conhecemos a Sra. Delores.

— Entendo. — Sorriu com simpatia. — Ela está acordada?

— Vou verificar. — A jovem apanhou o telefone e fez uma rápida ligação. — A Sra. Sayer está a sua espera. Vou mostrar-lhe o quarto.

Seguiu a jovem pelo corredor silencioso e esperou que ela abrisse a porta do quarto número 3.

— Aqui estamos! — Fez um gesto para que entrasse e se dirigiu a Delores. — Este é o senhor...

— Sei quem ele é. Eu o espero há anos.

— Olá, Sra. Sayer — Connor saudou, ignorando a recepção hostil.

— Suponho que deveria ficar honrada com a visita de um aristocrata. — Delores ajeitou-se na cama, recostando-se à cabeceira. — Deseja alguma coisa, minha jovem?

O sorriso no rosto da recepcionista se desmanchou no mesmo instante, e ela se apressou em sair.

— Sente-se — ordenou, indicando a cadeira ao lado da cama. Connor obedeceu, puxando a cadeira para mais perto do leito.

— Você está atrasado.

— Por quê?

— Deveria ter me procurado onze anos atrás, e teria lhe dito muitas coisas...

— Talvez, mas não creio que concordaria em me receber. Para sua surpresa, ela riu com o comentário.

— Tem razão. Então, o que quer agora?

Ele inclinou o corpo para a frente e avaliou-a por alguns instantes. Anne sempre temera e respeitara aquela mulher, e conseguia entender a razão. O poder de Delores não havia se enfraquecido com o passar dos anos.

— Gostaria de saber por que você não gosta de mim.

— Ora, vamos! —Ela estreitou os olhos. — Você é um homem brilhante, Connor. Não deduziu nada durante esses anos todos?

— Queria ouvir de você.

Delores ergueu o tronco e se acomodou nos travesseiros.

— Não é nenhum mistério. Você sabe como funcionam lugares pequenos como este. As jovens têm sonhos... Fantasiam com rapazes ricos que vêm passar o verão. Apaixonam-se, fazem planos e lhes dão tudo o que têm. Mas os rapazes se apaixonam por elas? Eles têm os mesmos sonhos? — Balançou a cabeça com um sorriso amargo. — Não. Usam as jovens e as abandonam, e você não é diferente deles.

— Não é verdade. Eu me apaixonei por Anne. Você sabe disso, e creio que era o que a assustava.

Connor manteve o tom calmo e controlado. Para sua surpresa, não sentiu raiva daquela mulher. Ao contrário, uma certa admiração, terna e relutante, começou a crescer dentro dele.

— Você tinha medo que eu levasse Anne embora, não é? O que seria de você sozinha, sem ter ninguém com quem implicar? — Fez uma pausa significativa. — Sem ter ninguém para cuidar de você?

A expressão de Delores permaneceu impassível.

— É uma teoria interessante. Mas não se engane, rapaz, porque não conseguirá me enganar. Você não estava apaixonado por ela e provou isso nos últimos onze anos.

— A única coisa que provei foi que mentiras e manipulação podem funcionar por um tempo, mas não para sempre. Pelo que me consta, você é tão culpada quanto minha madrasta por manter Anne sozinha e amedrontada. Você destruiu a confiança dela e tenta me culpar pelo seu desapontamento. E quanto a mim? O que você e meus pais fizeram a Anne e a mim foi egoísta, sra. Sayer. Foi imperdoável!

Pela primeira vez, a máscara de frieza se dissolveu, e Delores demonstrou irritação. Endireitou o corpo e estendeu o indicador no ar.

— Se você realmente amasse Anne, teria confiado nela e não necessitaria perder tempo tentando provar a história dela. Teria acreditado e saberia que ela jamais poderia aceitar o dinheiro. Eu sei. E foi por isso que fiz questão de aceitar.

Connor riu com amargura. Ao menos, Delores estava certa em um aspecto: ele realmente se ausentara de Sea Bluff à procura de provas.

— Teria ajudado se você não tivesse descontado o cheque.

— E teria ajudado se ela tivesse nascido rica.

— Bem, então, devo deduzir que o fato de eu ser milionário depõe contra mim?

— Sim. Você vem, consegue o que quer e vai embora. O pai de Anne também era assim, você sabia?

Connor arqueou a sobrancelha, admirado.

— A mãe dela, minha filha, foi tola como outras jovens desta ilha, iludidas por rapazes ricos como você. Acreditava que ele se casaria com ela. É claro que isso nunca aconteceu. Para evitar que a reputação de minha filha fosse destruída, eu disse a todos que o rapaz falecera em um

acidente de carro antes do nascimento de Anne.

De súbito, ele compreendeu a obstinada hostilidade de Delores.

Refletiu sobre a vida daquela mulher e uma onda de simpatia o inundou.

— Bem, Sra. Sayer, estou aqui para lhe dizer que não sou apenas um rapaz rico. Estou aqui para lhe pedir a mão de sua neta em casamento.

Os olhos de Delores se arregalam em surpresa.

— E não me importo se você não autorizar. Vou me casar com ela de qualquer forma, mas achei que deveria lhe dar oportunidade de opinar.

— E quanto a seu pai? E quanto ao dinheiro? E quanto ao fato de sua madrasta não suportá-la?

— Vou implorar o perdão de Anne pelo comportamento da minha família, e especialmente pelo meu próprio comportamento.

— Você fará o pedido de joelhos? — Delores indagou com um brilho de malícia nos olhos.

— E há outra forma?

A expressão severa se desmanchou para dar lugar a um sorriso.

— Bem, minha neta jamais me perdoaria se eu não concordasse.

Um sorriso genuíno curvou os lábios de Connor.

A velha senhora se levantou com dificuldade e caminhou até a mesa sob a janela. Abriu a gaveta e retirou um envelope desgastado pelo tempo, entregando-o a Connor.

Intrigado, ele o abriu e sentiu o pulso se acelerar ao reconhecer a letra do pai.

Cara Anne,

Esta carta transmite minhas desculpas e vergonha pelo que fiz. Não tenho outra justificativa a não ser que sou um homem perturbado, oprimido por uma esposa de opiniões fortes. Quero que saiba que sempre

terá trabalho na mansão, se quiser. Além disso, nunca mais sofrerá meu assédio. Receio que não possa explicar, apenas pedir que me perdoe. O cheque que entreguei a Delores é para que tenha uma boa educação, e sei através do meu filho que esse é seu desejo. Imploro que aceite. Eu a conheço desde criança, Anne, e antevejo um grande futuro para você.

Com as mais sinceras desculpas, Bradford Emory

Connor releu o conteúdo, refletindo sobre ele por um longo tempo.

— Anne não sabe da existência dessa carta, Sr. Emory. Poderá mostrá-la a ela, se quiser.

— Não será necessário. — Guardou-a cuidadosamente dentro do envelope para colocá-lo no bolso.

— Vou me casar com sua neta, sra. Sayer, e prefiro que me chame por Connor. Não é preciso mais formalidades entre nós, já que seremos da mesma família.

— Está bem, Connor — Delores enviou-lhe um olhar respeitoso. — E você deve me chamar de Delores.

Ele sorriu, sentindo que o peso de séculos saía de seus ombros.

— Tem planos para hoje à noite, Delores? Gostaria de levá-la a uma festa...

Anne olhou para seu reflexo no espelho, indecisa sobre o penteado. Depois de inúmeras tentativas, decidiu prender os cabelos no alto da cabeça com uma fivela de *strass.*

Para a festa daquela noite, escolhera o vestido branco com um pronunciado decote nas costas. Sorriu ao avaliar seu reflexo. O modelo ousado realçava suas formas, e jamais o usaria dez anos atrás.

Borrifou algumas gotas do seu perfume favorito e colocou o colar e os brincos de pérolas que herdara da avó.

Ao chegar à mansão, percorreu todos os aposentos para ter certeza de que tudo estava em ordem. A noite estava perfeita, com um claro céu azul e a brisa gentil propiciando temperatura amena. No entanto, sentia-se oprimida e seu coração batia rápido no peito.

Naquela tarde, ficara sabendo que Connor havia voltado. Passara pelo quarto dele diversas vezes durante o dia, esperando ver uma valise ou qualquer outra evidência de seu retorno. As cinco horas, antes de ir para casa, a porta estava fechada, o que fez seu pulso e sua ansiedade se elevar ao nível máximo.

Sim, ele voltara!

O que teria para lhe dizer? Ainda estaria furioso? Talvez tivesse pensado sobre tudo que ela dissera e conseguido compreender, ao menos em parte, tudo que acontecera onze anos...

Ou, talvez, tivesse chegado à conclusão de que nunca poderia perdoá-la.

Seguiu para a cozinha e se deparou com Marcello na saleta de refeições, elegantemente vestido em um smoking.

— *Bellissima,* você está mais adorável do que nunca! Como consegue, com todo o trabalho que tem?

— Está sendo gentil, Sr. Tucci — agradeceu com um sorriso.

— Não. Estou sendo absolutamente honesto.

— Obrigada por tudo que fez para me ajudar nas últimas semanas.

— O que eu fiz? Nada! Foi você quem fez tudo, *bella.*

— Não é verdade. Eu não teria conseguido organizar esta festa se não fosse por sua ajuda.

Marcello riu, e a alegria dele a contagiou. Aquele homem era brilhante, generoso e alegre, e era impossível não se sentir bem na presença dele.

— Não me refiro somente à festa — ela prosseguiu, com expressão

séria. — Você me ajudou em muitos aspectos. Creio que sabe do que estou falando.

— Não é preciso agradecer. Agora, venha comigo. Temos um outro assunto para tratar.

— O quê? Mas tenho certeza de que tudo está...

— Venha — Marcello interrompeu-a com um gesto determinado.

Seguiu-o para o salão no mesmo instante em que Connor descia a escada.

Anne sentiu o coração disparar no peito. Apoiou-se no braço de Marcello, receando que suas pernas não pudessem sustentá-la.

— Ah! Connor... Exatamente quem eu esperava encontrar! Anne voltou os olhos para Connor, atraídos como ímã. Estava mais atraente do que nunca, e perfeitamente à vontade em um clássico smoking. A fragrância máscula invadiu suas narinas e ela inalou com força, sentindo o perfume inebriante.

A expressão era séria quando cumprimentou Marcello.

— Você está muito elegante, meu caro.

Anne aumentou a pressão no braço de Marcello quando as íris acinzentadas pousaram sobre si.

— E você está linda, Anne.

Ela abaixou os olhos, consciente do rubor que cobriu-lhe o rosto.

— Ela está esplendorosa — Marcello completou.

— Se me derem licença, tenho de verificar o...

— Não se incomode. Eu mesmo vou ver se está tudo bem — interrompeu-a.

— Mas você não sabe...

— Não importa. Vou verificar tudo! — anunciou, afastando-se.

O silêncio que se interpôs entre eles pareceu durar uma eternidade, até que ela o rompeu.

— Eu... Eu creio que Marcello queria que nós... — hesitou, encabulada. — ...ficássemos a sós.

Para sua surpresa, a expressão severa se suavizou e Connor sorriu.

— Ao menos, ele não nos deixou trancados.

Anne tentou sorrir, mas os músculos de seu rosto pareciam estar paralisados.

— Anne...

Connor aproximou um passo e tomou-lhe as mãos.

— Por favor, poderia se mover para mais perto da porta? — um rapaz empunhando uma câmera gritou para eles. — Gostaria de verificar a luz, se não se importarem.

Ele soltou o ar com força sem se voltar para o rapaz.

— Claro — Anne respondeu.

— Não vê que eles estão ocupados? — Prim censurou ao emergir da cozinha. — Eu farei isso. Vocês dois, fiquem exatamente onde estão!

Anne riu, nervosa, preocupada com a expressão séria no rosto de Connor.

— Há algum lugar que possamos conversar com privacidade? — ele indagou, olhando ao redor.

— Creio que não. Os convidados deverão chegar em poucos minutos, e todos os cômodos estão destinados a algum tipo de atividade...

— Nesse caso, será aqui mesmo.

Anne o fitou, apavorada. Uma onda de pânico a invadiu, embora não soubesse dizer a razão. Sabia apenas que tinha de estar preparada para qualquer coisa.

— Anne, quero me desculpar...

— O quê!?

Por mais que pensasse em todas as possibilidades para aquele encontro, as palavras simples e diretas a pegaram de surpresa.

— Você ouviu. Fui um completo idiota. Acusei-a de uma situação da qual você não tinha culpa. E, pior, não acreditei em você.

Anne se lembrou de respirar. Nem em seus mais desvairados sonhos poderia imaginar algo tão inesperado.

— Você... você se refere ao cheque?

— Vamos esquecer aquele cheque. Você merecia muito mais. Falei com Delores hoje, e ela...

— Você falou com minha avó?

— Sim. Convidei-a para vir à festa, mas ela recusou. Disse que prefere a companhia das enfermeiras aos esnobes da alta sociedade.

Anne riu, tentando esconder a apreensão. Se ele estivera com Delores, então...

— Ela me contou toda a verdade, mas não seria necessário. Eu já sabia. Estou me desculpando por não tê-la compreendido, por ser egoísta, obstinado e inflexível, e por não perceber tudo pelo que você passou. Não posso sequer imaginar a pressão que deve ter sofrido onze anos atrás. Meus pais... — interrompeu-se, com evidente constrangimento. —Bem, o que fizeram foi imperdoável. E eu achei que já houvesse superado... Mas não superei, e quero implorar seu perdão, embora eu não mereça.

— Está pedindo que eu o perdoe?

— Por Deus, sim! Sei que é a pessoa mais generosa que conheço, Anne, e imploro que considere meu pedido.

— Connor, não há nada para perdoar. Você foi a vítima. Foi enganado por mim, por seu pais, por todos!

— Eu fui a vítima? Anne, você é incrível! Terá de aprender a sentir raiva, mas, nesse momento, estou feliz que não saiba. — Sorriu com ternura e enfiou as mãos no bolso do casaco. — Devo voltar a Atlanta para encerrar alguns compromissos, mas...

— Encerrar alguns compromissos? — ela repetiu, intrigada.

— Sim. Coloquei meu apartamento à venda, e se o que estou planejando der certo, pretendo me mudar.

— Entendo. Você vai para a Europa, assumir uma das filiais da Companhia Emory?

— Oh, não! Pensei em algo mais sossegado. Hoje em dia, com os recursos da informática, posso montar meu escritório em qualquer lugar do planeta, e estarei separado das filiais por apenas algumas horas de vôo em meu jato, o mesmo tempo que perderia no trânsito de uma metrópole.

— Tem razão. E quais sãos os planos que espera se efetivarem para que tudo isso se realize?

Antes que ele pudesse abrir a boca, os holofotes se acenderam, e a equipe de filmagem se reuniu num piscar de olhos.

— Aqui estão os convidados! Ron, vá para mais perto da porta. Você deverá filmá-los na entrada — uma voz ecoou do interior da mansão, orientando o posicionamento das câmeras.

No instante seguinte, os músicos ensaiaram os primeiros acordes de *As Quatro Estações,* de Vivaldi. O burburinho formado pela chegada dos primeiros convidados encheu o ambiente, e a mansão foi subitamente invadida, tendo Marcello atuando como anfitrião.

Ao se verem interrompidos, Anne e Connor se olharam em silêncio.

Ela desejava que aquele momento durasse para sempre, e seu coração se enterneceu com os acordes tocantes do violino.

Connor aproximou um passo e lhe disse ao ouvido:

— Encontre-me no jardim dos fundos, à meia-noite. No momento seguinte, ele havia desaparecido.

A festa foi o maior sucesso de sua carreira, ela concluiu horas mais tarde, exausta e satisfeita.

Depois de supervisionar o trabalho dos garçons, foi para a varanda dos fundos e procurou o nicho formado pelo caramanchão de primavera,

com intenção de descansar alguns minutos. Recostou-se na amurada do pergolado e se sobressaltou ao ouvir uma acalorada discussão. Voltou-se e avistou Gabrielle, semi-escondida pela folhagem, discutindo ferozmente em italiano com um jovem moreno e elegantemente vestido. Ao vê-la gesticular e falar ao mesmo tempo em que o rapaz, pôs-se a pensar como poderiam se entender.

Quem seria aquele elegante jovem? Nunca o vira antes, mas, na certa, Gabrielle não estaria discutindo com ele se não o conhecesse.

— Você também gosta desse refúgio... Ela ouviu a voz de Marcello atrás de si.

— Gosto de me esconder aqui, quando necessito de um pouco de paz.

— Mas parece que outros visitantes chegaram primeiro...

— O que estão dizendo?

— Stefanno quer explicações sobre uma série de boatos em que o nome de Gabrielle aparece.

— Oh! Ele soube dos rumores espalhados pelo *Observador Anônimo!*

— Sim.

— Stefanno é namorado de Gabrielle?

Marcello cobriu os lábios com o indicador num gesto sugestivo e indicou a direção em que se encontrava a filha. Anne voltou-se e não conteve o sorriso. O rapaz se ajoelhara e tomara as mãos de Gabrielle, que sorria enlevada.

— Talvez mais tarde eu lhes conte sobre a *villa* que receberão como presente de casamento.

—Piscou para Anne com um sorriso. — Creio que estão muito ocupados agora, não acha?

Anne encarou-o com expressão intrigada e, de súbito, começou a rir.

— Então, era por isso que Sean estava escrevendo aqueles artigos... Você os estava usando para fazer o pobre rapaz ficar com ciúme!

— Eu também tenho meus pequenos truques, *caríssima.* — Enviou-lhe olhar de cumplicidade.

— E sei manter segredos. Não revelarei a ninguém sobre os fatos estranhos ocorridos na minha estada, como cupins, portas que se abrem sozinhas e fantasmas.

Anne corou até a raiz dos cabelos, mas o sorriso amigável no rosto simpático a tranqüilizou.

Seguiu para a cozinha com um sorriso nos lábios e olhou para o relógio. Passava das onze horas. Tentou se ocupar, obrigando-se a desviar o pensamento da imagem de Connor. Porém, por mais que tentasse, as palavras ecoavam em sua cabeça como se viessem de um sonho.

Encontre-me à meia-noite... Por quê? O que teria a lhe dizer?

Seus pensamentos foram interrompidos quando Prim se aproximou com passadas rápidas.

— O sr. Tucci anunciou que quer a presença de todos no salão principal à meia-noite. O que acha que vai acontecer?

— Oh... Talvez ele esteja planejando anunciar a compra de Sea Bluff — respondeu, com o coração apertado.

Vinte minutos mais tarde, todos os convidados se reuniram no amplo salão, tendo ao centro Marcello e Connor.

— Atenção, por favor! — Marcello pediu agitando as mãos no ar. O gesto fez com que o burburinho cessasse no mesmo instante.

— Connor tem um importante anúncio a fazer.

Anne deu um passo à frente com o coração aos pulos. A seu lado estavam Prim, Dill, Franklin, Trudy e Lois. Ela fizera questão de estar ao lado dos amigos, para confortá-los quando soubessem da verdade.

— Como a maioria já sabe, minha família deixou de freqüentar esta

ilha, e Sea Bluff tem sido uma propriedade comercial nos últimos dez anos. — Connor olhou ao redor, fixando a atenção em Anne. — Então, quando Marcello demonstrou interesse em comprá-la, eu aprovei a idéia.

O murmúrio agitado dos presentes o interrompeu, e pediu silêncio com um gesto enfático.

— Ontem, a venda se tornou oficial. A propriedade foi adquirida pelo sr. Marcello Tucci.

Anne suspirou. Estava perdendo o emprego por causa daquele homem e, mesmo assim, gostava dele.

Patsy deu um passo à frente e pediu silêncio.

— Gostaria de dizer como estou feliz com essa venda. Marcello é amigo da família há muitos anos. Tenho certeza de que se preocupará em manter a integridade histórica do patrimônio.

Prosseguiu com um pequeno discurso enquanto Anne dizia para si mesma que aquela mulher deveria estar explodindo de felicidade. Afinal, receberia milhões de dólares pela venda.

— ...e espero que a tradição de receber convidados continue. O som dos aplausos a distraiu, e percebeu que Patsy havia concluído seu discurso.

— Foi um discurso adorável, *cara mia,* mas... — Marcello limpou a garganta com solenidade.

— Esse aspecto não dependerá de mim. Mudei de idéia quanto aos planos para Sea Bluff, e decidi deixá-la sob cuidados de um administrador mais dedicado e confiável que eu mesmo.

Anne prendeu a respiração, certa de que ele doaria a propriedade ao Estado. Os membros da Sociedade Histórica exultariam com a notícia, pensou com desgosto.

Procurou Connor com o olhar. Ele mantinha uma expressão impossível de se decifrar.

Então, Marcello abriu caminho entre o aglomerado ao seu redor e

seguiu diretamente na direção dela. Intrigada, observou-o se aproximar, e notou que ele retirava alguns papéis do bolso do casaco.

Tomou-a pela mão e a levou para o centro da sala.

— Fui proprietário de Sea Bluff por apenas alguns minutos... A propriedade não mais me pertence.

— Tomou as mãos de Anne para lhe passar um documento. — Pertence a você, minha querida.

— O quê!?

Anne abriu a boca, incapaz de encontrar palavras. Aquilo tudo estaria realmente acontecendo?

— Mas, como? Marcello, isso é loucura! Não posso aceitar! Você não pode...

— Não é da minha parte. Recebi uma oferta irrecusável, e vendi a propriedade, minha cara. E você se surpreenderá ao ver de quem está recebendo este inusitado presente...

Ele inclinou a cabeça na direção de Connor, que caminhava para o centro da sala, postando-se ao lado dela.

— Anne... Eu não esperava ter de revelar em público, mas Marcello não me deu alternativa...

— Connor sentia-se encabulado como um adolescente. — Você me perguntou quais eram os planos para que minha mudança se concretizasse, e não tive chance de responder. A resposta é simples... Todos os meus projetos se concentram em você, meu amor.

Ela lutou contra as lágrimas, mas a emoção devastadora que a inundou transbordaram em seus olhos.

— Descobri, durante os últimos onze anos, que ao procurar alguém para compartilhar minha vida, meu pensamento acabava sempre se voltando para você — ouviu-o prosseguir com voz embargada. — Descobri que tudo o que mais quero é viver aqui, ao seu lado, nesta mansão em

que fomos tão felizes...

Anne pressionou os dedos com força no braço de Marcello, receando que suas pernas não pudessem sustentá-la. As palavras de Connor reverberavam em sua cabeça, fazendo-a mergulhar em um turbilhão de felicidade.

— Você é única, Anne, e sempre será.

Atônita, observou-o retirar uma caixinha de veludo azul do bolso do casaco. Abriu-a e, brilhando entre seus dedos, mostrou-lhe, reluzindo, o mais esplêndido anel de diamantes que ela já vira.

— Anne Sayer... — Ele se interrompeu para se ajoelhar e tomar-lhe as mãos. — Quer se casar comigo?

O murmúrio de excitação que percorreu a sala acompanhou a onda de euforia que correu pelo seu corpo.

Anne não conseguia respirar. Por um segundo, teve consciência de .que as câmeras de televisão focalizavam-se sobre ela, mas ignorou que o mundo todo estava assistindo ao vivo a um pedido de casamento.

— Sim, Connor. Quero me casar com você, um milhão de vezes!

— Um brinde a Connor e Anne! — Marcello propôs, mas ela não pôde ouvir.

Sob o coro entusiasmado dos convidados, entreabriu os lábios para receber o beijo apaixonado do homem que amava e com quem pretendia viver por toda a eternidade.